

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1970

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 224 ANO 50.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo em

MESA REDONDA

suplemento das sextas-feiras

NANCY SINATRA VAI CASAR

PALM SPRINGS, 3 — (R.) — A cançonetista Nancy Sinatra vai casar, no próximo dia 12, com o produtor Hugh Lambert, segundo revelou o seu agente artístico.

O casamento realiza-se numa igreja católica desta cidade no dia em que o pai da noiva, o famoso Frank Sinatra, faz anos.

Entrevistada por um cronista social, Nancy disse: «Decidi que, como o meu pai gosta muito de dar coisas às pessoas, assim tinha a oportunidade de dar a minha mão no mesmo dia em que faz anos».

Este será o segundo casamento tanto para Nancy, que tem 30 anos, como para Lambert, de 40. O copo-d'água reali-



NANCY — a filha de Sinatra

za-se na casa de Sinatra, no deserto, para onde o actor se mudou recentemente a fim de fugir à poluição da atmosfera da cidade.

AS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS PODEM VIR A SER CHAMADAS ESTADOS

Segundo a proposta de lei de revisão constitucional, cujo articulado publicamos na página 17, as províncias ultramarinas podem vir a ser designadas estados.

O Governo enviou já também à Assembleia Nacional a Proposta de Lei de Imprensa, cujo texto publicaremos amanhã.

Os médicos vão faltar

—afirmou o prof. Miller Guerra ao pedir na Assembleia Nacional a criação de outra Faculdade de Medicina

A criação de uma nova Faculdade de Medicina, aproveitando o hospital que se projecta edificar no Restelo, foi alvitrada pelo deputado Miller Guerra, ao discursar esta tarde na Assembleia Nacional.

«A nova Faculdade deve ser nova e inovadora, de modo que ali se ensaiem métodos de organização escolar e assistencial, científicos e tecnológicos, modernos e progressivos, os quais, pelas razões que sabemos, são presentes e impraticáveis» — acentuou o deputado.

Outras condições foram pedidas pelo prof. Miller Guerra para a nova Faculdade:

1.º) que a nova Faculdade seja independente e autónoma, isto é, sem sujeição à antiga Faculdade e possuindo autonomia pedagógica e administrativa;

2.º) que a organização do ensino e da investigação se efectue por departamentos disciplinares, abandonando a arcaica centralização pedagógica, assistencial e de pesquisa na cátedra e nos pequenos

e pouco produtivos laboratórios;

3.º) que o recrutamento dos professores se faça por critérios diferentes daqueles que, contra ventos e marés, têm prevalecido e que assentam na co-optação, processo paralisante que sustenta as autocracias universitárias;

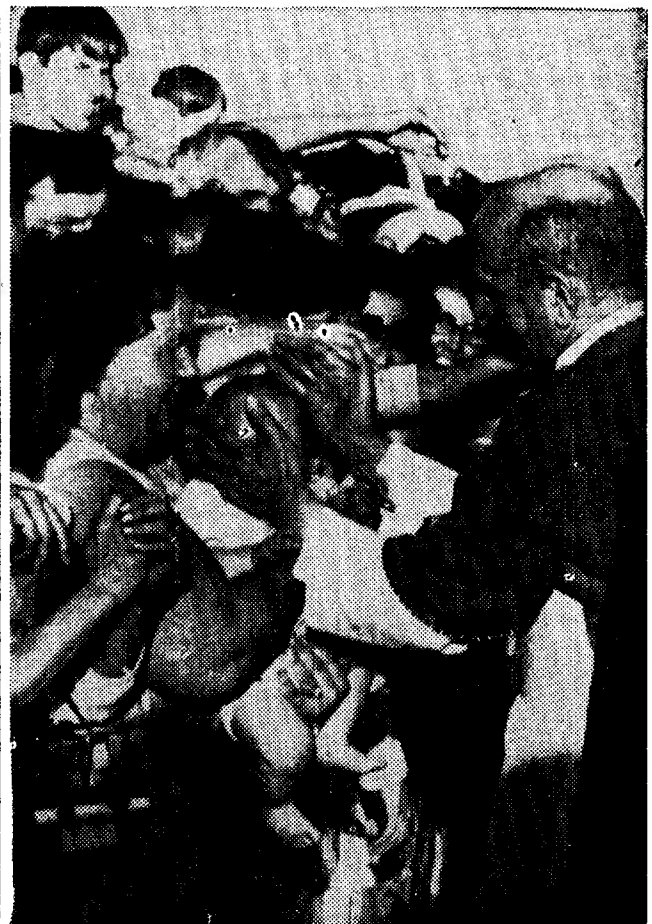
4.º) que o corpo docente seja constituído por pessoas novas na idade e nas ideias, e não somente nas ideias, como tantas vezes se pede.

O prof. Miller Guerra rebateu os argumentos segundo os quais não haveria gente para os cargos docentes de outra Faculdade de Medicina. «Eu diria precisamente o contrário» — asseverou —, a dificuldade está na escolha não no número. Existem na Faculdade de Medicina jovens talentosos com minúsculas esperanças de acesso ao professorado. Além disso, há nos Hospitais Cívicos de Lisboa largo campo de recruta-

(Continua na página seguinte)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(Ler na pág. 2)



Paulo VI, que hoje chegou à Indonésia, acaricia uma criança durante a sua visita a Sydney, na Austrália

Soldados e portas blindadas na recepção ao Papa em Djakarta

DJAKARTA, 3 — (F. P.) — O Papa Paulo VI chegou hoje ao aeroporto de Djakarta às 15 e 32 (locais).

Havia pouca gente no aeródromo à chegada de Paulo VI. Provavelmente devido à severidade das medidas de segurança tomadas. No aeroporto só entravam individualidades governamentais e diplomatas. Um grupo de raparigas estudantes e outro de cadetes católicos da Academia Militar foram autorizados a receber o Papa. As duas portas de vidro de entrada para o aeroporto foram

blindadas. Nos terraços só se viam soldados armados patrulhando ou então rodeando um grupo de umas 150 pessoas que ali se encontravam, várias esperanças de partidas ou chegadas de aviões.

Djakarta, que teve a visita, sob o reinado de Paulo III, de São Francisco Xavier, é hoje visitada por Paulo VI. Os 115 milhões de habitantes da Indonésia são muçulmanos na proporção de 80 por cento, os católicos são hoje 2 400 000 e os protestantes 7 500 000. Há também pequenos gru-

pos de budistas, hinduístas, animistas, etc.

A liberdade de culto é garantida pela Constituição indonésia. O Estado é laico, e por consequência tolerante em matéria religiosa. Assim, os muçulmanos não conseguiram obter a proibição das actividades

(Continua na 18.ª página)

HOJE 32 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA



FRIO

Chegou súbitamente, ao cabo de um dos Outonos mais quentes jamais registados em Portugal. O facto habituou mal as pessoas e, desde ontem, não se fala noutra coisa em Lisboa. As pessoas, ontem, ainda vieram desprevenidas para a rua e tiritaram, sem abafos. Hoje, porém, como a temperatura baixou mais, já vieram abafadas mas continuam a tiritar, como as imagens provam...

Pedida na Assembleia a criação de mais uma Faculdade de Medicina

(Continuação da pág. anterior)

mento, aliás, tradicional, por que muitos dos docentes procedem desse reputado estabelecimento. Em outras instituições públicas e privadas há médicos jovens de valor. Por fim, podem dispersos por essa Europa e América dezenas de cientistas médicos e biólogos de especialidades várias, alguns possuidores de títulos já conquistados, que regressariam ao primeiro ano de uma Faculdade que lhes concedesse meios de estudo e lhes abrisse a carreira docente ou de pesquisa.

«Pode afirmar-se afoitamente que nos próximos anos os médicos vão faltar» — disse, noutro passo da sua intervenção, o prof. Miller Guerra, desfazendo o receio de que o número de médicos aumenta exageradamente e voltamos a experimentar a situação de há trinta ou quarenta anos — a pleora médica.

E a terminar o seu discurso, salientando que uma nova Faculdade levará 10 anos a erigir, afirmou ainda o deputado Miller Guerra:

«E agora o ensino de dar um impulso à política da saúde, compreendida na sua

quádrupla dimensão: hospitalar, saúde pública, prevenção e formação médica.

«Terá chegado o momento do arranque inovador, ou teremos de continuar esperando?»

O prof. Miller Guerra foi um dos quatro deputados inscritos para usar hoje da palavra no período «antes da ordem do dia», nos trabalhos da Assembleia, que prosseguiram à hora regimental.

Outros deputados inscritos foram o almirante Reboredo e Silva («Relações luso-brasileiras»), o dr. Man. José Homem de Mello («Portugal na ONU») e o dr. Oliveira Dias («Conversações com a C. E.»).

Na «ordem do dia» (Lei de Meios para 1971) usaram da palavra os deputados Reboredo e Silva e Alarcão e Silva.

RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA MONTE OLIVETE

Com um desafio de futebol entre «caloiros» e «veteranos», começou a efectuar-se, esta tarde, o programa de recepção aos novos residentes da Residência Universitária Monte Olivete, na Rua da Imprensa Nacional, 116. À noite, cerca das 21 horas, o dr. Romeu Ramos, assistente da Faculdade de Ciências, faz uma palestra subordinada ao tema «Introdução ao estudo da Matemática».

Amanhã, às 19 e 30, há um jantar de confraternização, seguido de apresentação prática e, depois de amanhã com início às 15 horas, realiza-se um baile de recepção.

Em três linhas

Para os funerais dos deputados que morreram na Guiné, foi aberto no Ministério das Finanças, a favor dos encargos gerais da Nação, um crédito de 100 contos.

///

O sr. José Maria Gonçalves Baltazar foi nomeado presidente da Câmara Municipal do Sabugal.

///

O eng. Armando Gonçalves Rodrigues foi nomeado presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso.

por ter findado o mandato do dr. Avelino Pereira de Carvalho, a quem foi conferido público louvor.

///

O sr. Manuel Gonçalves Relego foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Mértola, considerando-se exonerado da vice-presidência da mesma câmara, que actualmente exerce.

///

O sr. José Palma Ferreira foi nomeado vice-presidente da mesma Câmara Municipal de Mértola.

Administração

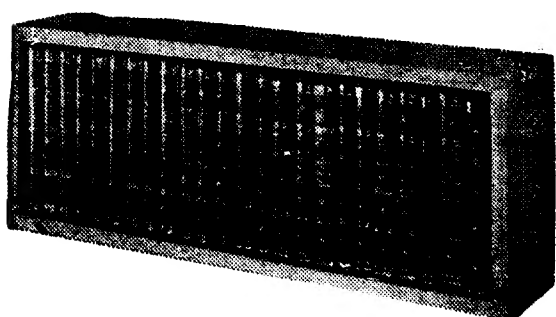


de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

UMA OPORTUNIDADE

Valorize a sua biblioteca comprando uma série de 24 volumes no formato de 16,5x11 cm, encadernados em balacuir e apresentados numa ESTANTE DE BOA MADEIRA, tudo por 600\$00 — importância que pode ser liquidada em 12 prestações mensais de 50\$00

48 volumes, numa ESTANTE DUPLA, tudo por 1200\$00 em 20 prestações mensais de 60\$00



Para a escolha das obras remeteremos, sem qualquer compromisso, a quem a solicitar uma lista das mesmas. Entrega imediata das obras e respectiva estante contra o primeiro pagamento.

OFERTA EXCEPCIONAL

15 VOLUMES A ESCOLHA, ENCADERNADOS EM BALACUIR, PAGOS SUAVEMENTE em 10 prestações mensais de 60\$00

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMELO CASTELO BRANCO
JULIO DINIS
STEFAN ZWEIF

e outros autores — cerca de 300 volumes — constam de uma lista que remeteremos a quem a solicitar

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO
ou à FILIAL EM LISBOA

AV. ALMIRANTE REIS, 102, R/C., DT. — L SBOA-1

RECORTAR ESTE
CUPÃO E REMETER A

LIVRARIA
CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires
Gouveia, 27
— PORTO —

(D. L.) Agradeço que me enviem um impresso-proposta e lista de obras para a minha aquisição na modalidade PAGAMENTOS SUAVES

NOME (bem legível)

ENDEREÇO

ÍCARO DE NARIZ ESFOLADO...

PETERBOROUGH, 3 — (ANI) — O «Homem Pássaro» de Peterborough não conseguiu mais do esfolar o nariz na tentativa que hoje fez de saltar do telhado dum supermercado, com asas de madeira e carvão.

O moderno Icaro inglês — Walter Cornellius, de 44 anos — saltou duma altura de nove metros e entrou de cabeça nas águas do rio Nene, de onde saiu com o nariz a sangrar e as asas desfeitas.

«Mas não estou nada desanimado, para a próxima vou ser melhor» — disse Cornellius.

RECUPERAÇÃO

EM WALL STREET

NOVA YORK, 3 — (F. P.) — Pela primeira vez desde 8 de Janeiro de 1970, o índice dos valores industriais subiu acima de 800, atingindo 802,64, com uma alta de oito pontos em relação à véspera.

FIM DE TARDE EM S.BENTO

Os trabalhos da Assembleia Nacional foram ontem naturalmente dominados pela presença do prof. Marcello Caetano, que ali esteve, no uso das prerrogativas que a Constituição lhe confere, para ler a importante exposição aos deputados que o País já conhece mas que, na altura, era aguardada com unânime expectativa pela Câmara. Na tribuna do Governo, além do presidente da Câmara Corporativa, todos os ministros, secretários e subsecretários de Estado. Tribunas cheias de convidados, imprensa estrangeira, corpo diplomático.

Foi, portanto, num ambiente de certa solenidade que a voz do Presidente do Conselho ecoou no silêncio atento da vasta sala da Assembleia Nacional. Uma voz que traçou os caminhos próximos futuros do País de hoje, explicitando os objetivos do Governo. Uma voz serena e grave.

Ao abrir a sessão, estavam presentes 85 deputados, número que foi aumentando com a chegada de alguns retardatários. Na sala viam-se câmaras de televisão e projectores. Na tribuna, microfones da E. N. e de postos particulares.

O eng.º Amaral Netto começou por anunciar estarem na mesa duas propostas de lei do Governo. Uma relativa à revisão constitucional outra ao condicionamento e organização da Imprensa. Evocou e propôs votos de pesar pelo falecimento de antigos deputados.

Um único parlamentar estava inscrito no período antes da ordem do dia: o deputado Teófilo Lopes Frazão, do círculo de Beja, que homenageou a memória do dr. Covas de Lima, lembrando em termos comovidos a sua participação na batalha dura contra a tuberculose.

Como dissemos acima, o Presidente do Conselho falou serenamente e com certo tom solene, ante a expectativa geral. No final, a Câmara e o público, de pé, aplaudiram o Chefe do Governo, que se retirou acompanhado pelo presidente e secretários da mesa.

As tribunas esvaziaram-se. A sessão prosseguiu, já com o clima habitual. Na ordem do dia, a discussão na generalidade da chamada Lei de Meios, para 1971. Apenas um orador inscrito: o deputado Correia da Cunha.

Aquele parlamentar fez elogios e colocou algumas reservas à proposta de lei de autorização das receitas e despesas para 1971. E acrescentou a certa altura: «Com o mesmo interesse com que se explica como vão ser cobradas as receitas, deve dizer-se, muito concretamente para que vão elas ser cobradas. E este é o momento azado. Com a Lei de Meios devíamos ter conhecido o programa de execução do Plano de Fomento (em curso) para 1971, o relatório sobre a execução do mesmo em 1969 e, possivelmente, no primeiro semestre do ano corrente».

A margem da sessão, não deixa de ter excepcional importância o texto já divulgado da proposta de uma Lei de Imprensa, subscrita pelo ministro da Justiça. Vai ser remetida para a Câmara Corporativa, onde já se encontra o texto do projecto de Lei dos deputados Sá Carneiro e Francisco Balsemão. Uma afirmação extraída do introito da proposta: «A vida moderna decorre sob o signo da informação. A questão reside, cá e lá fora, nas garantias e limites estabelecidos para a livre informação. Com efeito, diz-se no projecto do diploma governamental, no exercício de um direito tem naturalmente os limites da sua função social.» E acrescenta-se: «Em lógico desenvolvimento do princípio da liberdade de imprensa, tal como acontece nas leis estrangeiras, consagra-se uma série de normas sobre as suas garantias e limites».

A Lei de Imprensa que vai ser legislada terá de aguardar os pareceres da Câmara Corporativa. E é natural que os deputados, antes da votação final, tomem também em conta os pontos de vista dos diversos sectores interessados, expressos na generalizada discussão que, sem dúvida, não deixará de verificar-se sobre assunto tão importante.

MANUEL DE AZEVEDO

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO DE VISITA A BRAGA

BRAGA, 3 — Para uma visita de dois dias a este distrito, chegou a esta cidade o prof. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional, acompanhado do seu chefe de gabinete, dr. Alberto Machado. Aquele membro do Governo era aguardado em Ribeirão, limite do distrito, pelo governador civil de Braga, presidente da Câmara de Famalicão e outras individualidades. Após os cumprimentos, o ministro seguiu para Famalicão, cuja escola técnica e várias escolas primárias visitou. Seguidamente, dirigiu-se para Braga, onde observou o Liceu Nacional de Sá de Miranda e o Liceu Feminino D. Maria II, a fim de se inteirar de diversos assuntos relacionados com aqueles estabelecimentos de ensino. A tarde, o prof. Veiga Simão deslocou-se aos edifícios da Escola do Magistério Primário e da Escola Técnica, apreciando, em seguida, as obras em curso na nova escola do ciclo preparatório.

NOVA PROFESSORA DE FARMÁCIA

COIMBRA, 3 — Na Sala Grande dos Actos, esta manhã concluiu as suas provas para professora agregada da Faculdade de Farmácia, a dr.ª D. Maria Serpa Santos, que exerce já as funções de professora auxiliar. Presidiu a vice-reitor da Universidade, prof.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira, constando a prova da apreciação do «currículo vitae» da candidata.

Foram arguentes os profs. Guilherme Barros e Cunha e Ramos Bandeira, tendo o jur. deliberado aprovar a dr.ª D. Maria Serpa Santos.



Convide

Venha, de 3 a 9 de Dezembro, à PERFUMARIA ARMANDA, na Rua de Santa Justa, 85. Espero a todas as tardes, e ao Sábado durante todo o dia. Nem você sabe quanto é importante o que tenho para lhe dizer. Venha... até ao dia 9 de Dezembro.

Na PERFUMARIA ARMANDA, há também uma prenda para si. Uma prenda que ENGLISH LEATHER lhe oferece.

Se não puder vir, peça-lhe... a ela, que venha.

Miss English Leather

O PIOR DO PAQUISTÃO ORIENTAL NÃO SÃO VAGAS NEM CICLONES

DACCA — Mesmo nos momentos mais favoráveis, o Paquistão Oriental é um pesadelo de subdesenvolvimento. É uma das regiões do mundo de maior densidade populacional. Até à catástrofe de Novembro, cerca de 2 500 000 pessoas viviam nas terras lamacentas do delta do Ganges. Agora terão morrido talvez 500 mil e a região recebe lentamente o abastecimento de socorros destinados aos sobreviventes, que, no dizer de um observador paquistanês, ficaram sem recursos e perderam tudo, incluindo as próprias forças.

De um avião, em voo baixo, só conseguimos avistar pequenos grupos de pessoas nas regiões mais atingidas pelo vento e pela cheia. Certos locais mostram-se totalmente varridos e só as filas de palmeiras assinalam os pontos onde se erguiam os edifícios, totalmente desaparecidos. Parece haver pouca actividade nas regiões devastadas, que, na sua maioria, continuam quase isoladas. As pequenas embarcações que eram o principal meio de transporte do delta, desapareceram na tempestade. As estradas foram cortadas quando as vagas se fizeram submergir e não se quer existem pistas para os pequenos aviões. Os socorros e os soldados encarregados de os

distribuir chegam a Dacca, vindos de países estrangeiros. Mas em Dacca não se sente qualquer atmosfera de crise. Os jornais descrevem a capital do Pa-

milhão e meio de habitantes da capital ostentaram um sinal de luto.

Aqui não há nenhuma tragédia pessoal. Poucos habitantes de Dacca são oriundos da região meridional do delta, por isso, há poucos laços de família com a região. Uma entidade patronal faz notar que nenhum dos seus 53 trabalhadores era do delta (que começa a menos de 70 km da cidade).

A indiferença e a falta de organização, de experiência e de mão-de-obra ameaçam fazer prolongar os sofrimentos do delta e

tada pela zona ocidental, agravou os problemas económicos do Paquistão Oriental. Aqui não há de carvão, mas este em vez de ser adquirido na Bengala Ocidental (a 60 km de distância) é comprado em Vladivostok. Porque Bengala é na Índia e a Índia é o «inimigo», o parcelo não é autorizado. Dois recursos da região, o peixe e o gás natural, só podem, por sua própria natureza, ser vendidos num mercado próximo. Como não pode vender o peixe e o gás à Índia, o Paquistão Oriental vê-se impossibilitado de explorar esses dois recursos.

Quer os socorros cheguem em abundância, quer não, o Paquistão Oriental terá de enfrentar grandes sofrimentos nestes anos mais próximos. A produção agrícola aumenta de 2 a 3 por cento por ano, mas a população sofre uma taxa de crescimento anual superior a 3 por cento. A indústria está em ponto de estagnação, salvo o caso da indústria da fruta, mas a procura deste produto está em declínio nos mercados mundiais.

Têm-se grandes esperanças de uma nova variedade de arroz vir a aclimatar-se no delta e noutras zonas. Se assim for, o Paquistão poderá deixar de importar os dois milhões de toneladas de cereais ora importados por ano, em especial no mercado dos E. U. A. Por outro lado, nada prova que o programa de «contrôle» de natalidade, dentro de 15 ou 20 anos, esteja a dar resultado. Segundo um responsável dentro, e apesar da exploração da nova variedade de arroz, haverá nova penúria de terras aráveis.

Mau grado as devastações actuais, milhões de pessoas continuarão a viver no delta do Ganges, sabendo, embora, que haverá novo ciclone ou nova vaga, simplesmente, não há outro lugar para onde possam ir.

Por LEE LASCAZE

(Exclusivo «The Washington Post» - «D. L.»)

quistão Oriental como uma cidade em estado de choque. Nada de mais falso.

Dacca continua a sua vida normal, segundo os habitantes daqui. E só em certas repartições desta cidade superpovoada é que se vêem paquistaneses e estrangeiros tentando organizar os socorros para o delta. Durante o luto nacional só 10 por cento do

são já tema de recriminação política. O Paquistão Oriental, Estado de Bengala, não tem nenhuma herança comum com o povo punjab do Paquistão Ocidental, situado a mais de 1500 quilómetros dali. O povo daqui está ligado ao Estado indiano de Bengala, que liga a Ocidente com o Paquistão Oriental.

O Paquistão Oriental (que cobre apenas 15 por cento da superfície total do Paquistão e engloba 56 por cento da população nacional) foi sempre o parente pobre desde que o Paquistão foi criado, por altura da partilha da Índia, em 1947.

Geralmente, considera-se que o Paquistão tem um ritmo favorável de desenvolvimento, mas este desenvolvimento está reservado ao Ocidente. As exportações da zona oriental, em grande parte, constituídas pela junta e seus produtos, fornecem cerca de metade do total de divisas do Paquistão. Mas o Paquistão Oriental pouco beneficia com isso, a acreditarmos nos responsáveis daqui! A política do Governo, di-

NOTA

A REVISÃO

AGORA ACABOU a possibilidade de especulação. Não vale mais a pena jogar aos palpites de ver o que viria dizer o Presidente do Conselho quanto às ideias do Governo em matéria de revisão constitucional, porque desde ontem à tarde que já disse de todas elas o bastante para se saber: primeiro, quais os pontos onde o Governo propõe que se mexa; segundo, o sentido e os limites a que o Governo julga oportuno subordinar a revisão a que se vai proceder. Numa comunicação dirigida a uma assembleia representativa, naturalmente por isso de um estilo diferente do que costuma usar quando «conversa» pela televisão directamente com os cidadãos comuns, interessada assinalar alguns pontos e verificar o tom escolhido pelo prof. Marcello Caetano.

O primeiro cuidado foi o de tentar eliminar fronteiras entre «continuidade» e «renovação». Assenta-se que não haverá que escolher entre uma coisa e outra na medida em que o prof. Marcello Caetano, para cortar as asas a hermenéuticas mais teimosas, capazes de se julgar mais perspicazes, nos vem dizer que não haverá uma coisa sem a outra. Por isso acentuou que há «apenas que afirmar o propósito de renovação na continuidade, isto é, de seguirmos sendo quem somos, mas sem nos deixarmos anquilosar, envelhecer e ultrapassar».

A ligação estabelecida com o seu antecessor deu-lhe ao dizer que o seu estado de saúde (de Salazar) «não permitiu que com ele conversasse alguma vez na qualidade de Presidente do Conselho». Não houve, pois, constrangimento, nem coacção psicológica, nada. Com o que, como disse, coacção se os que «supuseram que a morte do grande homem removeria algum obstáculo à realização dos projectos do novo Governo». Na vida e na morte, portanto, como disse, era igual o respeito «pela sua figura, pelas suas ideias e pela sua obra».

E daí a sua conclusão: «A maior homenagem que se pode prestar ao dr. Salazar não é querer que o País permaneça imobilizado num determinado ponto que se julgue corresponder ao óptimo do seu pensamento político». Por consequência, «não podemos hesitar perante as decisões a tomar, nem tremer aos menores abalos de uma paz que por toda a parte é precária». O remédio é andar para a frente com as salvaguardas de quem sabe o caminho que escolheu e que terá de percorrer apesar dos trabalhos que se lhe levantem debaixo dos pés.

O primeiro ponto abordado quanto ao projecto de revisão é o de nele não se atingir o estatuto da Presidência da República, nem os poderes nem o modo de designação: «Há toda a vantagem em conservar o Chefe do Estado fora das responsabilidades quotidianas da governação, mantendo-o como suprema instância julgadora do processo de modo de funcionamento dos outros órgãos da soberania, sobretudo do Governo e da Assembleia Nacional». O que é, por assim dizer, uma espécie de lembrança do que, na Carta Constitucional, se chamava o Poder Moderador.

Outros pontos anunciados: tentativa ou esboço de ampliação das atribuições legislativas da Assembleia e valorização do trabalho das suas comissões, com um aceno de lembrança à Câmara Corporativa; no que diz respeito ao poder judicial, com as homenagens que lhe são devidas, anuncia-se a criação de uma instância especial para julgar da constitucionalidade das leis. Mais alterações: a extensão aos brasileiros dos direitos de cidadania portuguesa. E uma aclaração: o sentido que deve atribuir-se ao seu próprio conceito de liberalização.

Último ponto, a revisão do título da Constituição relativo às «provincias ultramarinas, definidas como regiões autónomas». Para alguns será «chocante, mas sem razão». Na verdade, «nesse como noutros pontos» (...) «atendeu-se a necessidades novas ou foi-se ao encontro de expressões de necessidades antigas a que os tempos vão dando novos matizes, novo estile, ou novo vigor». É o ponto mais importante, parece. E, se bem que esperado em certa medida, nem por isso deixará de ser, porventura, o mais discutido.

Simbolo
de
qualidade.



AS GRANDES MARCAS NÃO SE IMPROVISAM. SÃO IMPOSTAS PELO TEMPO E CATEGORIA DOS PRODUTOS. POR ISSO ESCOLHEMOS O ROLLS-ROYCE PARA ACOMPANHAR O PORTO GRAHAM NA GRAVURA. POR ISSO SÍMBOLOS DE ALTA QUALIDADE QUE A "ÉLITE" DE TODO O MUNDO SELECIONOU.

VINHOS DO PORTO

Graham

SÍMBOLO DE QUALIDADE

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



Restaurante Luso

1.ª Categoria (utilidade turística)

Trav. da Queimada, 10 — Bairro Alto
LISBOA

AMBIENTE PROPÍCIO PARA O SEU ALMOÇO DE NEGÓCIOS. DO ESTACIONAMENTO DO SEU AUTOMÓVEL NOS OCUPAREMOS.

ALMOÇOS REGIONAIS

AMANHÃ — PRATOS DO DIA:

Bacalhau à Luso

Cabrito assado à padeira

Sala para banquetes — Reservas: 362889/328505

VOCÊ TEM INTERESSES NO BRASIL ?

LEIA O



JORNAL DO BRASIL

AR CONDICIONADO
TEATRO
VILLARET
o mais moderna e confortável de Lisboa

às 21 e às 23 h.
TODAS AS NOITES
Sábados e domingos
também às 16 horas

O PROCESSO de KAFKA

Maiores de 17 anos
50% DE DESCONTO
PARA ESTUDANTES
Subsídios da Fundação
Gulbenkian
• Fundo de Teatro
Espectáculo do GRUPO
DE ACÇÃO TEATRAL

À PROCURA DO RITUAL (NO GIL VICENTE)

«Sotoba Komachi», de Yukio Mishima. Tradução de Orlando Neves. Realização plástica de Francisco Relógio. Direcção de Carlos Avilez. Sonoplastia de José Videira. Máscaras de Inês Guerreiro. Colaboração coreográfica de Agueda Sena. Com: Augusto Figueiredo, António Marques, Mário Viegas, José Campião, Paulo Sampaiva, Luís Lupi, etc.

«Breve Sumário da História de Deus», de Gil Vicente. Realização plástica de José Rodrigues. Direcção de Carlos Avilez. Coreografia de Agueda Sena. Sonoplastia de José Nuno Martins. Cabeleiras de Inês Guerreiro. Com: Maria José,

Zita Duarte, António Marques, Fernanda Lapa, José Campião, Maria Albergaria, Lídia Rita, António Macedo, Agueda Sena, Pedro Barroso, Augusto Figueiredo, Mário Viegas, Luís Lupi, José Costa, Fernanda Alves, João Vasco, José Jorge Letria, Carlota Calazans, Wladimir Franklin e Paulo Sampaiva.

Não creio que tenha qualquer interesse a primeira parte do novo espectáculo de Carlos Avilez. Representar um *Nô* mesmo moderno, utilizando processos indefinidos que ficam a meio caminho entre um estilo genuíno e uma imitação que não pode deixar de ser pobre e, o que é pior, não po-

de deixar de destruir as (possíveis) virtualidades de um texto que, embora sem me parecer excepcional, julgo conter valores poéticos dignos de melhor sorte; tentar representar «á japonesa» sem dispor de um, pelo menos razoável, domínio da linguagem gestual e corporal e da capacidade vocal que caracterizam os actores da que tipo de teatro; tentar a construção de um ritual sem conseguir obter a necessária coerência entre o gesto, a maneira de estar e de andar, e a maneira de dizer — não me parece, de facto, nem interessante nem digno do esforço feito.

Ainda por cima, Francisco Relógio não conseguiu criar através das cortinas que pintou a atmosfera ao mesmo tempo real e fantástica que o texto pedia; ainda por ci-

ma, arranjou-se uma música ocidentalizada que nada tinha a ver com o texto; ainda por cima, Augusto Figueiredo, no principal papel, não conseguiu dominar a inadequação da voz nem esconder a pobreza gestual, nem ultrapassar o nível de uma sensibilidade epidérmica. Em contrapartida, António Marques conseguiu dar alguma justeza e expressividade à tragédia do poeta que se apaixona por uma pobre vagabunda de 100 anos como se fosse a mais bela jovem do mundo.

Enfim, temo ter que dar razão ao comentário cruel de um espectador: em vez de um transístor, Avilez trouxe isto do Japão.

Como a primeira, também a segunda parte do espectáculo é a tentativa da criação

de uma cerimónia, aqui mais conseguida, até porque Avilez jogou com elementos que estão, talvez mais próximos da sua sensibilidade e mais ao alcance das capacidades dos seus actores. No entanto, se no «Nô» Avilez imita o teatro japonês, aqui imita, mais ou menos abertamente, o teatro do argentino Adolfo Guitkin (*Melín*). Até porque o texto de que Avilez se serviu permitia uma aproximação excessivamente evidente, creio que este facto minimiza um tanto a importância desta experiência que ficará, porém, como um dos mais equilibrados e esforçados trabalhos de Carlos Avilez.

É certo que é possível detectar no espectáculo contradições que, de algum modo, o tornam ambíguo, esbatendo o seu impacto intervencionista, sobretudo no que diz respeito ao seguinte ponto: a encenação de Avilez parece pretender uma destruição, pela caricatura, da linguagem vicentina. No entanto, por vezes, observa-se uma recuperação do texto que não me parece ideologicamente justificável.

Parece-me de sublinhar neste espectáculo as marcações coreográficas, devidas a Agueda Sena; algumas soluções plásticas agradáveis (para o que ajudou o excelente cenário de José Rodrigues, na linha do que construiu para o espectáculo do TUP); a direcção de actores, que em certos casos (sobretudo de jovens) me pareceu sensacional; a violência certeira de algumas propostas críticas (como o contraste entre a morte de Cristo e a hipocrisia dos que batem com a mão no peito); o acerto das criações musicais que deram aos poemas de Gil Vicente indiscutível força (embora aqui fosse de pôr em discussão o facto de ser, ou não, aquele o tipo de música adequado); a, por vezes, admirável sonoplastia de José Nuno Martins.

Não me parece justo individualizar os intérpretes: cuja juventude, de maneira geral, creio digna de aplausos. O que no espectáculo me pareceu falhado foi o público. Poderia ser de outro modo?

CARLOS PORTO

UM CHABROL DE CATEGORIA

Em terceira semana de exibição, e cada vez com maior êxito, continua na tela do Vox o belo e discutido filme de Claude Chabrol, «Requiem para um desconhecido». Espectáculo patético, pleno de movimento e de emoção, espelho vivo do drama de um pai desesperado, e até da própria sociedade comzinha e tímida dos dias de hoje, tem como principais intérpretes Michel Duchaussoy, Caroline Collier e Jean Yanne.

COLISEU HOJE, ÀS 21.30 (Maiores de 12 anos) FESTIVAL MUNDIAL DE CIRCO 1970 ÚNICO NO MUNDO!

SABADO
A TARDE, entrada gratuita
às crianças dos 6 aos
10 anos
A NOITE podem assistir
crianças a partir dos 6 anos
BILHETES A VENDA

Brevemente

ESTREIA da SUPER-REVISTA DE LUXO

«...E O ZÉ FAZ TUDO!»



SALVADOR



FLORBELLA



C. COELHO



com a colaboração especial de
MARIEMA



Pela 1.ª vez em
revista
MARIA DO
CÉU GUERRA

*TEATRO VARIEDADES

ABRIU HOJE A BILHETEIRA

UMA GRANDIOSA PRODUÇÃO de
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

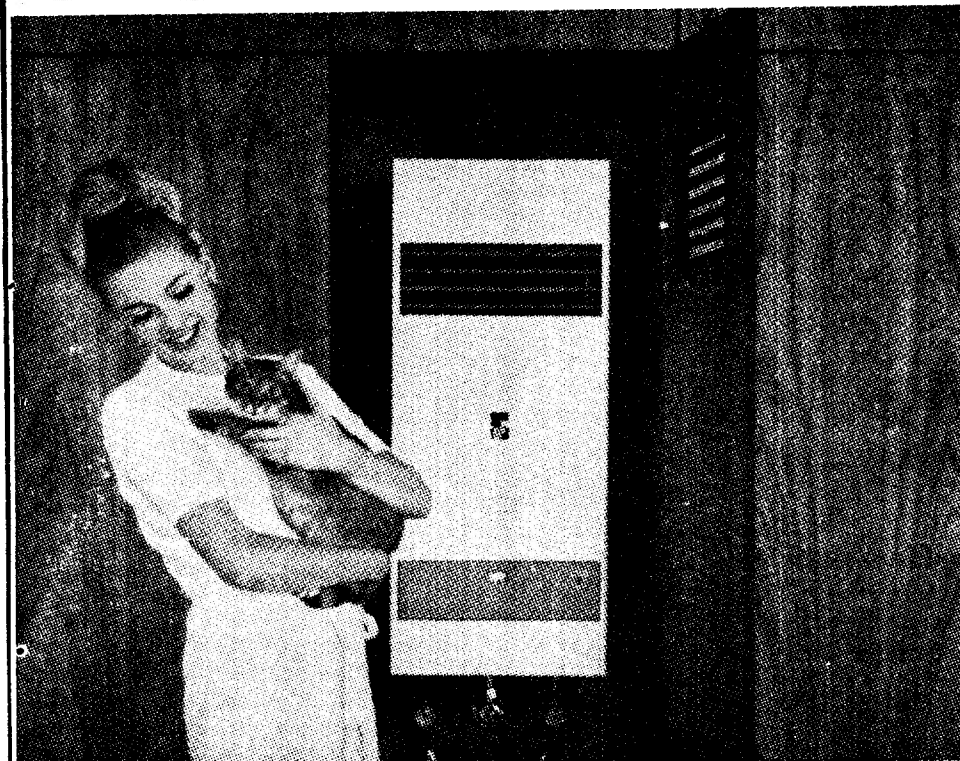
POEMA DE JOÃO NOBRE E AUGUSTO SANTOS TAVARES. MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS



Com a colaboração dos actores VICTOR MENDES - CARLOS GONÇALVES e LUIS de MASCARENHAS

A ATRACÇÃO «DUO OURO NEGRO»

JUNKERS



AQUECIMENTO CENTRAL — AMBIENTE CONFORTÁVEL COM ECONOMIA E SEGURANÇA — JUNKERISE A SUA CASA

Representantes exclusivos:

SILVEIRA & SILVA, LDA.

RUA RICARDO ESPÍRITO SANTO, 5

TELEF. 66 91 18 — LISBOA-3

TODAS AS NOITES
às 21.45 h.
(Maiores de 17 anos)
SABADOS DOMINGOS
também às 16 horas

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

NOTABILÍSSIMO DESEMPENHO DA COMPANHIA
DO T. M. M. com Igrejas
Caeiro no protagonista



O Inocente

DENÚNCIA SATÍRICA onde a brincar, a brincar se dizem coisas muito sérias. Por isso o público ri do princípio ao fim mas sai a pensar como é difícil ser honesto e puro numa sociedade onde vale tudo para explorar o próximo

MARIA
VITÓRIA

(ADULTOS)

● AMANHÃ, 6.ª - FEIRA, ÀS 20.45 e ÀS 23 HORAS, CONTINUA A SUA BRILHANTE CARREIRA A SENSACIONAL REVISTA

● PIMENTA NA LÍNGUA!...

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«UM CLUBE SÓ PARA CAVALHEIROS»

REALIZAÇÃO — Gene Kelly, 1970 (E. U. A.)
MÚSICA — Walter Scharf

INTERPRETES — James Stewart, Henry Fonda, Shirley Jones, Sue Ane Langdon,

STEWART E FONDA, VAQUEIROS

Dabbs Greer, Sharon de Bord, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Astória Filmes.
ESTREIA — Cinema Império (2-12-70)

Gene Kelly foi enorme como bailarino, coreógrafo e realizador de alguns filmes musicais que são hoje clássicos do «género» e de entre os quais oprime destacar uma obra-prima: «Serenata à chuva». Afastada a hipótese de continuar a sua carreira como bailarino, pois os anos não perdoam, Gene Kelly não se afastou do espectáculo musical, nem do cinema. Os seus últimos filmes (onde aparece como director e coreógrafo, quando é preciso) são: «Guia para um homem volúvel», «Hello Dolly» e, agora, «Um clube só para cavalheiros», paródia ao Western por onde perpassa ainda, mas já sem o fulgor de outrora, a morda-

cidade, o espírito, a generosidade, o idealismo de Kelly. James Stewart e Henry Fonda são do Texas e sabem cuidar do gado. Vaqueiros, portanto. *Cow-boys* no Oeste. O irmão de Stewart é um oportunista dos diabos e consegue sempre, em qualquer situação, auferir vantagem da mesma. Mesmo em guerra. Mesmo em Cheyenne Stewart não gosta do irmão, de quem diz que nunca foi «boa rés», até que um dia, por morte dele, recebe um aviso de um advogado, dizendo-lhe que acaba de herdar «The Cheyenne Social Club». Ele que é ingénuo, acredita que se trata de um *Saloon*, mas o público (que é sabido) vê logo que aquele é um *clube* muito especial. Puritano e republicano, Stewart chega a Cheyenne disposto a tomar-lhe pela frente sete ou oito deliciosas *girls* que ele irá tratar o melhor

que pode e sabe. Como um pai, Henry Fonda assiste e intervém, quando é preciso... Com base neste esquema, Gene Kelly prega, aqui e ali, uma ferroada no *establishment* e vai divertindo a plateia com as peripécias de dois amigos na cidade alheia. Tudo sem grandes sobressaltos, tudo muito calmo, tudo *piantissimo*. Gene Kelly é assim. «The Cheyenne Social Club» é bem um filme seu. Um filme que se sente de fim de carreira, mas não ainda um filme de velhice. O que não deixa de ser agradável de surpreender.

Quanto ao resto, nada convide ao entusiasmo excessivo. James Stewart e Henry Fonda vão bem, muito obrigado!, e as meninas são *solicitas* a acorrer à chamada. Eis um filme de bons *sentimentos*, concebido com base na *má vida*. Ou vice-versa.

LAURO ANTÓNIO

THE KING OF WHISKIES



PRODUCED AND BOTTLED IN SCOTLAND

LESLIE PHILLIPS



JAMES ROBERTSON JUSTICE



HARRY SECOMBE



ROBERT MORLEY



ANGELA SCOULAR



NÃO FAÇA ONDAS!

...Vá com elas!
no mais alegre cruzeiro
as mais divertidas aventuras!

SÃO JORGE



A
"PARTIDA"
É HOJE
AS 21,30



doctore
accuratus
cum illas

COLORIDO

Doctor...
cuidado

com elas !

ADULTOS

"doctor in trouble"

ARGUMENTO JACK DAVIES · PRODUTOR BETTY E. BOX · REALIZADOR RALPH THOMAS



MAIORES DE 17 ANOS



LURDES NORBERTO



GLÍCINIA QUARTIN



SINDE FILIPE



JOÃO GUEDES

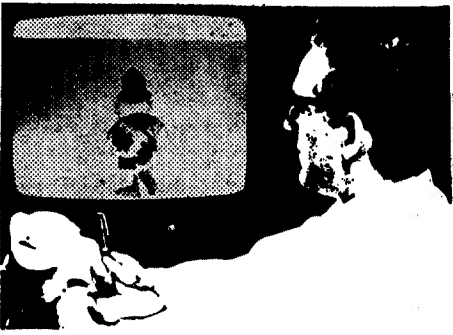
certa-feira,
4 e um quarto

COMÉDIA

do Grupo de Acção Teatral dirigida por Armando Cortez a estrear no

TEATRO VILLARET

muito em breve



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

ESTA CONVERGÊNCIA...

«Convergência», como vulgarmente se conhece, é o quinzenário literário de interesse variado. Conseguir ontem uma das suas realizações de maior alcance, para maior glória das letras pátrias e francesas, com passagem pelo Goncourt.

Mário Beirão abriu o espectáculo com versos que acompanhavam (ou eram acompanhados) por imagens do rio Douro. Poeta e realizador trabalharam com perfeição desconhecendo um do outro e o desfasamento não podia deixar de acontecer: enquanto Beirão falava do Douro com hiperboles que perfeitamente se ajustavam ao Amazonas, o realizador mostrava-nos o rio de margem a margem, rio nosso doméstico, quase de brinquedo. Quando Mário Beirão, num tremendo arroubo entre épico e lírico, se referia às «macabras de terror», às «revoltas ondas tormentosas», o fotógrafo mostrava-nos umas águas calminhas, santificadas, quase à Jordão. Desta bulha entre a poesia e a cinematografia não houve nenhum lucro — e o resultado foi o telespectador não se responsabilizar pelo que via e ouvia.

Idêntica situação de instabilidade aconteceu na entrevista seguinte: Rui Romano, o entrevistado, olhava numa direcção e a câmara de serviço era outra. O telespectador via, com espanto, o Rui Romano de perfil a mostrar capas de livros não se sabe para que telespectadores fantasmagóricos.

Nesta entrevista houve, pelo menos, a certeza de que permanece entre nós, em todo o vigor, o gosto por bem falar a língua portuguesa. Rui Romano, entrevistado, mostrou como se fala bem e depressa, cousas que raramente acontecem juntas. Recordo, por exemplo, aquela sua observação expressa num português onde não sabemos que mais admirar: se, ou se. Repare-se nesta simplicidade de processos, nesta correnteza de linguagem: «Pois, Fernando Reis, «Convergência»

agradece muito a sua presença aqui. Desta conversa que tivemos consigo ficámos absolutamente conscientes de que tudo quanto escreveu até aqui e tudo quanto vier a escrever se baseia nas suas próprias vivências, na sua própria convivência com um povo que, como disse, é dos mais amáveis, representa talvez, em plenitude, a faculdade carismática que os portugueses tiveram de levar a todos os lados onde se encontraram uma civilização», etc., etc.

Assim, quinzenário após quinzenário, «Convergência» vai dando aos telespectadores portugueses a ideia correcta de como deve entender-se e falar-se não apenas o português corrente, mas a linguagem mais apropriada à televisão.

O escritor Fernando Reis, que não tenho a honra de conhecer (pelo menos não me recordo) nem merecia, pela sua simplicidade, que o tratassem com tamanha cerimónia. Teve, até, o cuidado, ao fazer o elogio da vida na roça («a vida na roça socialmente evoluiu bastante») de sugerir não pensassem os telespectadores que ele tinha quotas em alguma companhia proprietária de roças em S. Tomé e Príncipe. A sua modestia não merecia as palavras empoladas de Rui Romano. Mas «Convergência» é assim.

A actualidade literária em Portugal, geralmente tão esquecida no quinzenário, mereceu desta vez honras de grande citação: Alice Gomes apresentou o seu livro a um público infantil; Vitorino Nemésio fala na sessão de presença da viúva de Graciliano Ramos; e, sobretudo, aquele grande relato da sessão no Instituto Alemão, de homenagem ao poeta Hölderlin. Nesta sessão foi orador o prof. Paulo Quintela, que, no final, recitou versos. A deficiente captação de som não permitiu que se percebesse um único verso, mas, em contrapartida, a imagem era suficientemente clara para se perceber bem que, quem estava ali à nossa frente, a dar brilho com a sua

presença às páginas apagadas do quinzenário, era bem o prof. Paulo Quintela. Repete-se: foi pena que, mais uma vez, os meios técnicos ao dispor do quinzenário fossem débeis ao ponto de retirar tanto interesse a tão luzida sessão. Os amigos de Paulo Quintela tiveram muita pena, e oxalá haja ele assistido à emissão do quinzenário, a fim de poder, para a próxima vez, corrigir, ou solicitar que corrigiam, as deficiências técnicas, para que a sua presença na televisão resulte com o brilho merecido.

O grande «clow» do quinzenário, porém, reservara-se para o fim, na ánsia petrarquiana de encerrar com chave de ouro. Refiro-me à palestra de João Gaspar Simões, dedicada à geração de 70, a qual não foi bem de 70, porque em 70 ainda não tinham feito nada daquilo por que viera a ser conhecida por geração de 70.

Evidentemente: podemos discordar desta ou daquela audácia interpretativa. Discordar humano est. O que ninguém,

todavia, poderá negar é a capacidade de Gaspar Simões para aceder às fórmulas geniais, lapidares, às sínteses que têm tanto de complexas como de simples.

Assim, ficamos a conhecer na perfeição a geração de 70 quando João Simões a apelidou de «uma geração intelectual das mais inclitas».

A «questão coimbrã» aparece na voz de Gaspar Simões com o carácter de clamoroso pleito — e chega a causar espanto como foi necessário decorrer um século (um século certinho) para se encontrar as palavras correctas, indispensáveis, totais. O mesmo se poderá dizer daquela expressão «admirável escol» aplicada à geração. Tal como a nenhum historiador literário será lícito ignorar, desde ontem, que as conferências célebres se efectuavam no Largo da Abegoaria, pormenor que João Gaspar Simões acrescentou à difícil história dos «vencidos da vida», aqueles que, no seu entender, «venceram realmente uma coisa: a morte».

Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa — As 16 e 5: Músicas para a juventude; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: G-nástica de pausa; 17 e 35: Do Choupi até à Lapa; 35: Noticiário; 18 e 10: Portugal missionário; 18 e 40: Música e sonho; 19: Noticiário regional — Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; — Boletim meteorológico; 20 e 20: Solistas ligeiros 20 e 40: 9.º episódio do folhetim: «Eslendor da Santidade»; 21: Noticiário; 21 e 5: Espectáculo: magazine de teatro; 21 e 25: Conquistas ligeiras; 21 e 40: Vantagens do emissor regional do Norte; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23: Noticiário — Boletim meteorológico; 23 e 5: Programa da noite; 0: Fecho.

2.º Programa — As 18: Música do Século XX — Concerto n.º 1, op. 13, em ré maior (Britten), para piano e orquestra, por Jacques Abram e a Orquestra Filarmónica, sob a direcção do maestro Herbert Menges — Sinfonia n.º 2 (Kurt Weill), pela Orquestra Sinfónica da B. B. C., sob a direcção do maestro Gary Bertini; 19: Tempo literário; 19 e 25: Folclore português — Música do Minho e do Alentejo, recolhida e seleccionada por Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça; 19 e 40: Música

de piano — Estudo n.º 12, op. 8, em ré sustenido menor (Soribine), por Vladimir Horowitz Papillons, op. 2 (Schumann), por Jung von Vintschager; 20: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 20: Resumo do programa — Música instrumental — Canção da Manhã — Canção da Tarde (Elgar), pela Orquestra Filarmónica de Londres, dirigida por «sir» Adrian Boult; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner, preenchido com música de Natal; 20 e 52: Solo de piano — 7 Peças Breves (Arthur Honegger), pela pianista Louise Thyron; 21: Concerto de Câmara I — Concerto grosso n.º 3, em fá maior; 21 e 30: Panoramas da História; 21 e 50: Recital de piano, por Canzio Duciarelli; 22 e 10: Concerto em ré maior, para flauta e Orquestra (Vivaldi); 22 e 20: Poemas sinfónicos — «O Caçador Maldito» (César Franck), pela Orquestra Nacional Belga; 22 e 58: Resumo do programa e fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — As 23: Música de piano — Sonata n.º 31, op. 10, em lá bemol maior (Beethoven), pelo pianista Ernst von Dohnányi; 23 e 30: Festival de Haendel, em Göttingen (um programa cedido pelo Instituto Alemão); 1.ª parte; 0 e 12: 2.ª parte dos Festivais de Haendel, em Göttingen; 1: Último jornal — Resumo do programa — fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: A noite é nossa; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jornal; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Piacard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo Novo; 21 e

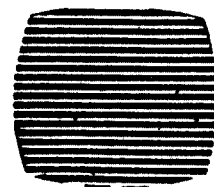
32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 02: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à G8-G8; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mt/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa D. C.; 18 e 8: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbiolac; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 5: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Artistas portugueses; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Vantagens; 21 e 30: A Filarmónica Froude; 21 e 45: Canções de ontem e de hoje; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média de 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular**: das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa**: das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; **Clube Radiofónico de Portugal**: das 8 às 10 e das 22 às 2; **Rádio Graça**: das 14 e 30 às 19 e 30



TV

dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL
electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia», com Diahann Carroll, Marc Copage, Chuck Wood e Ketty Lester; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho

2.º período — As 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa — Física Moderna; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil — Robin dos Borques; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 15: Ponto de vista — Entre Douro e Minho; 20 e 55: Imagens da poesia europeia, pelo dr. David Mourão-Ferreira; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico; 22: Noite de cinema — «O Inimigo Público n.º 1», com Fernandel, Zsa-Zsa Gabor; 23 e 45: Marcha do Mundo, e 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal; 22: Um dia com... Jaime Rodrigues; 22 e 15: História da Música — Arnold Schoenberg, com apresentação do dr. João de Freitas Branco; 22 e 40: O Santo, com Roger Moore, no principal desempenho, e 23 e 30: Fecho.



TUDOR

pilhas para força motriz

ESTUDANTES!

IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO

CISNE

RECEPÇÃO: até 31/MARÇO/71



O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Em 55.ª audiência, continuou ontem o julgamento do processo de herança Sommer. Os magistrados, em especial o juiz-presidente, sr. dr. Bernardino de Sousa, sr. dr. Bernardino de Sousa, sr. dr. Bernardino de Sousa, receberam cartas manifestando opiniões e dando informações acerca deste ou daquele que está em causa neste pleito. O presidente, ao divulgar estas facetas, entende que o colectivo deve afastar, como tem feito, essas infortunadas intromissões.

Por sua vez, o dr. Eridano de Abreu, um dos advogados dos assistentes, também disse que recebera uma carta a dar-lhe trinta dias de vida.

O publico viu. O dr. Sidónio Rito, patrono do sr. António Champalimaud, respondeu ao seu colega: — Vou escrever-lhe também uma carta a dar-lhe mais cinco dias. Dou-lhe trinta e cinco dias. Está bem? O causídico, dirigindo-se ao corregedor Bernardino de Sousa: «V. Ex.ª disse que recebia cartas. Pois eu peço-lhe que as junte. V. Ex.ª conhece bem a história daquele integerrimo magistrado que tinha horror às cunhas. V. Ex.ª conhece a técnica».

No reatamento das instâncias formuladas pelo dr. Sidónio Rito, este causídico perguntou ontem ao sr. Carlos

Champalimaud se Henrique de Sommer era quem tinha em seu poder material os títulos das acções da Empresa de Cimentos de Leiria dos seus familiares. O declarante espraçou-se em várias considerações, mas o dr. Sidónio Rito não abandonou a instância que construiu até uma resposta formal.

O juiz-presidente que acompanha sempre o debate interveio na altura própria acabando por ditar para a acta: «Informa que é seu convencimento que seu tio Henrique de Sommer, pelo menos, por altura das assembleias gerais daquela empresa, tinha em seu poder os títulos representativos das acções da maioria, senão de todos os membros do agregado familiar já referido, visto que era ele quem tudo decidia quanto às votações, inclusivamente porque era ele quem determinava quem e como havia de votar nas assembleias gerais em representação de suas tias.»

Intervenção-comentário do declarante: «Ainda há pouco um sr. Azevedo (que já morreu, coitado) disse ao meu cunhado Vasco Jardim que tinha votado várias vezes com acções das minhas tias e a pedido de Henrique Sommer.»

O dr. Sidónio Rito, num aparte: «Já morreu, claro, o sr. Azevedo...»

Os esclarecimentos prosseguem com insistência do mesmo causídico sobre outros pontos mais relacionados com a matéria em discussão.

Por fim, o juiz-presidente entende ficar escrito o seguinte: «Sabe isto por o ouvir dizer e pelo pouco que na família se falava destas coisas, pois o declarante, se não está em erro, só foi a uma assembleia da Empresa de Cimentos de Leiria em vida do tio Henrique. Esclarecer ainda que ao afirmar, que seu tio tinha em seu poder os títulos, quis significar que este os possuía à sua disposição, quer estes se encontrassem onde quer que estivessem — inclusive depositados ou empenhados, pois nunca quis significar que seu tio os tivesse por exemplo na medonha de cabeceira dele, ignorando onde é que materialmente e em cada momento os respectivos títulos se encontravam, embora tivesse ouvido dizer que era hábito da família tê-los na Casa Forte da Empresa Cimentos

de Leiria, na qual, e inclusive na Casa Forte, mandava seu tio Henrique.»

O sr. Sidónio Rito: «Eu queria a razão de ciência. Como é sue o sr. Carlos Champalimaud soube disto que acaba de dizer? Veio da tropa dias antes da morte de Henrique de Sommer (?)»

O sr. Carlos Champalimaud afirmou que esses assuntos vieram ao seu conhecimento especialmente depois que surgiram as questões e começaram a ser instaurados processos, por tais factos serem ventilados entre os diversos familiares, e empregados de empresas, acabando por referir que tudo se começou a agitar e a comentar. O declarante disse ainda que, concretamente, não podia indicar, naquele momento, por exemplo, a não comparência de suas tias às respectivas assembleias, onde certamente consta a sua física ausência e a indicação da pessoa ou pessoas por que foram representadas. O sr. dr. Sidónio Rito: «Indique ao menos o nome de um empregado...»

Do que o depoente se lembrava, o presidente fez constar na acta: «Que o declarante instado nesse sentido, diz que poderia certamente indicar nomes de empregados que poderiam corroborar o que o depoente afirma. Mas uns estão ao serviço do seu irmão António nas respectivas empresas e chamados a este tribunal outra coisa não faziam senão desmentir-lo, outros já se encontram reformados e o declarante não quer que percam o seu pão, pois que, sobretudo os mais antigos recebem, além das pensões da Caixa de Previdência, reformas voluntárias da empresa, e o teriam que desmentir o declarante ou perder o seu pão.»

Mais adiante, o magistrado acrescentou: «Refere, por exemplo, o declarante, que seu cunhado Vasco Jardim lhe contara que o sr. de apelido Azevedo, que foi sócio da Casa Nogueira e grande amigo de seu tio, lhe dissera que várias vezes tinha representado «acções de Cimentos de Leiria nas assembleias gerais». Esse senhor faleceu, certamente que esclareceria com pormenores o que referiu a seu cunhado.»

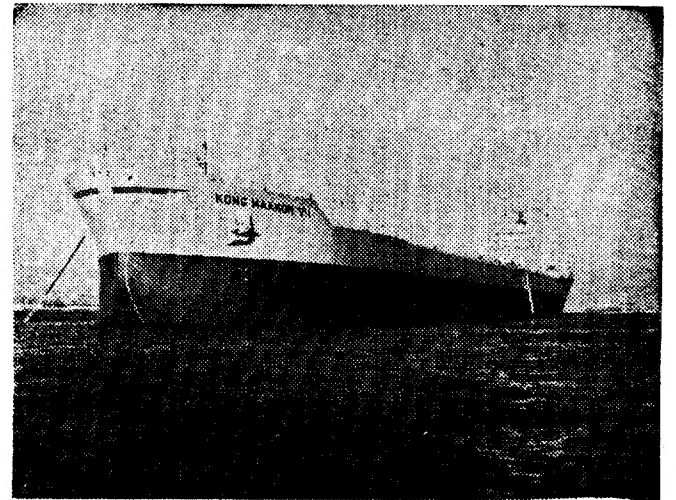
O juiz-presidente: «Quer mais sr. doutor?»

O dr. Sidónio Rito: «Eu não queria nada disto... Que me interessa os depoimentos de pessoas mortas...?»

Nesta altura, houve vivo diálogo entre o causídico e os seus colegas adversários: O magistrado interrompe-os, considerando uma pergunta do dr. Sidónio Rito, pertinente. Insiste o dr. Eridano de Abreu. O dr. Antero Monteiro Dinis, adjunto do procurador da República, observa a este advogado que as suas interrupções não têm razão de ser.

O causídico escapulizou a árvore genealógica da família Sommer, desde que Henrique de Oliveira Sommer veio da Alemanha, para Portugal, iniciar a sua grande actividade, fundando a Casa que tem o seu nome.

O debate prosseguiu no mesmo tom, até que os trabalhos foram interrompidos ao princípio da noite para continuarem amanhã.



Em consequência de uma violenta explosão a bordo, durante viagem do navio para o Golfo Pérsico, o petroleiro norueguês «Kong Haakon VII», de duzentas e vinte mil toneladas de porte, sofreu importantes avarias nos tanques e a destruição de cem metros do convés. O trabalho de reparação, envolvendo a reconstrução de um terço do navio, foi objecto de concurso internacional. A LISNAVE, que ganhou o concurso, conseguiu ainda terminar antes do prazo este trabalho, a maior reparação naval até hoje realizada no Mundo. E, assim, o «Kong Haakon VII» pôde deixar o Tejo no dia 1 de Dezembro, depois de experiências, que satisfizeram inteiramente a Sociedade Classificadora e o Armador Hilmar Reksten.

Novo director da Thai Internacional

No decorrer de uma reunião num hotel de Lisboa, foi apresentado o director comercial para o Sul da Europa, Médio Oriente e África, sr. Bruno Venesch, que passa a ser também o responsável pelas actividades da Thai Internacional em Portugal.

Na reunião estiveram presentes directores e represen-

tantes de outras companhias de aviação e agências de viagens e turismo.

Ao agradecer aos convidados, o sr. Bruno Venesch salientou que o programa de trabalho da Thai para o próximo ano será bastante intenso prevendo-se, para muito breve, o início de novas carreiras.

Multa de 110 contos para um navio sueco que derramou nafta na doca de Alcântara

A Capitania do Porto de Lisboa aplicou a multa de 80 contos ao navio sueco «Talarah» que, no mês passado, derramou grandes quantidades de nafta na doca de Alcântara. A multa é a mais elevada até hoje imposta por tal motivo, pela Capita-

nia do Porto de Lisboa, já que o seu montante, com os adicionais, ascende a cerca de 110 contos.

Ouvido durante o processo, o capitão do «Talarah» alegou involuntária negligência por parte do pessoal das máquinas.

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

Estava marcado para hoje, mas foi adiado para 12 de Janeiro, no Plenário Criminal da Boa Hora, sob a presidência do sr. desembargador Fernando António Morgado Florindo, e ocupando a tribuna do Ministério Público o sr. dr. Costa Saraiva, adjunto do procurador da República o julgamento das «D. Maria Luísa Pires Marques Vaz de Oliveira, de 22 anos, solteira, estudante natural do Dundo, Chitão (Angola) e D. Maria Fernanda Pa's Gonçalves de Matos Vicente, de 26 anos, casada, estudante, e funcionária eventual na Secretaria do Estado da Indústria, colocada no Gabinete de Planeamento Económico, seu marido, sr. Ezequiel Balsa de Matos Vicente, de 25 anos, de Lisboa, empregado da escritório, e ainda o sr. Fernando José Bastos Flávio Espada, de 25 anos, solteiro, estudante e funcionário eventual no Ministério das Corporações e Previdência Social — Departamento do Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra (Divisão de Estatística), inculminados por terem feito parte do Partido Comunista Português, praticando actos considerados delituosos contra a segurança do Estado.

Segundo o despacho de pronúncia, os acusados, no

ano lectivo de 1965-66, integraram-se no «sector estudantil» e militavam no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, onde desenvolveram actividades de carácter subversivo Contribuíam com quotizações e recebiam imprensa clandestina. Teriam tomado parte em reuniões clandestinas.

Neste pleito, figuram duas testemunhas de acusação e quarenta de defesa. São patronos dos réus os srs. drs. Luís de Carvalho e Oliveira, José Carlos de Vasconcelos e Manuel Macaísta Malheiros.

TARDE INFANTIL NA QUADRANTE

A directora do jornal infantil «A Canoa», Maria do Carmo Rodrigues, está amanhã à tarde a partir das 15 e 30, na Livraria Quadrante, onde fará uma leitura de textos para crianças.

EMBAIXADOR DA ÁUSTRIA

Para assumir as funções de embaixador da Áustria em Portugal, chegou a Lisboa o dr. Heinrich Calice.

BOM APETITE

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA

CAFÉ INCONFUNDIVEL NO

BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREIRO, 11-D

ABRE AS 7 HORAS

RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO

ESTRADA LISBOA - SETUBAL

Tel. 228244

LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE

Tel. 790211 (M/ 5 anos)

JANTARES DANÇANTES

AOS SÁBADOS E DOMINGOS

c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

PREMIADO PELO SNI

CASTANHEIRA

R. da Torre-Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIARIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA

DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 5 anos)

A COLMEIA

RESTAURANTE DIETÉTICO

E MACROBIÓTICA

(VIDA LONGA)

SELF-SERVICE

ENCERRADO AOS DOMINGOS

RUA DA EMENDA, 110-2.

T. 370500 (AO CAMÕES)

"A Furma"
Como come (e dança) em Londres ou
Paris, na Europa ou Berlim ou no
Mundo (a) come (e dança) n' "A Furma"
Restaurante dançante claudius
Solas, onde se dança.

"A Furma"
Almoços: 12,30h. às 15,00h, Jantares:
19,30h. às 22,00h. Teias 23,00h. às 3,00h.
E em almoço: Bar 12,30h. às 3,30h.
Na R. Ferreira Lima, 38-D - mas diga
ao chauffeur que é à Duques de Loulé
(não o diga só quando vir que não é
na Estrela).

(a) ou n' "A Furma" Meun an Domingo (b)
(b) um Domingo fiqui au casa - "A Furma"
está fechada. 534466-561949





Cara Sirocco

— LISBOA

COMO ESCALA

O desejo de independência e a vontade de viajar e conhecer o mundo levaram-na a interessar-se pelos espectáculos de variedades. No Crazy Horse, em Paris, procurou a orientação de mestres célebres e decidiu o seu futuro: seria bailarina. Até então hesitava perante um curso universitário. A paixão pela dança já vinha de longe: aos quatro anos iniciara os exercícios de ballet, aos nove já actuava nas festas da escola, aos dezasseis dançava no teatro onde, entretanto, frequentava aulas de arte dramática. Nasceu na Argélia (mais precisamente em Orão), de onde foi forçada a sair durante a guerra. Tinha, então, 16 anos. Referindo-se à sua carreira, Cara Sirocco (dela se trata), esclarece: «É uma vida muito trabalhosa e cansativa: desenho os meus vestidos, escolho ou componho as melodias que danço e tomo decisões sobre a forma coreográfica de todos os meus números». Presentemente a actuar numa elegante «boite» lisboeta, Cara Sirocco deixa nos espectadores uma agradável sensação de harmonia. É bailarina mas também comediente. Domina cinco idiomas e o seu «palmarés» inter-



CARA SIROCCO

nacional é bastante vasto: Itália, Espanha, Suíça, Bélgica, Holanda, In-

glaterra, Turquia, Alemanha, Suécia, Finlândia, Grécia e Chipre.

NOTÍCIAS BREVES • NOTÍCIAS BREVES

• Fernanda Maria e Manuel de Almeida gravaram nos estúdios da R. T. P. programas de fados, com algumas das suas últimas interpretações. A transmissão está marcada para as noites de 10 e 11, respectivamente. Naqueles programas, Fernanda Maria e Manuel de Almeida foram acompanhados por um conjunto constituído por Adelino dos Santos, Armandino Maia, José Maria de Carvalho e Martinho da Assunção, exactamente guitarristas e violas que fazem parte dos elencos da «Kaverna» e do «Lisboa à Noite» de que os dois intérpretes são primeiras figuras.

• Tina, intérprete de fado que vai revelar-se como discipula na revista «E o Zé faz tudo», a subir à cena no Variedades, gravou para a etiqueta «Banda», editada pela «Movieplay» o primeiro disco, onde incluiu: «Canto o fado para ti» (Manuel Maria-Fernando Peres), «Se dizes a toda

a gente» (Torres Mondego-Mascarenhas Barreto), «A noite do nosso fado» (Fado Menor do Porto-Fernando Peres) e «Os teus olhos» (Fado Adão-Artur Ribeiro). Acompanhou-os um conjunto constituído por Jorge Fontes e Armandino Maia (guitarras), José Maria de Carvalho e José Vilela (violas). O disco, com produção de Jorge Barradas, foi gravado nos estúdios da Polysom e será muito brevemente posto à venda.

• O «Solar do Minho» tem novo elenco. Ali actuam agora: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, José Teixeira, Manuel Dias e Fernanda Silva. Tocam: António Valentim (guitarra) e Francisco Gonçalves (viola).

• Um novo disco do Quarteto 1111, foi recentemente editado pela organização Valentim de Carvalho. Os responsáveis salientam a alta qua-

lidade musical do último «single» do agrupamento que pode comparar-se aos melhores conjuntos internacionais de música de vanguarda. Pormenor a salientar: o acetato é inteiramente interpretado em inglês e inclui: «Back to the country» e «Everybody needs love, peace and food».

• «Wallace Collection», com interpretações muito divulgadas entre nós, é dos conjuntos de música moderna cuja aceitação ultrapassa as barreiras existentes entre as diversas gerações. Rapidamente famoso, o conjunto gravou um novo disco, já à venda, que inclui: «Parlez-moi d'amour» e «Hocus Pocus — stop teasing me love».

A FURNA FOI INAUGURADA

Remodelada, mais acolhedora e atraente, «A Furna» reabriu. O antigo «Pop-Fado» deu lugar à moderna sala com decoração adequada e iluminação convidativa. Restaurante-bar-dancing «A Furna» dispõe duma excelente discoteca, com as últimas novidades da música internacional mas também, o estilo que agrada aos mais velhos. O beberete que marcou a abertura da agradável sala da Rua Ferreira Lapa, registou larga concorrência de convidados.

GALERIA REAL EM SINTRA

Antigo pavilhão de caça da família real, desde o século XVII, foi adquirido, há alguns anos, praticamente em ruínas, por Pedro Felner da Costa, restaurado e decorado de forma a tornar-se convidativo, com ambiente agradável a quantos se demoram.

O aproveitamento do espaço foi orientado com critério: nas galerias instalaram-se pequenos estabelecimentos: bijouteria, tabacaria, novidades, recordações, etc. O espaço mais amplo foi reservado para restaurante e bar.

Em S. Pedro de Sintra, com o seu ambiente acolhedor, a Galeria Real tem colaborado em diversas iniciativas do «Diário de Lisboa». Efectivamente, foi ali que se realizou o desfile das concorrentes ao título de «Maja de Portugal» 1970. É dirigida pelos srs. Francisco Correia e Luís Dias, dos primeiros a colaborarem no concurso «Aceite o nosso convite», que realizamos com o entusiasmo de tantos milhares de leitores.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos. Consumo mínimo 50\$00. * Beco do Espírito Santo, 1. * Telef. 868200.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. * Encerra aos domingos. * Consumo mín. 90\$00. * Beco dos Cortumes, 10. * Telef. 860816.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa. * P. da Alegria 58. * Tel. 367093. * Encerra à segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGOA

Aberta todos os dias. * Rua da Esperança, 174. * Telef. 661915. * Consumo mínimo 50\$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Fernando Silva, Manuel Dias e José Teixeira. Tocam: António Valentim e Francisco Gonçalves. * Rua do Vigário, 60. * Telefone 866811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Mariana Rosa, Américo Lima, António Charnho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Carlos de Baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves. * Cons. mín. 120\$00. * Taxas incluídas. * Rua Nova da Trindade, 22-A. * Telef. 35007-323406. * Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Tino Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benedita Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. * Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). * Rua Gilberto Rolz, 24. * Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarda de Portugal». * Rua das Gáveas, 57. * Telef. 34006. * Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, José de Barros, Maria de Fátima, Henriqueta Manuel, Lourinda Gonçalves. * Cons. mín. 40\$00. * Travessa da Espera, 8. * Telefone 35464. * Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Mourão, Fernando Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. * Trav. da Queimada, 10-16. * Tels. 362889-328503.

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio. * Cons. mín. 50\$00. * R. das Taipas, 14. * Tel. 327256.

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Fina Santos, Renato Mota. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho. * Cons. mín. 90\$00. * Travessa dos Filis de Deus, 37. * Telef. 35593.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Odete Mendes, Dina Cardoso, Armando Miranda, Falcão, Coni Típico do «Lar Português». * Cons. mín. 50\$00. * R. da Barraca, 133. * Telef. 36960 e 30532. * Encerra às terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. * Cons. mín. 30\$00. * Rua das Trinas, 67. * Telef. 669857. * Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivete Pessoa, Nozari Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Tino Aroulos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins. * Cons. mín. 70\$00. * Rua do Norte, 91. * Telef. 30095-328713. * Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Lenor Macedo, João Cabral, Rossano Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira. * Encerra aos domingos. * Rua da Adifa, 9. * Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. * Cons. mín. 40\$00. * Rua da Rosa, 219. * Telef. 368579.

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha, Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. * Encerra ao domingo. * Cons. mín. 35\$00. * Largo do Peneireiro, 7 (Alfama). * Telefone 868505.

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armado Silva. * Encerra às segundas-feiras. * Cons. mín. 40\$00. * Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDI). * Telef. 213259.

RESTAURANTES, BARES, «BOÏTES» E «DANCINGS»

A FURNA

Rua Ferreira Lapa, 38-D (ó Av. Duque de Loulé). * Telefones 534466-561949.

JOCKEY-BAR

Rua Nova de S. Mamede, 52. * Telef. 654648. * Ar condicionado. * Aberto todos os dias das 18 h às 03 e 30.

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. * Telef. 48384. * conj. Helder Reis. * Encerrada aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fléis de Deus, 28. * Telef. 370889. * Poesia com Correla da Silva. * Encerra às 3 e 30.

MAXIME

Conjunto 6. * Reação e Maximalismo. * «Show» turístico. * Variedades internacionais. * Praça da Alegria, 58. * Telef. 55366.

TERRAÇO DAS ESTRELAS

(HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Manuel Viegas. * Ave-

nida Duque de Loulé, 73. * Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2. * Campo Grande. * Telef. 770172. * Encerra às 3.30.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro. * SINTRA. * Telef. 981601. * Encerra à meia-noite. * Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

ARCHOTE-CLUB

Discos. * Rua D. Filipa de Vilhena.

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). * Telef. 367136. * Encerra às 3 horas.

TAGIDE

Variedades. Conjunto Zé Pedro. * Largo da Biblioteca, 18-22. * Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 176. * Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/. Conjunto. * Avenida Duque de Loulé, 69. * Telef. 534117. * Matinées todos os dias. * Encerra aos domingos.

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório. * Dis-

cos recebidos directamente da Inglaterra, Estados Unidos, etc. * 51. * Rua Carlos Reis, 51-A. * Telef. 775695.

GASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. * Variedades internacionais. * Telef. 264526-264596-264621-264946.

FORTE VELHO

Rua. * S. João do Estoril. * Telef. 261337.

Artes plásticas

Nova galeria de exposições no Porto

PORTO, 3 — Com a presença de inúmeras pessoas ligadas aos meios intelectuais, foi inaugurada na Rua da Alegria, 22, a Galeria D, dirigida pelo pintor Domingos Lopes e pelo nosso camarada na Imprensa, José Viale Moutinho. Este, após ter dado uma explicação dos moldes em que funciona a nova galeria, anunciou (dentro de um plano de actividades culturais que ali decorrerão) para sábado, às 21 e 30, um serão, na qual o poeta e escritor António Rebordão Navarro lerá alguns poemas e fragmentos do seu livro «Um

Infinito Silêncio», galardoado com o «prémio Alves Redol».

Seguidamente, Manuela Melo disse o poema «Requiem com Saudade Dentro», que António Pinheiro Guimarães dedicou à memória do pintor D'Assunção, no primeiro aniversário da sua morte.

O crítico Fernando Pernes falou depois da obra de D'Assunção e dos quadros expostos na nova galeria. Presente, também, a viúva do artista, D. Elisa Worme.

Curso de Formação Artística

Estão quase esgotadas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, as inscrições para o

Curso de Formação Artística, cujo primeiro ano, que se desdobra em aulas nocturnas, dá uma iniciação básica às técnicas de desenho de observação e representação no plano e no espaço, e bem assim uma sistemática introdução à teoria da cor.

Informações podem ser pedidas, todos os dias, excepto aos sábados, das 10 às 12 e das 14 às 18 horas (telefone 41293) na secretaria.

Pintura brasileira no Casino Estoril

Amanhã, às 19 horas, será inaugurada, no Casino Estoril, uma exposição de pintura brasileira, a qual estará patente até ao dia 10.

«JUVENTUD DE GALICIA»

O Centro Galego «Juventud de Galicia» vai comemorar no presente mês de Dezembro o 62.º aniversário da sua fundação. No próximo dia 5 será celebrada uma missa em intenção dos sócios falecidos, na Igreja de São José dos Carpinteiros. No mesmo dia, às 22 horas, haverá uma velada, com a presença do conjunto «Gaiteiros Ariños do Miño». No dia 5 reunir-se-ão os actuais sócios num típico jantar galego de confraternização, por inscrições, no restaurante «Mónaco» em Caxias. Serão distinguidos os sócios com 50 anos de filiação associativa.

Apresentamos aquilo que mais se parece com um carro novo...

...um carro usado



de um Concessionário Ford.

Todos os carros usados A-1 são inspeccionados pelos

Concessionários Ford



E a inspecção é rigorosa. Está em causa a nossa reputação. O nosso objectivo é vender-lhe um carro atraente e em que possa confiar.



Seleccionamos apenas os modelos melhores e mais recentes. Motor, direcção, bateria, transmissão, diferencial, travões, embraiagem, rodas, suspensão, cardans — tudo é inspeccionado e, se necessário, reparado ou substituído.

Todos os carros usados A-1 são experimentados na estrada



Quando um carro está completamente revisto — por dentro e por fora — é experimentado na estrada. O carro terá de funcionar bem, com segurança e conforto.

Todos os carros usados A-1 são recondicionados



Os carros usados A-1 são recondicionados e limpos por dentro e por fora. Os estofos são aspirados e lavados. Também os tapetes — mesmo o do porta bagagens.

Todos os carros usados A-1 têm a GARANTIA DUPLA EXCLUSIVA

O comprador de qualquer automóvel ou veículo comercial usado A-1 — recebe um certificado que, em resumo, lhe garante o seguinte:

1 O veículo foi inspeccionado, experimentado na estrada e recondicionado e, portanto, está em impecáveis condições de funcionamento quando V. o comprar.

2 Esta garantia é válida por 7500 Kms, ou 90 dias, conforme o que ocorrer primeiro a contar da data da venda.

(Peça-nos, para sua consulta, uma cópia pormenorizada da garantia A-1).

Venha ver a nossa selecção de carros usados A-1, de preço económico. A venda de Escort, Cortina, Capri e outros modelos Ford trazem-nos constantemente, por troca, veículos usados de todas as marcas e modelos.

Visite o seu Concessionário Ford



e compre o que mais se parece com um carro novo



BEJA — José Pinto Caeiro, Lda, Av. da Boavista, 1 a 7.
CASTELO BRANCO — J. Valente & Irmãos — Comércio e Indústria, S.A.R.L. Av. 28 de Maio, 117
FARO — Fomento Industrial e Agrícola do Algarve, Lda. Largo de S. Luís

WHITE HORSE

Scotch Whisky

BOTTLED IN SCOTLAND
WHITE HORSE DISTILLERS LTD.,
GLASGOW and LONDON

100% SCOTCH WHISKY

DISTILLED AND BOTTLED
UNDER BRITISH GOVERNMENT

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:
COSTA PINA & VILAVERDE, Lda.
Rua do Bonjardim, 420 — PORTO
Telefones 2 65 62 - 3 22 28 - 3 52 21

J. A. da COSTA PINA, Lda.
Rua do Alecrim, 73 — LISBOA
Telef. PPC (4 linhas) 32 00 31/4

Três bailados pelo Grupo Gulbenkian

A presente temporada do Grupo Gulbenkian de Bailado prossegue com o seu anunciado segundo programa, o qual será apresentado no Grande Auditório, no dia 5, às 21 e 30; no dia 6, às 15 e 30 e 21 e 30; no dia 7, às 18 e 30 e no dia 8, às 15 e 30.

O programa será constituído por três bailados, o primeiro «Caminhos do Tempo» em criação absoluta, com música de Frantisek Krommer e coreografia de Denis Carey, que se deslocou propositalmente ao nosso país não só para a montagem deste bailado como ainda para dar aos bailarinos do Grupo uma série de aulas de dança moderna. Terá ainda a valorizá-lo cenários e figurinos de Nadir Afonso, um dos mais notáveis pintores portugueses da actualidade. Trata-se de um bailado abstracto «para três grupos de bailarinos e dezasseis objectos» e terá como principais intérpretes Johanne O'Hara, Colleen O'Sullivan, Armando Jorge (dias 5 e 6, às 21 e 30, e 7, às 18 e 30), e Soren Backlund (dias 6 e 8, às 15 e 30).

O segundo bailado, «Passacaglia», com música de Webern e coreografia de Milko Sparenblek, será interpretado por dois dos mais categorizados elementos do Grupo

Margery Lambert e Ger Thomas.

O programa termina com o célebre bailado «Petruchka» de Fokine com música de Stravinsky, criada expressamente para o efeito por encomenda de Diaghileff.

Este bailado, que tanto êxito obteve o ano passado, com produção e direcção de ensaios de Geoffrey Davidson, actual mestre de bailado do Grupo Gulbenkian, tem cenários e figurinos, respectivamente, de Octávio Clérigo e Inês Guerreiro, segundo os originais de Benois.

Os seus principais intérpretes serão Patrick Hurde, em «Petruchka», Isabel Santa Rosa em «Ballarina» e Carlos Fernandes em «Mouro», que não deixarão certamente de repetir as suas extraordinárias criações dos personagens encarnados.

AMIGOS DE ALFRAGIDE

Amanhã, em sala cedida pelo Seminário de Nossa Senhora dos Amigos de Alfragide, promove um colóquio, orientado pelo dr. Frederico Perry Vidal, das Escolas Comunitárias em Portugal, sobre «Escolas Comunitárias — Educação pela Vida».

Faltam professores do Ensino Técnico

Faltam professores nas escolas industriais e comerciais de todo o País, segundo se deduz de um aviso publicado no «Diário do Governo» pelo qual são abertos concursos para preenchimento dos lugares vagos, vários em cada escola, incluindo mestres principais e mestres.

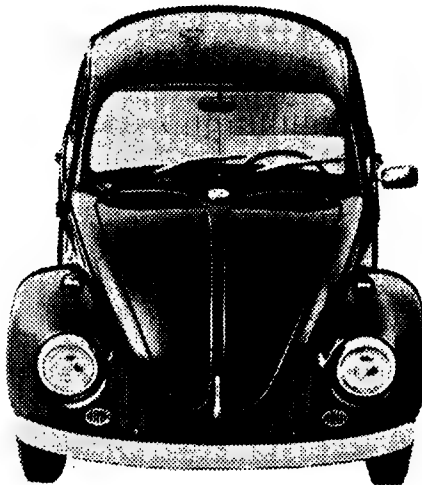
De acordo com o mesmo aviso, há falta de professores nas escolas Industriais e Comerciais de Abrantes, Agueda, Alcanena, Alcobaça, Almada, Amarante, Angra do Heroísmo, Aveiro, Barcelos, Barreiro, Beja, Braga, Bragança, Caldas da Rainha, Cantanhede, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Canas de Senhorim, Elvas, Entroncamento, Espinho, Estarreja, Estremoz, Évora, Fafe, Faro, Figueira da Foz, Funchal, Fundão, Gondomar, Gouveia, Guarda, Guimarães, Lagos, Lamego, Leiria, Loulé, Marinha Grande, Matosinhos, Mirandela, Moncorvo, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Odivelas, Oliveira de Azeméis, Ovar, Penafiel, Peniche, Pombal, P. Delgada, P. de Lima, Portalegre, Portimão, Póvoa de Varzim, Régua, Reguengos de Monsaraz, Santarém, Santo Tirso, S. João da Madeira, Seixal, Serpa, Sertão, Setúbal, Silves, Sintra, Tavira, Tomar, Torres Novas, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Gaia, Vila Real, Vila Real do Santo António e Viseu. Mas também em Lisboa e no Porto há falta de professores. Segundo o referido aviso, há lugares vagos nas Escolas de Artes Decorativas de António Arroio, Industriais de Afonso Domingues, Fonseca Benevides, Machado de Castro e Marquês de Pombal, Industriais e Comerciais de D. Luísa de Gusmão e Josefa de Óbidos e Comerciais de D. Maria I. Ferreira Borges, Patrício Prazeres e Velga Beirão de Lisboa, e nas Escolas de Artes Decorativas de Soares dos Reis, Industriais de Aurélio de Sousa, Fontes Pereira de Melo e Infante D. Henrique, Industrial e Comercial de Clara de Resende e Comerciais de Filipa de Vilhena e de Oliveira Martins, do Porto.

O número de vagas existentes é variável: de 24, na Escola Comercial e Industrial de Castelo Branco a 2, nas Escolas Industriais e Comerciais de D. Luísa de Gusmão e Josefa de Óbidos em Lisboa.

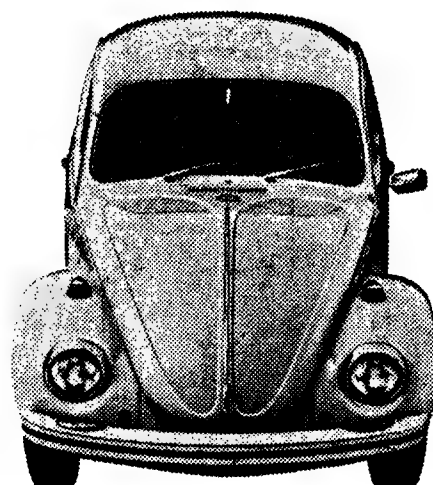
«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas «Comércio do Funchal», «Notícias», de Lourenço Marques; «Correio Português», de Paris; «Diário do Alentejo», de Beja; «Diário Feminino», de Rio Maior; «Jornal do Fundão», «Correio de Coimbra», «Voz Portucalense», do Porto; «Notícias da Covilhã», «Jornal da Bairrada», de Oliveira do Bairro; «Jornal de Viseu»; «A Nazaré», daquela vila; «Jornal do Mar» e «Jornal de Caça e Pesca», de Lisboa.

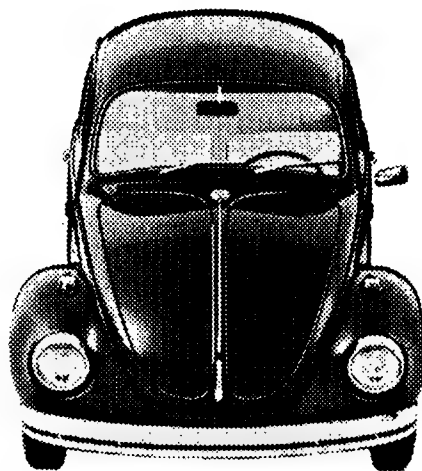
Os carrochãs



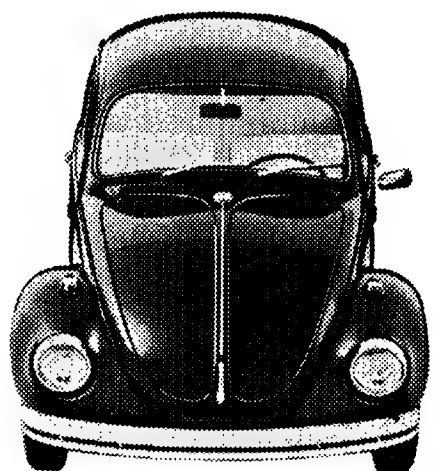
VW 1200 - 1200 cc de cilindrada, 41,5 hp, suspensão independente às 4 rodas, sistema de travões de duplo circuito, coluna de direcção de segurança, óptimos cromados.



VW 1300 - 1300 cc de cilindrada, 52 hp, suspensão independente às 4 rodas, barra de compensação, sistema de travões de duplo circuito, coluna de direcção de segurança, sistema de ventilação com saída forçada do ar.



VW 1302 - 52 hp, suspensão independente às 4 rodas, com amortecedores telescópico-helicoidais à frente, eixo traseiro com suspensão por braços de guia oblíquos, sistema de travões de duplo circuito, porta-bagagens de 260 litros, coluna de direcção de segurança, sistema de ventilação com saída forçada do ar.



VW 1302S - 1600 cc de cilindrada, 60 hp, 130 km/h, suspensão independente às 4 rodas, com amortecedores telescópico-helicoidais à frente, eixo traseiro com suspensão por braços de guia oblíquos, sistema de travões de duplo circuito (de discos à frente), porta-bagagens de 260 litros, coluna de direcção de segurança.



QUALIDADE · ECONOMIA · GARANTIA

SOCIEDADE COMERCIAL QUÉRIN, S.A.R.L. — Av. da Liberdade, 12 — Telef. 36 67 51/7 — 37 01 71/5 — Lisboa.
FILIAIS E AGENTES: Arrifana, Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Évora, Faro, Fundão, Guarda, Leiria, Lisboa (Av. Padre Manuel de Nóbrega e R. da Escola Politécnica), Mirandela, Ponta da Sôr, Portalegre, Santarém, Santiago do Cacém, Setúbal, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Viseu, Angra do Heroísmo, Lagos, Faro.
OFICINAS AUTORIZADAS: Amadora, Bombarral, Caldas da Rainha, Cova da Piedade, Estremoz, Guimarães, Moura, Paredes, Portimão, Porto e S. Tirso.
STANDS DE EXPOSIÇÃO: Abrantes, Espinho, Ovar, Penafiel, Portimão, S. Tirso, Torres Novas e Vila Franca de Xira.

A PRENDA DE NATAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

A INICIATIVA ESTÁ A SER ACOLHIDA COM VERDADEIRO ENTUSIASMO

Nunca se pode saber ao certo o que mais atrai os participantes de um concurso — se os prémios, se o que têm a fazer. No caso da «Prenha de Natal do «Diário de Lisboa», tanto a quadra que os concorrentes têm de criar como os prémios a que ficam habilitados são factores que se podem classificar de aliciantes. Esperar uma quadra sobre o Natal não pode

deixar de interessar a milhares de leitores e o prémio — electrodomésticos «Ruton» e de material de som «Radiola» no valor de setenta mil escudos — tem de classificar-se de extraordinário. O número de quadras que já recebemos, confirma plenamente a popularidade desta iniciativa natalícia. Com efeito, apesar deste concurso estar no seu início, já nos chegaram à Redac-

ção muitas dezenas de quadras reveladoras do interesse que o concurso despertou de Norte a Sul do País.

Alguns concorrentes têm-se-nos dirigido rezeando que se extravie os postais em que colam os cupões. Podemos esclarecer-las e também tranquilizá-las sobre a maneira de remeter os cupões. Embora isso nunca tenha acontecido, os concor-

rentes podem enviar-nos os seus cupões em sobrescrito fechado, mantendo-se, porém, a regra já anunciada de que a cada quadra deve corresponder um cupão. Acrescentamos ainda que cada sobrescrito pode conter um ou mais cupões. Relembramos que toda a correspondência deve ser dirigida ao «Diário de Lisboa» — Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1.



INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO TÉCNICA

No âmbito das acções de promoção programadas para o ano de 1971, o Instituto Nacional de Investigação Industrial, através do Centro de Documentação e Informação, realizará de 1 a 15 de Maio próximo, uma missão de estudo a centros europeus de informação e documentação técnica e científica, destinada a dirigentes e quadros dos sectores público e privado, correspondendo, assim, a diversas sugestões que lhe têm sido dirigidas nesse sentido.

Está prevista a visita a cerca de doze instituições em 4 a 5 países, sendo o número de participantes limitado a 15 pessoas.

Informações pelo telefone: 67 49 41.

PROBLEMAS DA LISBOA-

UM MERCADO EM BUSCA DE

— Quase há três anos que estamos aqui estabelecidos. E não estamos fora da lei! O Governo Civil autorizou que aqui vendêssemos, se as bancas estivessem alinhadas e deixássemos isto lavado no fim da venda! Todos pagamos 5800 a uns rapazes que também forneceram a água. Se nos tiram daqui o que vai ser de

boa? A falta de um mercado municipal é o negócio que que aqui? Ana I. venção tem algo — Nenidade pa Polícia braços. Ainda pe lotizaren colega, ia a cor eia. Ve quando a lar legal importan mara. É fre-nosa, judicada Perganti se não s



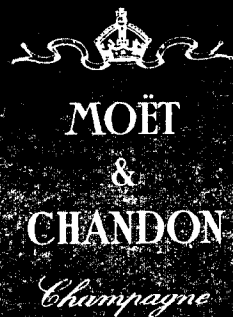
A falta de um mercado municipal é

nós? As frequentes já se tinham habituado a virem aqui comprar...

Com estas palavras, António Ramalho Duarte, debruçado na sua banca de peixe, iniciou o rol de queixas dos vendedores ambulantes estabelecidos no chamado «Caminho de Baixo da Penha», na zona do Alto Pina. Roda-viários, rostos ansiosos, inquietos e alguns curiosos. Ao contrário do clima vivo, de vocabulário bazarmente animado, um certo silêncio se estabeleceu. Jacinta da Conceição, de 61 anos, mais de metade da vida vendendo peixe, lamenta-se:

— Estávamos aqui tão bem! Todos estavam satisfeitos. Mas as vendedoras que têm

OFEREÇA no NATAL



PREFERIDO, DESDE 1743, PELOS «CONNAISSEURS»

REPRESENTANTE EXCLUSIVO EMPOR, S. A. R. L.

RUA DOS FANQUEIROS, 30 • TEL. 325224 LISBOA-2

Cofres de Av. Repúb BANCO DO ALEN

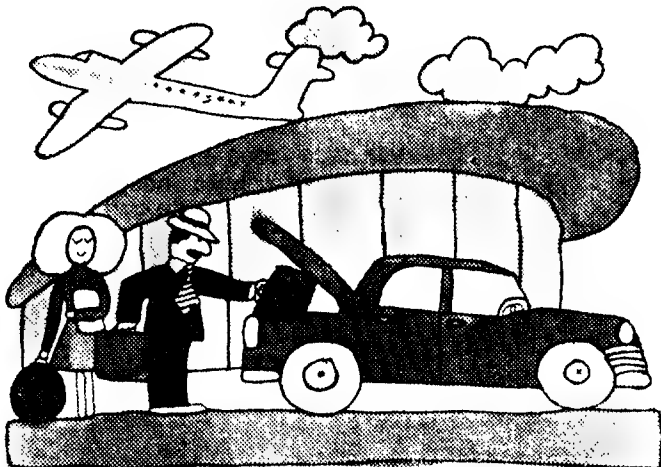
PRENDA DE NATAL DO Diário de Lisboa

Escreva a sua quadra neste cupão BEM LEGIVEL, preencha-o com o morada, recorte-o e cole-o no post enviar para o «Diário de Lisboa»: LHO, 185-1.º — LISBOA-1.

Nome

Morada

Onde quer que vá vai melhor com Hertz



Sair e entrar nos aeroportos é mais fácil com Hertz

A Hertz está em quase todos os aeroportos do mundo. E nos grandes aeroportos europeus está a Golden Girl da Hertz — uma bela rapariga para o receber e ajudar em todos os pormenores respeitantes ao aluguer de um carro Hertz, antes ainda de você chegar ao balcão. Ela espera por si para lhe facilitar a sua rápida chegada e a sua rápida partida. A Hertz aluga Fords e outros magníficos automóveis.

Contacte connosco em Lisboa (telef. 328247), Porto (telef. 33455), Faro (telef. 23537) ou em qualquer das nossas delegações: Estoril, Penina, Alvor, Lagos, Portimão, Monte-Gordo, Ofir, Coimbra, Viana do Castelo, Funchal e em todos os aeroportos, ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

A TARIFA DO ANO mais quilómetros com menos dinheiro Hertz-747



vai melhor com Hertz

BOA-70

DO «CLANDESTINO» DE LEGALIZAÇÃO

na no mercado do Chile
eram uma queixa e recebi-
am ordem para nos retirar-
os até ao fim do mês. Ora
estávamos autorizados pe-
lo Governo Civil, agora fica
dito por não dito? Já não
há idade para andar a
frente da Polícia. O
meu marido é um doente.
Um é que há-de ganhar-nos
vida? Nós não prejudicamos

INTERESSES EM JOGO...

Mas não é necessária qual-
quer pergunta. No aglomera-
do de gente, erguem-se vozes.
Vozes concordantes com o
que nos diz a sr.^a D. Diana
Martins, moradora na Rua
Morais Soares, 60.



Principal determinou o nascimento desta praça ambulante

negócio da praça. Porque é
que querem tirar a gente
daqui?

Ana Duarte cala a inter-
venção do marido. Também
in algo a dizer:

— Nenhuma de nós tem
ade para andar a fugir da
polícia com a padiola nos
bolsos. Já não aguentamos.
Há pouco antes de nos au-
tizarem a ficar aqui, uma
padeira, aquela que está ali,
a correr, estava grávida e
eu. Voltamos ao mesmo,
tendo o que queremos se es-
tarmos legalizadas? Nós não nos
aportamos de pagar a Ca-
rara. É preciso ver que as
coisas também ficam pre-
judicadas se formos embora.
Pergunte-lhes, pergunte-lhes
se não são bem servidos...

— Pois isto aqui serve-nos
bem. Fica mais perto a uma
série de donas de casa. Está
a ver, o que é virem da Afon-
so III, da General Roçadas,
da Mouzinho de Albuquerque
e de tantos outros pontos da
zona, até ao mercado do Chi-
le, debaixo de chuva, agora
neste tempo? Ficamos mais
perto, o peixe é bom e sai
mais barato.

Também a Eulália Rebelo,
moradora na Penha de Fran-
ça, este merece o «clandestino»
faz «muito jeito».

— Faz-nos tanta falta! Com-
pramos mais barato e a qua-
lidade é boa. Numa zona com
tanta gente, há consumidoras
para aqui e para o mercado
do Chile. Não percebo porque
as vendedoras da praça do
Chile, se queiram após 3
anos.

Dália Azevedo Cunha, mo-
radora na Praça Aires Orne-
las, também é assídua fre-
guesa. Não apresenta um ro-
sto satisfeito, ao prever:

— Lá temos nós de andar
outra vez a correr atrás das

de aluguel
pública, 3
LENTEJO

cupão, com LETRA
om o seu nome e
postal que deverá
boa»: RUA CASTI-

**PARA COMPRAR
OU VENDER
AS SUAS JOIAS
BARBOSA, ESTEVES
& C., LD.^a**

293 — Rua da Prata — 295

Desperdiçar não é gran-
deza. Coloque as suas eco-
nomias em objectos que
valham

**GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257**



«Se nos tiram daqui, para onde é que a gente há-de ir?»

vendedoras e ficar com a
compra em meio, porque apa-
rece a polícia.

Atraídos aparecem alguns
dos donos dos estabelecimen-
tos próximos. Augusto Bap-

tista Ferrelira, dono do res-
taurante Pica-Pau, manifesta-
se abertamente pela manu-
tenção das bancas ali no
largo.

— Se saem daqui, é um pre-

juízo. Compramos muito
mais barato.

— Também tenho ganho.
As senhoras vêm aqui abas-

(Continua na 15.ª página)

CORPORAÇÃO DA IMPRENSA E ARTES GRÁFICAS

Na sua última reunião, a
 direcção da Corporação da
 Imprensa e Artes Gráficas,
 sob presidência do dr.
 Luís Borges de Castro, con-
 tinuou a apreciação do pro-
 jecto do decreto-lei sobre
 duração de trabalho presta-
 do por força do contrato de
 trabalho, tendo sido formula-
 das sugestões várias sobre
 trabalho extraordinário e sua
 remuneração, conceitos de
 período de abertura e perío-
 do de funcionamento e tra-
 balho prestado em dias de
 descanso, além de outras re-
 lativas a diferentes matérias
 do mesmo projecto de decre-
 to-lei.

Foram também aprovadas
 directrizes orientadoras so-
 bre as relações entre os di-
 versos organismos integra-
 dos na Corporação da Im-
 prensa e Artes Gráficas.

Entre outros assuntos, foi
 também estudada a proble-
 mática do âmbito do Sindi-
 cato Nacional dos Empre-
 gos de Administração e Re-
 visores da Imprensa, bem
 como as suas implicações na
 contratação colectiva.

Prestigio escreve-se com:

PARKER
INTERNATIONAL CLASSIC

Diz um provérbio chinês que «muitas palhinhas
detêm um elefante». Você também sabe que muitos
pormenores definem uma personalidade. Cada um
dos objectos que o rodeiam e fazem parte da sua
vida revelam o requinte do seu gosto.

A nova linha PARKER INTERNATIONAL CLASSIC
merece um lugar no seu mundo; qualquer dos
seus cinco modelos foi concebido para que você
possa escrever com prazer autêntico as palavras
mais diferentes, dizendo sempre prestígio.



PARKER

FABRICANTES DAS CANETAS MAIS DESEJADAS DO MUNDO

Vermell, Insignia, Silver, Imperial e Flighter—nova linha de esferográficas e lapíceiras PARKER INTERNATIONAL CLASSIC

Distribuidores exclusivos para Portugal: VIALBA REPRESENTAÇÕES, S. A. R. L.

Tem economias? — Aplique-as da melhor maneira!



O CAPITAL INVESTIDO EM PROPRIEDADES RENDE MAIS

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 150 CONTOS
ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

As economias mais modestas encontram nos nossos empreendimentos assegurado o acesso à casa própria

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 - 22
REBOLEIRA: Amadora — Telefone 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 243 35 11

CASCAIS: Rua Reg. Infância 19, n.º 30 — Telefone 28 2575
CONJUNTO TURÍSTICO DA PAMPILHEIRA — Telefone 28 39 88
COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Rua da Figueira, 5, 1.º

ALCATIFAS

TECIDOS — TUFADAS
FLOCADAS — AGULHA-
DAS — PLÁSTICAS

TAPEÇARIAS

NÓLÃ

AV. DA REPÚBLICA, 20-A
Telef. 53 33 10

ROUBARAM O CARRO E LEVARAM-NO PARA ESPANHA

VISEU, 3 — Há uns 15 dias roubaram ao sr. Calixto Henriques Mouta, agente técnico de Agronomia e funcionário da Vinícola do Vale do Dão, o seu carro, deixado à porta de um «café» local, enquanto aquele esteve, uns minutos dentro do referido estabelecimento. Alertadas as autoridades, o veículo veio a ser apanhado pela Guardia Civil, do país vizinho, em Ciudad Rodrigo.

Sete indivíduos viajavam nele. A Guardia Civil desconfiou, vendo tanta gente no carro, e apreendeu o veículo. O seu proprietário já se deslocou àquela cidade fronteiriça a fim de reaver o carro. Mas como conseguiram os atrevidos ladrões percorrer o trajecto de Viseu à fronteira e atravessá-la, sem serem descobertos?!

ILUMINAÇÕES DO NATAL EM QUELUZ

QUELUZ, 3 — Ontem à noite realizou-se no antigo mercado uma reunião dos comerciantes locais, a fim de ser tratado o problema das iluminações públicas da quadra natalícia.

SOBRETUDOS E GABARDINES

Grande sortido em Agasalhos para Homem, CAMISARIA — GRAVATARIA — MALHAS — E as últimas novidades para BRINDES DO NATAL.

VERÍSSIMOS
Av. Guerra Junqueiro, 8-C

«FIM DO ANO» EM MADRID

A C. P. vai organizar, em colaboração com a Agência de Viagens Empresa Geral de Transportes, uma excursão a Madrid, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) no dia 30 de Dezembro no comboio «Lusitânia-Expresso» e regresso de Madrid no dia 3 de Janeiro do próximo ano no comboio «TER».

Preço (tudo inclui-
do) 1500\$00

Para melhor elucidiação peça folhetos descritivos:

- Nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia);
- Na Empresa Geral de Transportes, Rua do Arsenal, 124;
- Nas Agências de Viagens autorizadas;
- Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

Onde se encontram à venda os respectivos bilhetes.

CANÇÕES NA VOZ DO Pe. FANHAIS

«Canções da cidade nova» é o título de um álbum em que a produtora «Zip-Zip» apresenta doze interpretações do Padre Fanhaís.

Este disco da «Zip-Zip» tem sido captado por Heitor Pires, arranjado e direcção de Thilo Kammann e a saliente actualização dos violas Fernando Alvim e Pedro Caldeira Cabral.

SNR. AUTOMOBILISTA

GANHE DINHEIRO! POUPOANDO O SEU AUTOMÓVEL! DEFENDA-OS DOS INVERNOS! MANDANDO APLICAR NO CHASSIS E NA CHAPARIA INTERIOR A CAMADA PROTECTORA «PLASTICOAT»

Protecção total garantida por 6 anos
Não precisa mais parafinar nem pintar
Anti-ferrugem, anti-ruídos — Aumenta a vedação

CAMPANHA INVERNO de 1/11 a 1/4/71

Marque já a sua entrada

Preços: 650\$00 — 550\$00 — 450\$00

COTAL — Rua Artilharia Um, 105-A

Rua dos Lustrados, 113-A

ESPECIALIZADOS HA 25 ANOS

MAIORES DE 17 ANOS — AMBIENTE SELECIONADO

MÁRIO SIMÕES

E O SEU CONJUNTO
na «BOITE»

HIPOPÓTAMO

SERVIÇO DE CEIAS

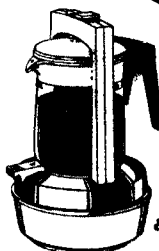
MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 48384

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR N.º 3

ABERTO DAS 22 AS 5 H (Encerrado aos domingos)

KRUPS

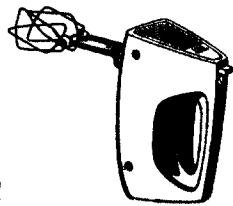
dá à dona de casa uma vida melhor



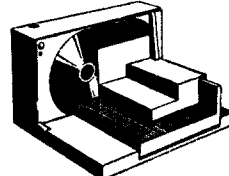
Maquina de café automática



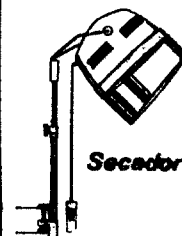
Moinho de café



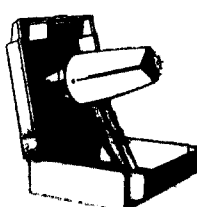
Batedeira de múltiplas aplicações



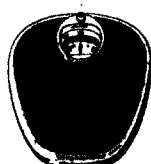
Cortadora universal



Secador de cabelo com 1100W



Secador de cabelo manual



Balança para pesar pessoas



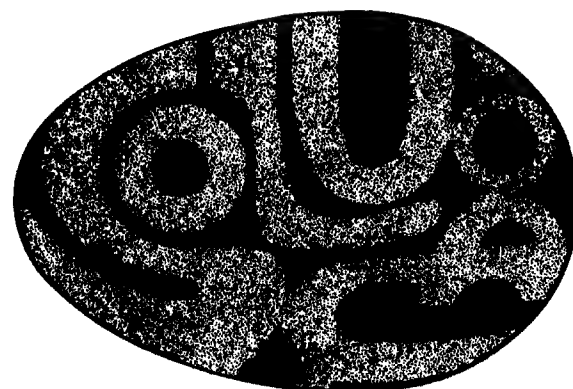
Relógios eléctricos de pilha

Representante e distribuidor
Lusomax

KRUPS é isto... e muito mais!

Rua dos Correeiros, 123 - 3.º andar - Telef. 3 06 47/8 - LISBOA

RESOLVA-OS COM BRINDES DA



SOLUÇÃO: Av. de Roma, 12 - B - Lisboa Tel. 720586

PROBLEMAS DA LISBOA-70

(Continuação da pág. central)

tecer-se e comprem na minha mercearia — intervém Mário da Silva Alves.

Carlos A. Martins, dono da leitaria, esclarece:

— A mim beneficiava-me muito. Tomam na minha casa o pequeno almoço e gastam muita coisa de lá.

— Almoçavam na minha taberna e vendiam-me os géneros a preço mais acessível. Faziam muito jeitinho — concluiu Laura Loureiro de Sousa

AINDA A ESPERANÇA...

Rosa Rolcon, freguesa de há longos anos, tem uma face amável e enristecida:

— Deus queira que não vão embora! Fazem muita falta. Isto nunca esteve tão limpo. Não há mau cheiro, nem moscas. Deizam tudo limpo. Eu guardo-lhes as miúdas lá em casa, quando chove. Deus queira que se não vão embora!

— Só vivemos disto — acode Ana Duarte. — Sempre vendemos na nossa vida. O que vamos fazer com esta idade, se nos expulsam daqui? Mas temos esperança. Formámos uma comissão de vendedores e iremos falar com o presidente da Câmara. Esperamos que tudo se resolva em bem.

Palavras últimas de confiança. A freguesia de S. João cresce rapidamente: abrem-se ruas, erguem-se imóveis. Enquanto se não cria o mercado de que a zona carece, porque não aceitar esta solução de emergência? Por que

não proporcionar a estes vendedores a legalização que desejam, cuidando, no entanto, da preparação e cobertura do local? Ou a única via para os vendedores ambulantes, será ainda «fugir à Polícia»?

Ou o futuro das donas de casa da freguesia será desio-carem-se «debaixo de chuva» ao mercado do Chile, em cujas bancas o peixe, legumes e frutas não primam pela acessibilidade?

UM INFANTÁRIO PARA CRIANÇAS POBRES EM COIMBRA

COIMBRA, 3 — O Centro de Assistência Paroquial de Santa Cruz, em colaboração com as Conferências de São Vicente de Paulo, promove uma «Venda de Caridade», nos claustros de Santa Cruz, a partir de amanhã.

O produto reverterá, na totalidade, para ajudar a construção de um infantário destinado às crianças pobres do Bairro de São Miguel, obra de grande alcance social, bem necessária naquele local, dada a ausência de pais e mães, durante o dia, no trabalho.



«A LEI É CONTRA NÓS»

A propósito da reportagem que recentemente publicámos, sobre os problemas que rodeiam a indústria de transportes de mercadorias em regime de aluguer, recebemos várias cartas e telegramas de aplauso.

Diz-se numa carta da Empresa de Transportes «A Central da Estefânia, Lda.:

«Não foi sem algo de surpresa, que tivemos o ensejo e grato prazer de vermos publicada ontem, no vosso conceituado jornal, uma notícia que bem exprime e patenteia quantas injustiças nos são feitas, quantas perseguições nos são movidas».

Também a empresa de «Transportes Luís Gouveia, Lda», se congratula com o facto de termos abordado o assunto aludindo a «Referências a problemas e disposições legais que estrangulam e asfixiam a indústria de transportes de mercadorias em regime de aluguer, quer de pequeno raio de acção, quer de longo curso, em especial» e considera que a aprovação que manifestam «será perfiçada e apoiada por todos os colegas industriais». Entre os telegramas enviados, conta-se o da Empresa de Transportes Cutamas, do Porto, com palavras de apoio, pela forma como o «Diário de Lisboa» abordou os problemas que afligem a indústria de camionagem de aluguer.

Consulte-nos
e aproveitará
melhor as
suas economias...

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



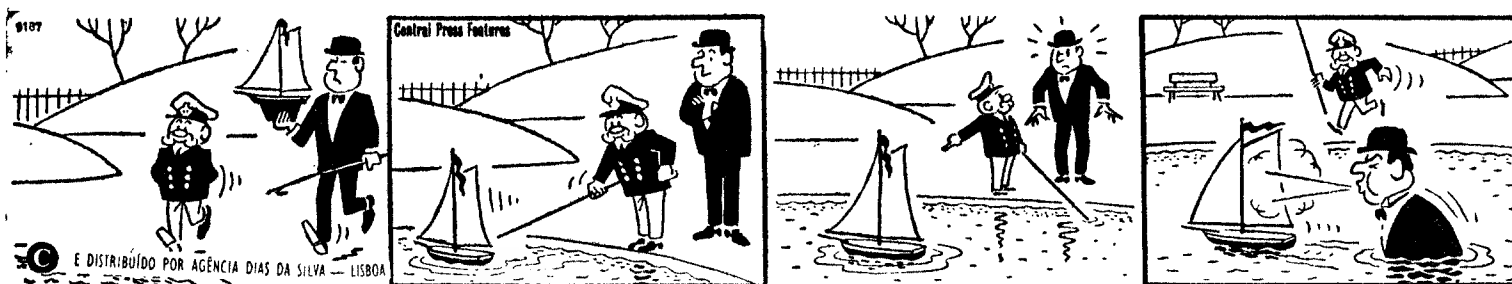
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos

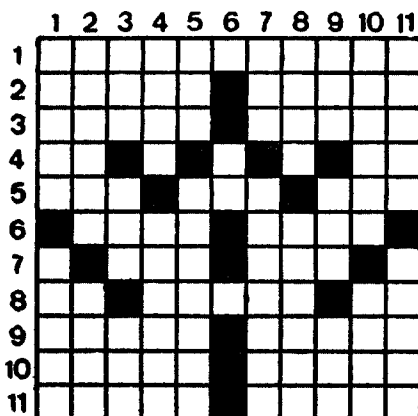


Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5734

HORIZONTAIS: 1 — Repetir. 2 — Combinar. Largo de Lisboa. 3 — Dividir ao meio. Estimais. 4 — Prata (s. q.). Nota musical. 5 — Catedrais. Recusa. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de ah! ah! 6 — Move os remos. Em mais alto grau. 7 — Mitologia. Intimo. 8 — Tempo do verbo haver. Sobre. Aqui. 9 — Cidade do estado do Maranhão. O mesmo que irritar. 10 — Resfriar. Inspirar (fig.). 11 — Nome de homem. Rio de latão.

VERTICAIS: 1 — As folhas das plantas. Ferida aberta. 2 — Escolher por meio de votos. Lavrem. 3 — Clavidade. Preposição. Faleira. 4 — Rio dos Estados Unidos. Enfiar. 5 — Duas vezes. Lado proveniente de enfiadas ou deixado por uma corrente, que se espalha. 6 — Oferece. 7 — Mau cheiro. Passara em silêncio. 8 — Ramalhete. Polisar no mar (o avião). 9 — Cólera. Escudeiro. Sufixo que designa pequenez. 10 — Acanthos. Irmão de Abel. 11 — Pessoa muito parecida com outro época avançada.



Resolheu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5733

HORIZONTAIS: 1 — Travo. Carta. 2 — Rinar. Alvar. 3 — Imola. Passe. 4 — Alvar. 5 — Apa. Sus. POR. 6 — Ama. A. Gap. 7 — Adita. Banir. 8 — Lema. Sono. 9 — Mita. Pão. Som. 10 — Ar. Arais. De. 11 — Solte. Assou.

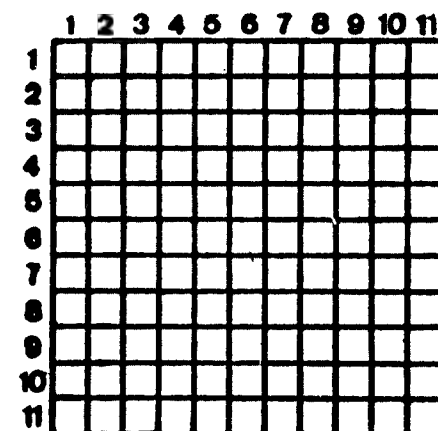
VERTICAIS: 1 — Trina. Almas. 2 — Rim. PADEIRO. 3 — Amo. Amima. 4 — Valia. Aita. 5 — Orais. Pré. 6 — Rua. AAA. 7 — Capas. Oia. 8 — Alão. Gas. SS. 9 — Ris. Panos. 10 — Tas. Opinado. 11 — Arcor. Romeu.

PROVERBIO: Pôr a pão de padeiro.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9577

HORIZONTAIS: 1 — Antiga cidade da ilha de Java. Possui. 2 — Suco narcótico extraído da papoia. Exprimo por palavras. 3 — Espirito. Naipes das cartas de jogar. 4 — Caminhos. Inteligência (fig.). 5 — Rio da Suíça. Apanhara. 6 — Nota musical. Curar. Futil. 7 — Irem para fora. Termo. 8 — Aniversário. Macia. 9 — Quenidos. Voz masculina mais alta que a de barítono. 10 — Braços de mar. Ramada. 11 — Cincho. Aglomerado de casas.

VERTICAIS: 1 — Valentim. Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional, na Costa do Ouro. 2 — Ligais. Oásis. 3 — Cidade de Portugal. Irmão de Moisés. 4 — Maniscos de Cabo Verde e do Senegal. Signos. 5 — Reles. De pregos elevados. 6 — Satélite de Júpiter. Oportunidade. Rádio (s. q.). 7 — Batem em Pequena bigorna de aço sem hastes. 8 — Bolo. Divisa. 9 — Abafar. Acabar. 10 — Pronome pessoal. Sinal. 11 — Banca. Acorrento.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9576

HORIZONTAIS: 1 — Crestanemos. 2 — Aromaria. 3 — As. Arom. Al. 4 — Loja. Tia. Fia. 5 — Arrua. Laia. 6 — An. An. 7 — Geo. Aar. 8 — Gamão. Conto. 9 — Alão. Ocas. 10 — Ter. Com. Aca. 11 — Amada. Cosam.

VERTICAIS: 1 — Caala. Agala. 2 — Sora. Além. 3 — Ea. Amumara. 4 — Sra. Ua. Ao. 5 — Tonta. Go. Cá. 6 — Ama. Pé. Dó. 7 — Ramal. Oc. MC. 8 — Era. Aa. Oó. 10 — Aia. Ataca. 11 — Selo. Prosam.

Dezoito mil contos custa o cais comercial da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 3 — Em reunião de Conselho de Ministros, foram autorizadas as obras de construção do novo cais comercial do porto, da Figueira da Foz pela quantia de 18 mil contos.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Este importante melhoramento cuja falta, muito se vem notando motivado pelo movimento do tráfego, que após a conclusão dos molhes exteriores do sul e norte, do porto aumentou de tal forma que justifica bem a importante obra.

A obra da construção do cais, foi adjudicada a uma empresa de Setúbal, para a dar concluída, no prazo de 18 meses.

BILHETES DE FIM DE SEMANA no «QUADRA DO NATAL»

A C. P. informa-nos de que, na «Quadra do Natal», os bilhetes de fim de semana têm validade, na viagem de ida, a partir das 17 horas de quarta-feira, dia 23 de Dezembro.

A viagem de regresso, pode ser feita a partir das 12 horas do domingo seguinte e até às 24 horas de segunda-feira, dia 28.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO		
NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«BEIRA»*	10 de Dezembro	Directo a: Lobito, L. Marques, Beira, Namala e Moçambique
«LEIXÕES»*	11 de Dezembro	Directo a: Luanda, Lobito e Cabinda.
«S. TOMÉ»*	16 de Dezembro	Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçamedes e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«P. PERFEITO»	21 de Dezembro	Directo a: Luanda e Lobito.

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de passagens: Telef. 34764 e 369172

LISBOA - R. DO COMÉRCIO, 61 - TEL. 34764
PORTO - R. INDEPENDÊNCIA, 61 - TEL. 22138

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 3 de Dezembro de 1940 publicava:

«A antiga Escola Agrícola da Paia — agora Escola de D. Diniz — está desde há três dias, num dos seus sectores, o Pavilhão da «Azenha Velha», povoada de um pequenino mundo estrangeiro, que canta e chילהira tal qual a passadeira pelos jardins e hortas da grande quinta escolar.

«São vinte e sete crianças, francesas, americanas, russas, checas, australianas, húngaras e alemãs, que seguem caminho dos Estados Unidos, a juntarem-se aos pais ou a um deles, a procurarem tranquilidade, depois da tragédia das evacuações, da fuga, do abandono — a guerra enfim»

Campeonato Nacional de Futebol

(1.ª Divisão)

ACADEMICA-BENFICA

DOMINGO, 13 DE DEZEMBRO

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Coimbra, e volta, no dia 13 de Dezembro por ocasião do desafio de futebol «Académica-Benfica», ao preço de 80\$00.

HORARIO

Partida de Lisboa, (Santa Apolónia) às 7h e 42; e chegada a Coimbra às 10 e 55.

Partida de Coimbra, às 19 e 35 e chegada a Lisboa (St.ª Apolónia) às 22 e 40.

Bilhetes à venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

AS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS PODERÃO VIR A SER DESIGNADAS POR ESTADOS

—segundo a proposta de lei de revisão constitucional

É o seguinte o articulado da proposta de lei de alteração da Constituição, subscrita pelo Chefe do Governo e ontem entregue na Assembleia Nacional:

Artigo 1.º As disposições da Constituição Política da República Portuguesa a seguir mencionadas passam a ter a redacção e numeração que lhes é dada pela presente lei:

Art. 2.º ...

§ 2.º Nos territórios ultramarinos a aquisição por Estado estrangeiro de terreno ou edifício para representação consular será condicionada pela anuência do Governo Português á escolha do respectivo local.

Art. 4.º A Nação Portuguesa constitui um Estado independente, cuja soberania, una e indivisível, só reconhece como limites a moral e o direito.

§ 1.º As normas de direito internacional vinculativas do Estado Português vigoram na ordem interna desde que constem de tratado ou de outro acto aprovado pela Assembleia Nacional ou pelo Governo e cujo texto haja sido devidamente publicado.

§ 2.º O Estado Português cooperará com outros Estados na propagação e adopção de soluções que interessem a paz entre os povos e ao progresso da humanidade, e preconiza a arbitragem como meio de dirimir os litígios internacionais.

Art. 5.º O Estado Português é unitário, mas poderá compreender regiões autónomas com organização política e administrativa adequada á sua situação geográfica e ás condições do respectivo meio social.

§ 1.º A forma do regime é a República Corporativa, baseada na igualdade dos cidadãos perante a lei, no livre acesso de todos os portugueses aos benefícios da civilização e na participação dos elementos estruturais da Nação, na política e na administração geral e local.

§ 2.º A igualdade perante a lei envolve o direito de ser provido nos cargos públicos, conforme a capacidade ou serviços prestados, e a negação de qualquer privilégio de nascimento, raça, sexo ou condição social, salvo, quanto ao sexo, as diferenças de tratamento justificadas pela natureza, e, quanto aos encargos ou vantagens dos cidadãos, as imposições da diversidade das circunstâncias ou pela natureza das coisas.

§ 3.º São elementos estruturais da Nação os cidadãos, as famílias, as autarquias locais e os organismos corporativos.

Art. 7.º A lei determina como se adquire e como se perde a qualidade de cidadão português. Este goza dos direitos e garantias consignados na Constituição, salvo, quanto aos que não sejam nacionais de origem, as restrições estabelecidas na Constituição e nas leis.

§ 1.º São privativas de portugueses originários as funções de Presidente da República, de conselheiro de Estado, de deputado e de procurador da Câmara Corporativa, de membro do Governo, de juiz dos tribunais superiores, de procurador-geral da República, de governador

das províncias ultramarinas, as funções diplomáticas, e a participação no colégio eleitoral para a designação do Presidente da República.

§ 2.º Os estrangeiros gozam em Portugal dos direitos e garantias reconhecidos pela Constituição aos portugueses, se a lei não determinar o contrário. Exceptuam-se os direitos políticos, salvo o exercício de funções públicas com carácter predominantemente técnico, e os direitos públicos que se traduzam num encargo para o Estado, observando-se, porém, quanto aos últimos, a reciprocidade de vantagens concedidas aos súbditos portugueses por outros Estados.

§ 3.º Sob reserva de igual tratamento em favor dos portugueses no Brasil, os cidadãos brasileiros podem ser equiparados aos nacionais para o efeito do gozo de direitos, exceptuados aqueles a que se refere o § 1.º deste artigo: o exercício de direitos políticos, porém, só será permitido aos cidadãos brasileiros que tenham a sua residência principal e permanente em território português.

Art. 8.º ...

8.º Não ser privado da liberdade pessoal nem preso preventivamente, salvo os casos previstos nos §§ 3.º e 4.º.

9.º Não ser sentenciado criminalmente senão em virtude de lei anterior que declare puníveis o acto ou omissão, nem sofrer pena mais grave do que aquela que estiver fixada ao tempo da prática do crime;

10.º Haver instrução contraditória, dando-se aos arguidos, antes e depois da formação da culpa e para a aplicação de medidas de segurança, as necessárias garantias de defesa;

11.º Não haver pena de morte, salvo no caso de beligerância com país estrangeiro e para ser aplicada no teatro da guerra nos termos da lei penal militar, nem penas ou medidas de segurança privativas ou restritivas da liberdade pessoal, com carácter perpétuo, com duração limitada ou estabelecidas por períodos indefinidamente prorrogáveis, ressalvadas as medidas de segurança que se fundem em anomalia psíquica e tenham fim terapêutico.

21.º Haver recurso contencioso dos actos administrativos definitivos e executórios que sejam arguidos de ilegalidade.

§ 2.º Lei especial regulará o exercício da liberdade de expressão do pensamento, de ensino, de reunião e de associação e da liberdade religiosa, devendo, quanto á primeira, impedir preventiva ou repressivamente a perversão da opinião pública na sua função de força social e salvaguardar a integridade moral dos cidadãos, a quem ficará assegurado o direito de fazer inserir gratuitamente a rectificação ou defesa na publicação periódica em que forem injuriados ou infamados, sem prejuízo de qualquer outra responsabilidade ou procedimento determinado na lei.

§ 3.º A lei poderá autorizar a prisão preventiva em flagrante delito ou por crime doloso a que corresponda pena de prisão superior a um ano e ainda nos casos em

que seja aplicável medida de segurança privativa da liberdade. A prisão preventiva sem culpa formada está sujeita aos prazos estabelecidos na lei e só pode ser ordenada havendo forte suspeita da prática do crime.

§ 4.º Fora dos casos de flagrante delito, a prisão em cadeia pública ou detenção em domicílio privado ou estabelecimento de alienados só poderá ser levada a efeito mediante ordem por escrito de autoridade judicial ou de outras autoridades expressamente indicadas na lei donde

constem os motivos da prisão ou detenção, e não será mantida desde que o arguido se sujeite ás condições a que ficar subordinada a liberdade provisória, quando a lei o consentir.

Poderá contra o abuso do poder usar-se da providência excepcional do *habeas corpus*.

Art. 31.º O Estado tem o direito e a obrigação de coordenar e regular superintendente a vida económica e social com os objectivos seguintes:

1.º Promover o desenvolvimento económico e social do

País e de cada uma das parcerias e regiões que o compõem e a justa distribuição dos rendimentos;

Art. 33.º O Estado só poderá tomar a seu cargo, em regime de exclusivo ou não, actividades económicas de primordial interesse colectivo e intervir na gerência das actividades económicas particulares quando haja de financiar ou para conseguir benefícios sociais superiores aos que seriam obtidos sem a sua intervenção.

Art. 38.º Os litígios emergentes dos contratos individuais de trabalho serão jul-

gados por tribunais do trabalho.

Art. 39.º Os diferendos colectivos nas relações de trabalho serão dirimidos, nos termos da lei, por conciliação ou por arbitragem, não sendo permitida a suspensão de actividade por qualquer das partes com o fim de fazer vingar os respectivos interesses.

Art. 43.º O Estado procurará assegurar a todos os cidadãos o acesso aos vários graus de ensino e aos bens da cultura, sem outra distinção que não seja a resultante das capacidades e dos méritos, e

(Continua na 22.ª página)

MARCA adapt. 70.8a-2

Algumas velhas desculpas para chegar atrasado

Mesmo o óleo mais fino pode retardar a corda pela congelação. Uma partícula de pó, pode perturbar o delicado mecanismo da roda de balanço.

Estas são boas desculpas para um relógio se atrasar.

Desculpas que nunca existem com um relógio BULOVA ACCUTRON.* Porque ele não possui este tipo de peças na sua concepção mecânica.

Discretamente, no seu interior, encontra-se, sim, um mecanismo electrónico: um diapasão activado por uma célula eléctrica.

(O mesmo diapasão usado nos mecanismos do Programa Espacial Apollo).

Ele marcha continuamente, dividindo cada segundo em 360 partes e mantendo o relógio BULOVA ACCUTRON certo, preciso, com uma tolerância máxima de 1 minuto por mês. Isso garantimos nós.

BULOVA ACCUTRON

O RELÓGIO ELECTRONICO COM DIAPASÃO



* Marca registada

Alguns Agentes autorizados, em Lisboa:

Edmundo & Herlander, Ld. - Av. Combatentes G. Guerra, 72-B - Alges • Nascimento & Pinho, Ld. - P. da Figueira, 44-A • Oliveira & Jacome, Ld. - R. da Praia, 135/137 • Ourivesaria J. N. Cunha, Ld. - R. Azeite, 201 • Ourivesaria Joaquim Batista da Silva - R. Barcos Queiroz, 48 • Ourivesaria Pimenta - R. Augusta, 257 • Ourivesaria Portugal - Rossio, 121/122 • Relojaria Justos Knoblich & C. - R. Azeite, 133 • Relojaria Maury - R. Azeite, 202 • Relojaria Suíça - R. Azeite, 252 • Torres Joalheiros - R. Azeite, 255

O Governo dos EUA endurece a política para o Vietnam

WASHINGTON, 3 — (F. P.) — O Governo americano orienta-se para um endurecimento muito nítido na sua política do Vietnam, sobretudo no domínio dos bombardeamentos aéreos do Vietnam do Norte, sobretudo de fonte chegada à Casa Branca. Sem ir até ao ponto de retomar os bombardeamentos maciços abandonados em 31 de Outubro de 1968, o Governo decidiu repositivamente de cada vez que o seu dispositivo militar no

Vietnam do Sul seja alvo de «provocações», motivado por três considerações governamentais:

1 — A ausência total de progressos na conferência de Paris, onde qualquer concessão é encarada como um acto de fraqueza pela outra parte, que se torna ainda mais intransigente.

2 — A vontade firme dos americanos de tudo fazer

para socorrer os prisioneiros de guerra, vontade apoiada pela opinião pública dos Estados Unidos.

3 — O desejo de que não pareça fraqueza a retirada progressiva das tropas americanas do Vietnam.

Noutros termos: Nixon vai prosseguir a sua política de vietnamização, mas manterá até à retirada do último soldado americano toda a sua capacidade de fogo aéreo.

Em fontes autorizadas,

indica-se que as provocações norte-vietnamitas são de variada natureza, tais como tiros de antiaérea contra aviões de reconhe-

cimento americanos desarmados, concentrações de tropas, baterias de DCA perto da «Pista Ho Chi Minh», etc.

As represálias a estas provocações foram efectuadas até aqui por grupos de aviões de envergadura variável (entre 10 e 500).

Encontro Hussein-Sadat

CAIRO, 3 — (A. N. I.) — O rei Hussein da Jordânia concluiu hoje as suas conversações com o presidente Sadat do Egipto e partiu de avião esta manhã para Londres, a fim de iniciar contactos entre a Jordânia e as nações ocidentais.

Durante a sua permanência de dois dias no Cairo, Hussein conferenciou com o presidente Anwar Sadat e garantiu que o objectivo do seu Governo era honrar os pactos de paz que, em Setembro, terminaram com a guerra civil na Jordânia.

O monarca jordano, durante a sua estada no Cairo, deu conhecimento aos dirigentes egípcios dos planos de conversações que tencionava ter em Londres,

em Washington, em Paris e em Bonn.

COMANDO SOVIÉTICO NO EGITO

— ACUSA-SE EM ISRAEL

TEL-AVIV, 3 — (A. N. I.)

— Correspondentes militares israelitas a nunciam hoje que a União Soviética está a instalar o seu próprio comando militar no Egipto.

As notícias que primeiramente apareceram ontem no vespertino «Yedioth Aharonoth» sobre a chegada ao Egipto de altas patentes do Exército Vermelho foram hoje repetidas com mais pormenores nos jornais matutinos israelitas.

Círculos do Ministério da Defesa declararam que não podiam confirmar nem desmentir essas notícias.

COLONATO PARA-MILITAR ISRAELITA NA FAIXA DE GAZA

TEL-AVIV, 3 — (R.) —

Israel criou o seu primeiro colonato para-militar na faixa de Gaza ocupada, próximo de Dir El Balach, a sul da cidade de Gaza.

O colonato, que tem o nome de Nahal Kfar Darom, foi montado no local de uma antiga granja colectiva com o mesmo nome, tomada pelos árabes em 1948.

PRÉMIO DE ENSAIO

MÁRIO SACRAMENTO 1970

Tendo presente, por um lado, quanto a ânsia de conhecer a realidade nacional se generaliza e aprofunda e, por outro, os esforços que individualmente se têm vindo a desenvolver no sentido de estudar e esclarecer os problemas mais importantes da nossa história passada e presente, resolveu a Editorial Inova instituir, para comemorar o 2.º ano da sua actividade editorial, o PRÉMIO DE ENSAIO MARIO SACRAMENTO 1970. Com ele se pretende, para além de prestar uma homenagem inteiramente devida a um dos mais importantes ensaístas portugueses contemporâneos, estimular o trabalho de investigação e análise da cultura nacional, e também manter uma presença que há dois anos se vem afirmando na vida cultural da cidade do Porto.

REGULAMENTO

1. Podem concorrer ao Prémio de Ensaio Mário Sacramento autores portugueses com trabalhos inéditos de carácter ensaístico sobre qualquer tema referente à vida ou cultura portuguesa, actual ou passada.
2. O Prémio, no valor de 25 MIL ESCUDOS, corresponde aos direitos de publicação de 5000 exemplares, em uma ou duas edições, e será atribuído ao ensaio que o júri considerar como melhor entre os apresentados a concurso.
3. O ensaio premiado será publicado na Coleção Civilização Portuguesa, até 31 de Maio de 1971.
4. Em nenhum caso o Prémio deixará de atribuir-se, mas, se o júri considerar que duas ou mais obras concorrentes apresentam méritos de classificação relativa extremamente discutíveis, poderá ser dividido em partes iguais por mais de um concorrente.
5. A entrega do Prémio equivale, para efeitos editoriais, à aquisição por parte da Editorial Inova dos direitos de edição única para os primeiros 5000 exemplares da obra premiada, ficando o autor com liberdade de dispor como melhor entender dos respectivos direitos para novas edições. No caso de ser premiado mais de um autor, estudar-se-ão as modalidades mais adequadas às circunstâncias, de modo que os autores não fiquem prejudicados.
6. O júri será constituído por quatro personalidades tanto quanto possível representativas da maior variedade dos temas abordados e das tendências verificadas entre os concorrentes, secretariado o director da Coleção Civilização Portuguesa.
7. Os cinco membros do júri escolherão entre si um Presidente, cujo voto se considerará qualificado para desempate, ou para decidir em questões de fundo de votação.
8. As obras concorrentes deverão ser enviadas em cinco exemplares dactilografados à Editorial Inova (Praça Guilherme Gomes Fernandes, 38-2.º — Porto), até ao dia 31 de Dezembro do corrente ano, com o nome do autor substituído por um pseudónimo ou divisa; e, juntamente, deverá ser entregue um sobrescrito lacrado em cujo interior se encontre a identificação do autor.
9. Apenas será aberto o sobrescrito do concorrente premiado. Os exemplares das obras não premiadas e os sobrescritos com a respectiva identificação poderão, se isso for solicitado, ser reenviados ao remetente ou restituídos à pessoa que os entregou.
10. Os nomes do autor e da obra premiados serão revelados em 21 de Fevereiro de 1971, ou seja na comemoração do 3.º aniversário da Editorial Inova.
11. Eventualmente a Editorial Inova poderá vir a publicar alguma obra concorrente que, embora não premiada, demonstre real valor. Neste caso, os direitos de autoria serão objecto de um acordo entre a Editorial e o autor.

EDITORIAL INOVA LIMITADA/PORTO

BOMBEIROS ITALIANOS EM GREVE

ROMA, 3 — (R.) — Uma greve nacional dos bombeiros italianos encerrou ontem pelo segundo dia consecutivo muitos aeroportos do país.

O aeroporto de Fiumicino, na capital, foi mantido aberto devido à intervenção de bombeiros militares, que foram destacados anteriormente para equipar serviços de emergência, mas os aeroportos de Malpensa e Linate, em Milão, estiveram fechados.

A greve, reclamando reforma dos salários e outras melhorias, deve terminar amanhã, segundo está planeado, com uma manifestação em Roma de bombeiros de toda a Itália.

ESQUELETO COM 4000 ANOS

VIENA, 3 — (A. N. I.) — Um esqueleto humano com cerca de 4000 anos foi encontrado perto da capital austríaca — informam as autoridades.

O esqueleto, localizado a 16 metros de profundidade, deve pertencer a um homem das pedras polidas ou aos princípios da Idade do bronze.

A visita de Paulo VI à Indonésia

(Continuação da 1.ª página)

missionárias, mas, por outro lado, as manifestações dos muçulmanos contra os católicos e protestantes não são reprimidas desde que não provoquem tumultos.

O Santo Padre aceitou o convite para vir à Indonésia como aceitou o de Célão, em que a maioria é budista. Isto é, cumpre a promessa que fez em 1963 de lutar não sómente pela unidade dos cristãos, mas também pela paz entre todos os povos.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

estação
de serviço
de
auto-rádios

GRUNDIG

Põe à sua disposição
um serviço técnico
especializado
onde pode efectuar
a montagem
gratuita,
com garantia,
do seu auto-rádio
GRUNDIG,
com a maior
eficiência e rapidez

R. Victor Hugo, 4-C · Lisboa
Telef. 712210



PARA O SEU AUTO-RÁDIO GRUNDIG
PESSOAL ESPECIALIZADO GRUNDIG

Actualidade internacional

Compete à União Soviética mostrar flexibilidade a respeito de Berlim-Oeste

— afirmam os «quatro grandes» ocidentais

BRUXELAS 3 — (R.) — O lado ocidental julga que compete agora à União Soviética demonstrar flexibilidade na sua atitude nas conversações dos quatro grandes a nível de embaixador sobre Berlim, que não revelaram até agora qualquer progresso — afirmaram hoje fontes bem informadas.

A situação das conversações dos quatro potências sobre Berlim foi analisada num jantar-conferência nesta capital pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Alemanha Ocidental.

As mesmas fontes disseram que Walter Scheel, ministro alemão ocidental dos Negócios Estrangeiros, declarou na conferência que repetidas vezes torna-

ra claro que, a não ser que houvesse uma solução, para o problema de Berlim, o Governo de Bonn não contemplaria a ratificação do seu tratado de não agressão com a União Soviética.

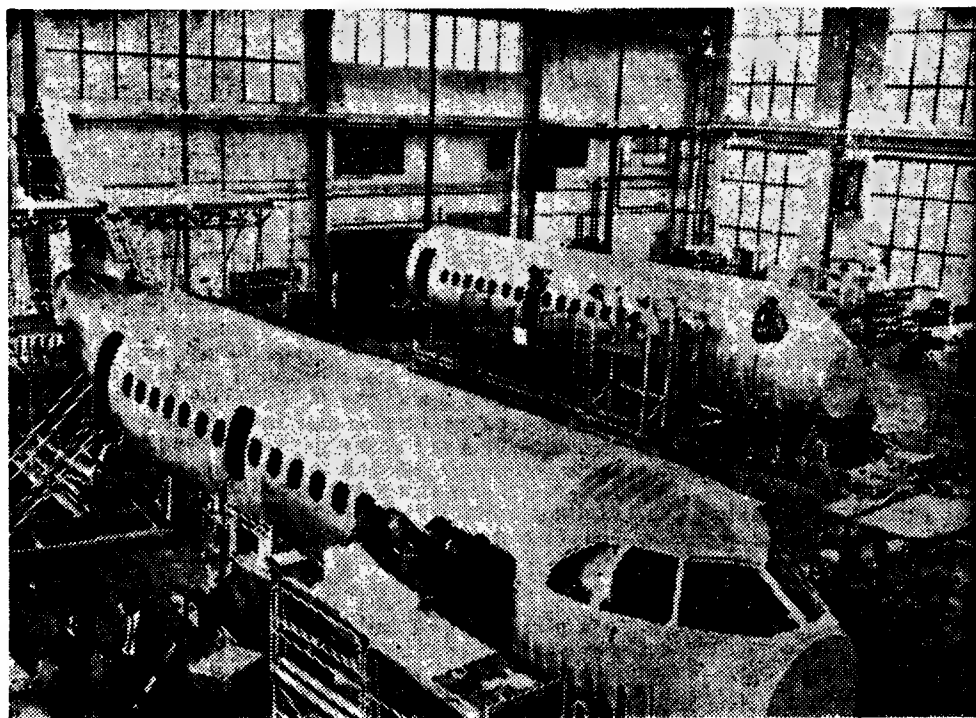
Ministros da N.A.T.O., efectuando desde antontem conversações em Bruxelas são de opinião que não se registou progresso suficiente quanto ao problema de Berlim para iniciar conversações multilaterais com o lado comunista para uma conferência sobre segurança europeia.

PROTESTO

BERLIM-OESTE, 3 — (R.) — Os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França protestaram a noite passada junto da União Soviética por causa das contínuas

difficultades impostas pela Alemanha Oriental ao trânsito através de auto-estradas entre Berlim-Oeste e a República Federal Alemã.

Preveniram que as perspectivas de um acordo nas actuais conversações entre os quatro potências sobre Berlim, ao nível de embaixador, destinadas a desanuviar a tensão em e, à volta da cidade dividida, podiam apenas ser reduzidas pela acção da República Democrática Alemã.



A COLA CONTRA OS PARAFUSOS — O avião a jacto VFW 614, em construção em Bremen (Alemanha Federal), é 25 por cento mais leve do que se fosse construído pelos métodos tradicionais. Motivo: a cola substituiu os parafusos em 60 por cento dos casos em que estes eram necessários.

A tortura no Brasil não é sistema de governo

— afirmou Jarbas Passarinho

RIO DE JANEIRO, 3 — (F. P.) — «Dizer que a tortura não existe no Brasil seria falso, mas dizer que a tortura é aqui usada como sistema de Governo é uma ignomínia», — declarou Jarbas Passarinho, ministro da Educação, numa entrevista publicada na quarta-feira pelo jornal conservador «O Globo».

«Negar a existência da tortura, até nos países que nos atacam é também uma mentira, pois violências e torturas existem em certas

prisões. É a violência policial que todos conhecemos desde que lemos «Os Miseráveis» de Victor Hugo» — acrescentou o ministro, que se declarou surpreendido com o facto desta campanha de difamação «vir de países que deveriam ser aliados naturais do Brasil». As nações socialistas, frisou, não participam nela, ao passo que os jornais americanos ou franceses pintam os brasileiros como sendo os homens mais bárbaros da Terra».

O destino do cônsul alemão em San Sebastian depende do julgamento de Burgos

BURGOS (Espanha), 3 — (R.) — O cônsul alemão Eugen Beihl, raptado da sua residência na terça-feira à noite, continuava hoje em poder dos seus captores, os extremistas da organização nacionalista basca, e o seu destino parece depender do resultado do julgamento de 16 guerrilheiros bascos que hoje começa nesta cidade.

Seis dos réus poderão ser condenados à morte como assassinos do chefe da Polícia Secreta de San Sebastian, há dois anos. Ontem a Polícia recebeu uma mensagem dizendo que a vida do diplomata alemão depende do que acontecer no julgamento.

Entretanto, não há qualquer indicação sobre o paradeiro e o estado de saúde de Eugen Beihl desde que ele foi levado por um

grupo de indivíduos quando guardava o seu automóvel na garagem.

Amigos da família revelaram que ele não goza de boa saúde, sofrendo do coração sobretudo desde o princípio deste ano. O Mercedes preto do diplomata foi encontrado abandonado ontem à noite perto da fronteira francesa onde as autoridades colocaram postos de vigilância na estrada.

Os advogados de defesa dos réus rejeitaram qualquer ligação entre os seus constituintes e os raptadores do diplomata, condenando inteiramente esse gesto

A RESISTÊNCIA ESPIRITUAL DOS ANOS DA GUERRA

a batalha do silêncio

OS ANOS DRAMÁTICOS
DA OCUPAÇÃO NAZI

a batalha do silêncio

UM SEGREDO QUE PERDUROU
ATÉ AO FIM DA GUERRA

a batalha do silêncio

O MAIS FAMOSO LIVRO
DO ESCRITOR DA RESISTÊNCIA

vercors

O ESCRITOR
DA RESISTÊNCIA FRANCESA

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

CAMISARIA

Moderna

LISBOA - MADRID

PRONTO A VESTIR

Novas instalações (provisórias) com as últimas novidades nacionais e estrangeiras e onde TODOS os n/ clientes e amigos encontrarão a atenção e competência dos nossos colaboradores.

CAMISA *Pluma* ALGODÃO

TRIPLA DURAÇÃO
Preço 210\$00

Pedimos a todos os nossos Ex.^{mos} Clientes, aos quais seja possível, que efectuem as suas compras na parte da manhã, em virtude da aglomeração que se verifica da parte da tarde não nos permitir dispensar-lhes a costumada boa atenção.

A CAMISARIA MODERNA
GARANTE TODAS AS SUAS CONFECÇÕES

ROSSIO, 110

LISBOA

 **Conta Juventude**
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO

A REUNIÃO DO F. C. PORTO

JOAQUINZINHO VEM À EXPERIÊNCIA

O dr. Fernando Cabral presidiu à reunião de ontem do F. C. Porto com os órgãos da Informação, na falta do presidente da direcção, sr. Afonso Pinho de Magalhães.

Entre outros assuntos já conhecidos, foram tratados os seguintes:

FUTEBOL — Durante a interrupção do Campeonato Nacional, de 10 a 17 de Janeiro, o F. C. Porto pensa em deslocar-se ao Brasil, aguardando respostas de empresários para actuar nos Estados do Pará, Ceará, Mato Grosso e Amazonas.

A cordão completo quanto aos princípios que regerão a «Liga dos Clubes Profissionais de Futebol».

Sobre o jogador brasileiro Joaquinzinho, pretende o F. C. Porto que ele venha à ex-

periência durante um mês, e vai contactá-lo nesse sentido.

BASQUETEBOLE — O novo treinador-jogador norte-americano, Charles Falk, que já desempenhou as funções de técnico, estreiar-se-á como jogador depois de amanhã, à noite, em jogo do Campeonato Regional (segredam-nos que Falk é inferior ao seu antecessor Jeffrey).

CICLISMO — Foi feita contraproposta a Francisco Valada para assumir o cargo de treinador dos ciclistas profissionais. O clube aguarda a resposta do ex-ciclista do Benfica.

VOLEIBOL — No próximo dia 8, o F. C. Porto organiza um programa no Pavilhão do Lima, em que defrontará uma selecção de Espanha de «esperanças».

No final da reunião, o dr. Fernando Cabral referiu que, de futuro, estas reuniões só serão marcadas quando efectivamente houver algo oportuno e de interesse, concluindo por anunciar que a actual direcção do F. C. Porto terminará o seu mandato de blénio no fim do corrente mês.

Antecipados para sábado

Leixões-V. Setúbal e Benfica-Varzim

A 12.ª jornada do «Nacional» primodivisionário começará já no sábado, com os encontros Leixões-Vitória de Setúbal (às 16 horas, no Estádio do Mar) e Benfica-Varzim (às 21 e 30, no Estádio da Luz).

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 13 da 10.ª época

Açores — X12 XX1 1X1 X1X1; Beira Baixa — 112 111 1X1 112X; Correlito dos Açores — 11X 121 X11 11X2; Correlito da Horta — 11X 1X1 12X 112X; O Distrito de Setúbal — X12 XX1 X2X 11X2; Eco do Desporto — 112 1X1 1X1 XX2; Estrela da Manhã — 11X 121 2X1 1222; Gazeta do Sul — X12 121 12X 2122; A Ilha — 212 111 1XX X1X2; Jornal do Fundão — 12X X21 1X1 1X12; Jornal da Lixa — 11X 121 121 1122; Jornal de Viseu — X12 1X1 1X1 11X2; Linhas de Elvas — 112 121 121 XX12; Notícias de Felgueiras — 11X X11 2X1 1122; Renovação — 112 111 1X1 X112; Semana Tirsense — 112 121 11X 2111; O Telégrafo — 11X 121 111 11X2; Ba-

daladas — 122 121 112 X1X2; Brados do Alentejo — 112 222 X22 X221; Cavalcada do Ritmo — 111 X11 X1X 1XX1; Comércio de Portimão — 112 121 121 1111; Correlito do Vouga — 112 121 111 112X; A Defesa — 112 X21 1X1 X122; Diário da Manhã — 112 111 1X1 112X; Eco de Cacia — 112 2X1 112 1112; Emissora Of. da Guiné Portuguesa — 112 X21 12X 1122; Eu Sei Tudo — 11X 121 121 X122; Imagens Piedenses — 21X 1X1 1X1 211X; Jornal das Aves — 212 X21 2XX 1X21; O Jornal de Felgueiras — 11X 121 1X1 X22X.

O Concelho de Estarreja — 111 121 X1X X1X2; Litoral — 11X 121 11X 1112; Maria da Fonte — 112 122 121 1112; Notícias d'Évora — 112 XX1 1X1 112X; Passatempo JJ. — 11X XX1 1X2 1122; Peça Que Não Maça — 112 121 1X1 1X22; Povo Algarvio — 112 121 1X1 1122; Programa das Forças Armadas (RD) — 112 X21 XX1 XXX2; Rádio Alentejo — 112 1X1 111 11X1; Reconquista — 11X 121 1X1 1122; República — 11X X21 121 1222; Revista de Som — X12 121 111 X222; O Templário — 112 1X1 XX1 1111; A Voz — X12 12X 111 X11X; A Voz Desportiva — 112 121 111 X122; A Voz do Domingo — X1X 121 1X1 11X2; Voz do Casa Pia — 112 121 1X1 X122; Novidades — 112 X21 X21 11X1; Comércio de Leixões — 112 X21 112 1XX2; Jornal Notícias — 11X 121 1X2 X112; Prímheiro de Janeiro — 112 121 11X 11X2; Prog. Sem Nome — 11X X21 112 X112; Rádio Clube do Norte — 112 12X 112 X11X; Rádio Placard ENR — 112 121 111 1111; Estúdios 64 — 112 121 111 111X; Placard Desportivo — 112 121 111 111X; Resenha Desportiva — 112 121 X11 22X2; Passatempo ENR — 112 111 111 1112; Bondiazinho — 112 2X1 X2X

2211; Cidade 70 — X12 2XX X1X 221X; Diário (L. Marques) — X12 211 1XX X2X1; Diário de Moçambique — 112 X21 12X 11X2; Domingo Alegre — X1X 121 X12 1212; Jornal Desportivo — 112 1X1 1X2 112X; Notícias da Beira — 112 1X1 XX2 11X2; Passatempo — 212 221 121 2221; Roteiro Sonoro — 21X 221 1X2 211X; Terceiro Programa — 112 1X1 122 X211; Vamos Jogar no Totobola — 112 121 122 12X1; Revista Desportiva — 112 121 1XX 112X.

Mosáico — 112 XX1 112 11X1; Boletim Desportivo R. P. — 112 X21 11X X121; Cantinho Ricardo Lemos — 112 111 121 X122; Centro Desportivo — 11X 121 11X 2111; O Comércio do Porto — 112 1X1 111 11XX; De Tudo Um Pouco — X12 121 1X2 11X2; As 10 Espere Por Nós — X12 221 XXX 11X2; Diário de Coimbra — 112 121 1X1 1X22; Folha do Domingo — 112 1X1 111 1112; Dos Fracos Não Reza a História — 111 111 111 1111; Ideal Rádio — 112 XX1 1X1 11X2; A Lição do Menino Quim — 11X 121 X2X 1X11; Momento do Totobola — 112 X21 1XX X121; Penalti — 112 1X1 112 11XX; Prog. Electro Mecânico — 112 1X1 112 212X; Auto Rádio — 112 121 111 1122; Campeão Português — 112 121 111 11X2; Rádio Sports — 112 1X1 111 XXXX; Repórter do Dia — 111 121 1X1 1112; Repórter do Dia (Angola) — X12 X21 112 X112; O Sorriso da Hora do Almoço — 112 X21 1X2 1121; A Voz dos Ridículos — 11X 1X1 1X1 111X; Diário (Luanda) — 112 121 1122; Estádio — X12 1X1 XX1 1X2X; Ronda da Noite — 112 121 1X1 1122; Canal 18 — X1X 1X1 1XX 1X12; Café da Noite — 112 121 111 1122; Vida e Música — 11X 121 1X1 X122; Panorâmica — 112 121 121 1122; Angola Norte — 112 1X1 121 11XX; Comércio — 112 121 1X1 11X2; Apostolado — 111 X21 1XX 12XX; Notícias do Totobola — 112 1X1 121 11X2.

CONCURSO N.º 13

10.ª ÉPOCA

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Farense-Guimarães	83	15	5	9	2	1
2. Porto-Boavista	101	—	2	11	1	1
3. Belenenses-Sporting	5	23	75	1	3	8
4. Tirsense-C. U. F.	72	23	8	8	3	1
5. Barreirense-Académica	11	28	64	1	3	8
6. Benfica-Varzim	98	3	2	10	1	1
7. Sp. Braga-Famalicão	84	16	3	9	2	1
8. U. Coimbra-U. Leiria	37	43	23	4	3	3
9. Riopole-Salgueiros	60	23	20	7	3	2
10. Seixal-Portimonense	65	28	10	8	3	1
11. Oriental-Peniche	76	13	14	8	2	2
12. Torriense-Atlético	31	32	40	4	4	4
13. Sintrense-Montijo	22	23	58	3	3	6

E a chave lógica será: 112 121 1X1 1122

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

VOCÊ É ECONOMISTA?
LEIA O
JORNAL DO BRASIL

PIAGET
UM
RELÓGIO
NASCIDO
JÓIA PRECIOSA

PIMENTA
OURIVES - JOALHEIROS
RUA AUGUSTA, 255 - LISBOA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

PUGILISMO

VIBRAÇÃO E ENTUSIASMO
NA SESSÃO DE ONTEM

A quarta sessão do Torneio Iniciação decorreu com vibração e entusiasmo. Os combates de Manuel Palma (Rio de Janeiro) contra Jacinto Rosa (Sporting) e de Belarmino Malheiro (Bairro Boavista) contra António Maximino (União Banhelrense) foram os que mais aplausos concitaram.

Todos, no entanto, valeram pela sinceridade, valentia e vibração com que os pugilistas se bateram.

Resultados:
«GALOS» — Francisco Soares (Sporting) venceu aos pontos Alfredo Neves (Rio de Janeiro), graças à sua melhor técnica.

«LIGEIROS» — Manuel Caldas (Sporting) foi declarado vencedor por abandono de Virgílio Cabral (Bairro Boavista) que fez um entorse no cotovelo.

«MOSCAS» — Manuel Palma (Rio de Janeiro) mais experiente e com técnica superior venceu, facilmente, por pontos, Jacinto Rosa (Sporting).

«GALOS» — Albano Moreira (Alvalade), por mais calmo, conseguiu vencer aos pontos Noro Fartota (Estefânia).

«MOSCAS» — Fernando Pinto (Estefânia) venceu por abandono Oleg Paixão (Al-

valade), que abandonou o ringue por não concordar com uma advertência do árbitro. «MEIOS-MÉDIOS» — Orlando Jesus (Rio de Janeiro), rápido e poderoso, venceu por abandono Vítor Bolinhas (Bairro da Boavista) a quem derrubou por duas vezes. O segundo deste lançou a toalha em sinal de desistência.

«MÉDIOS LIGEIROS» — Belarmino Malheiro (Bairro da Boavista) venceu aos pontos após duro combate António Maximino (União Banhelrense). Ambos os pugilistas revelaram boas qualidades, mas muita falta de técnica.

P. A.

A F. P. ATLETISMO
PREPARA A «S. SILVESTRE»
DE S. PAULO

A fim de apurar o representante português na «S. Silvestre» de S. Paulo, a clássica brasileira que conhece este ano a sua 46.ª edição e que se realiza, como habitualmente, na «passagem do ano», a F. P. de Atletismo

faz disputar no dia 13 de Dezembro a prova de selecção.

A corrida disputar-se-á nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, com início às 11 horas, na distância de 8000 m.

Podem participar atletas juniores e seniores, já com a situação regularizada para 1971, e as inscrições estarão abertas até meia hora antes da corrida, no local da partida.

«S. Silvestre»
do Barreiro

O Barreiro também tem a sua «S. Silvestre», organizada, como de costume, pelo Grupo Amador do Barreiro, aberta a atletas federados (distância 5500 m — com início às 23 e 15) e populares (4500 m — com início às 22 e 15) do dia 31.

Inscrições: todos os dias úteis, das 21 às 23 horas, na sede do clube, no Barreiro, fechando às 22 horas do próprio dia da corrida.

AUTOMOBILISMO

Triunfo sul-africano
em Lourenço Marques

O sul-africano Brian Redman, conduzindo um «Chevron B-16» «spyder» ganhou as «3 Horas de Lourenço Marques», cobrindo 453,515 quilómetros. A média foi de 151,170 km/h.

Participaram pilotos portugueses, alemães, rodesianos e sul-africanos.

A corrida teve uma assistência «record» de muitos milhares de pessoas.

JACKY ICKX: Volante
para todas as estações

O belga Jacky Ickx demitiu-se da Comissão da Associação dos Condutores de

«Grand Prix», por discordar dos métodos associativos — anuncia-se em Bruxelas.

Acrescenta-se que Ickx, embora concordando com os objectivos principais da Associação, desaprova os seus métodos e algumas decisões, incluindo a de cancelar uma corrida... por causa do mau tempo.

I RALLYE
DO VIGOROSA

Organizado pelo Estrela e Vigorosa Sport, do Porto, realiza-se nos dias 12 e 13 o I «Rallye do Vigorosa», que conta para o Campeonato Nacional de Iniciados.

As inscrições estão abertas na sede do clube organizador, até ao dia 8 e na sede, secções regionais e delegações de Coimbra e Faro do A. C. P., até ao dia 7.

A competição envolve uma prova de estrada com um total de 179.600 km e uma prova complementar de velocidade.

MOTOCROSS-
-CONSAGRAÇÃO

Organizado pela secção de Motorismo do Sporting realiza-se no domingo, nos terrenos anexos à pista de Camarate, o «Motocross Consagração 70», de homenagem a todos os participantes no Campeonato Nacional da modalidade.

A prova começa às 14 e 30 e será transmitida, directamente, pela Televisão.

TÉNIS DE MESA

A China triunfou
na Suécia

A China «reapareceu» auspiciosamente nos Campeonatos Internacionais da Suécia.

Na jornada de fecho, os chineses asseguraram o triunfo por equipas, ao vencerem a Suécia por 5-3.

No entanto, a grande figu-

ra do encontro, como, aliás, dos campeonatos, foi o jovem sueco Alster, campeão europeu, que bateu dois dos três adversários chineses, entre eles o antigo tricampeão mundial Chuang Tsé-Tung, o que já sucedera na final do Torneio Individual.

drinks

BYN

GORDON
COGNAC
COGNAC
COGNACARMAGNAC
CHATEAU DE MALLIACWHISKIES
LOGAN'S
HIGHLAND QUEENGRAND 15
MARTIN'S 20 ANOS

DALLANTINE 12 E 17 ANOS

ANTIQUE
CANADIAN CLUBJ. W. HARPER BOURBON
JOHN JAMESONEXCER
BRAND
CHERRY HEIRING
TIA MARIACHAMPAGNES
HEIDSTECK MONOPOL
MUMM CORDON ROUGE
MUMM CORDON VERTVINHOS DE MESA
FRANCESES
J. CALVES
BORDEUS E BORGONHA
JACOBET
ALSACIA
ALEMAES
ANHEUSER & FEHR
RENO E MOSELAN
ESPAHOL
CIA. VINICOLA DEL NORTE DE ESPANAJ. A. da Costa Pina, Ida.
RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA
TELEFONES P.C. (4 LINHAS) 32 003/4costa pina & vilaverde, Ida.
RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO
TELEFONES 26562-32228-35221-37222

forreign

Negócios, São Negócios!

Aproveite a grande campanha de somadoras durante o presente mês.

e adquira uma
commodore
por um preço incrivelmente

BAIXO.



Se precisar de uma
multiplicadora também
temos uma multiplicadora para

SI.

EXCLUSIVO:



NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRÁFICA APLICADA S.A. R. L.

TEL.: P. P. C. 77941/6 • TELEX.: 1907 INTERN. • TELEG.: INTERNOGUEIRA • APARTADO 115
AVENIDA DA REPÚBLICA, 41-2 • (EDIFÍCIO NOGUEIRA) - 1800-1 • PORTUGAL

A PROPOSTA DE LEI DE REVISÃO CONSTITUCIONAL

[Continuação da 17.ª página]

manterá oficialmente estabelecimentos de ensino, de investigação e de cultura.

§ 1.º O ensino básico é obrigatório.

TÍTULO X

Da liberdade religiosa e das relações do Estado com a Igreja Católica

Art. 45.º O Estado assegura a liberdade de culto e de organização das confissões religiosas cujas doutrinas não contrariem os princípios fundamentais da ordem constitucional nem atentem contra a ordem social e os bons costumes e desde que os cultos praticados respeitem a vida, a integridade física e a dignidade das pessoas.

Art. 46.º A religião católica apostólica romana é considerada como religião tradicional da nação portuguesa. A Igreja Católica goza de personalidade jurídica. O regime das relações do Estado com as confissões religiosas é o de separação, sem prejuízo da existência de concordatas ou acordos com a Santa Sé.

Art. 47.º O único. As missões católicas portuguesas do Ultramar e os estabelecimentos de formação do seu pessoal serão protegidos e auxiliados pelo Estado como instituições de ensino e de assistência e instrumentos de civilização.

Art. 48.º

2.º As águas territoriais, com os seus leitos, e a plataforma continental;

Art. 51.º A lei especificará os bens que, por estarem no domínio público, por interessarem ao prestígio do Estado ou por outras razões de superior interesse público não podem ser alienados.

§ único. A lei regulará também o uso ou ocupação dos mesmos bens por entidades públicas ou particulares, salvaguardando sempre o interesse público.

TÍTULO XIII

Das empresas de interesse colectivo e das concessões

Art. 59.º São consideradas de interesse colectivo e sujeitas a regime especial, do ponto de vista dos seus direitos e deveres, nacionalidade, corpos parentes, pessoal e intervenção ou fiscalização do Estado, conforme as necessidades da defesa nacional, da segurança pública e do desenvolvimento económico e social, as empresas concessionárias de serviços públicos, de obras públicas ou da exploração de coisas do domínio público do Estado, as sociedades de economia mista e da economia pública, as empresas que desempenhem alguma actividade em regime de exclusividade ou com privilégio não conferido em lei geral e ainda, todas as empresas que exerçam qualquer actividade considerada por lei de interesse nacional.

Art. 60.º As concessões do Estado ou das autarquias locais na esfera da sua competência serão sempre sujeitas a cláusulas que assegurem, dentro do justo equilíbrio dos interesses, a salvaguarda do interesse público e o respeito das conveniências da economia nacional.

Art. 61.º As tarifas de exploração dos serviços públicos concedidos estão sujeitas a regulamentação e a fiscalização do Estado.

Art. 62.º (O actual artigo 60.º).

Art. 70.º

§ 1.º Em matéria de impostos, a lei determinará a incidência, a taxa ou os seus

limites, as isenções a que possa haver lugar, as reclamações e os recursos admitidos em favor do contribuinte.

§ 2.º A cobrança de impostos estabelecidos por tempo indeterminado ou por período certo que ultrapasse uma gerência depende, nas gerências subsequentes àquela em que forem criados, de autorização da Assembleia Nacional.

Art. 80.º

§ 2.º Enquanto se não realizar a eleição prevista neste artigo ou quando por qualquer motivo houver impedimento transitório das funções presidenciais, ficará o Presidente do Conselho e, na sua falta ou impedimento, o Presidente da Assembleia Nacional, investido nas atribuições de Chefe do Estado.

Art. 81.º

7.º Representar a Nação e dirigir a política externa do Estado, concluir acordos e ajustar tratados internacionais, directamente ou por intermédio de representantes, e ratificar os tratados, depois de aprovados pela Assembleia Nacional ou pelo Governo;

9.º Promulgar e fazer publicar as leis e resoluções da Assembleia Nacional, bem como os decretos-leis, os decretos para o ultramar e os decretos regulamentares, e assinar os restantes decretos. Os diplomas mencionados neste número que não sejam promulgados, assinados e publicados segundo nele se determina são juridicamente inexistentes.

Art. 82.º

§ 1.º Não carecem de referenda:

1.º A nomeação e demissão do Presidente do Conselho;

2.º As mensagens dirigidas à Assembleia Nacional;

3.º A mensagem de renúncia ao cargo.

§ 2.º Devem ser referendadas por todos os Ministros os decretos-leis e os decretos que aprovem tratados internacionais que versem matéria legislativa, quando uns e outros não tiverem sido aprovados em Conselho de Ministros.

§ 3.º A promulgação das leis e resoluções da Assembleia Nacional será referendada apenas pelo Presidente do Conselho.

Art. 85.º A Assembleia Nacional é composta de cento e cinquenta deputados, eleitos por sufrágio directo dos cidadãos eleitores, e o seu mandato terá a duração de quatro anos improporcionais, salvo o caso de acontecimentos que tornem impossível a realização do acto eleitoral.

Art. 91.º

2.º Vigiar pelo cumprimento da Constituição e das leis e apreciar os actos do Governo ou da Administração, podendo declarar com força obrigatória geral, mas ressalvadas sempre as situações criadas pelos casos julgados, a inconstitucionalidade de quaisquer normas;

7.º Aprovar os tratados de paz, aliança ou arbitragem, ou que se refiram à associação de Portugal com outros Estados e os que versem matérias da sua competência exclusiva e ainda os tratados internacionais que sejam submetidos à sua apreciação;

10.º Tomar conhecimento das mensagens do Chefe do Estado;

11.º Deliberar sobre a revisão constitucional;

12.º Conferir ao Governo autorizações legislativas.

Art. 93.º Constitui matéria da exclusiva competência da

Assembleia Nacional a aprovação das bases gerais sobre:

a) Aquisição e perda da nacionalidade portuguesa;

b) Organização dos tribunais, estatuto dos juizes dos tribunais ordinários e termos em que pode ser feita a respectiva requisição para comissões permanentes ou temporárias;

c) Organização da defesa nacional e definição dos deveres desta decorrentes;

d) Exercício das liberdades a que se refere o § 2.º do artigo 8.º;

e) Definição das penas criminais e das medidas de segurança;

f) Condições do uso da providência excepcional do *habeas corpus*;

g) Expropriação por utilidade pública e requisição;

h) Criação de impostos nos termos do artigo 70.º, ressalvada, porém, a competência dos órgãos legislativos para o Ultramar;

i) Sistema monetário;

j) Padrão dos pesos e medidas;

k) Criação de institutos de ensino;

m) Regime geral do governo das províncias ultramarinas;

n) Definição da competência do Governo Central e dos governos ultramarinos quanto à área e ao tempo das concessões de terrenos ou outras que envolvam exclusividade ou privilégio especial;

o) Autorização às províncias ultramarinas para celebrar contratos que não sejam de empréstimo quando exijam caução ou garantias especiais.

§ 1.º Em caso de urgência e necessidade pública poderá o Governo independentemente de autorização legislativa e fora do funcionamento efectivo da Assembleia Nacional, legislar em matéria de impostos, devendo, porém, o decreto-lei em que o fizer ser ratificado na sessão legislativa que se seguir à publicação, sob pena de caducidade.

§ 2.º Se não tiverem sido publicados os diplomas previstos neste artigo, alvo o disposto no parágrafo anterior, não poderá o Governo legislar sem autorização especial nas matérias a que ele se refere alterando os princípios da legislação vigente a não ser que por essa forma alargue as garantias dos particulares.

§ 3.º A iniciativa das leis que respeitem especialmente ao Ultramar cabe em exclusivo ao Governo.

Art. 94.º A Assembleia Nacional realiza as suas sessões com a duração de três meses a princípio em 15 de Novembro de cada ano salvo o disposto nos artigos 75.º, 76.º e 81.º n.º 5.º.

Art. 95.º

§ 2.º As comissões só estarão em exercício entre o início e o termo da sessão legislativa, salvo quando esse exercício deva prolongar-se pela natureza das suas funções ou pelo fim especial para que se constituíram, ou ainda quando o presidente as convocar nas suas semanas anteriores à abertura da sessão legislativa, para se ocuparem de propostas ou projectos de lei já apresentados que devam ser objecto dos trabalhos da Assembleia. Podem reunir no intervalo das sessões as comissões eventuais que o presidente constitua fora do período de funcionamento efectivo da Assembleia.

§ 3.º Os membros do Governo ou representantes seus, podem tomar parte nas reuniões das comissões e sempre que sejam apreciados

projectos ou propostas de alterações sugeridas pela Câmara Corporativa, poderá participar nelas um delegado desta Câmara.

Art. 99.º

§ único São promulgadas como resoluções:

a) As ratificações dos decretos-leis;

b) As deliberações a que se referem os n.ºs 3.º, 6.º, 7.º e 11.º do artigo 91.º e outros semelhantes.

Art. 101.º

§ único. A ordem do dia será estabelecida para cada reunião por acordo entre as presidências da Assembleia e do Conselho de Ministros.

Art. 104.º

§ 1.º Além de uma secção permanente, existirão secções correspondentes aos vários interesses de ordem administrativa, moral, cultural e económica representados na Câmara e poderão existir subsecções correspondentes aos interesses especializados dentro de cada secção.

§ 3.º Não podem ser emitidos através da secção permanente os pareceres da Câmara Corporativa que resultem de consulta obrigatória.

§ 4.º (Actual § 3.º)

§ 5.º (Actual § 4.º)

Art. 109.º

2.º Fazer decretos-leis e aprovar os tratados ou acordos internacionais que versem matéria legislativa ou da sua competência.

§ 4.º Em caso de urgência e necessidade pública, e fora do funcionamento efectivo da Assembleia Nacional, poderá o Governo substituir-se a esta na aprovação de tratados internacionais que versem matéria de competência exclusiva da Assembleia, devendo, porém, o decreto do Governo ser ratificado na primeira sessão legislativa que se seguir à sua publicação.

§ 5.º Nos casos previstos no n.º 8.º do artigo 91.º, se a Assembleia Nacional não se encontrar em funcionamento e não for possível convocá-la a tempo ou se estiver impedida de reunir, poderá o Governo, a título provisório, declarar o estado de sítio, com os efeitos referidos na mesma disposição. O estado de sítio declarado pelo Governo não poderá durar mais de noventa dias sem que o decreto-lei tenha sido expressamente ratificado pela Assembleia Nacional, a não ser que a reunião desta continue a ser absolutamente impossível. Terminado o estado de sítio, o Governo enviará à Assembleia um relato das medidas tomadas durante a sua vigência.

§ 6.º Ocorrendo actos subversivos graves em qualquer parte do território nacional, poderá o Governo, quando não se justifique a declaração de estado de sítio, adoptar as providências necessárias para reprimir a subversão e prevenir a sua extensão com a restrição de liberdades e garantias individuais que se mostrar indispensável devendo, todavia, quando a situação se prolongue, a Assembleia Nacional pronunciar-se sobre a existência e gravidade dela.

§ 7.º (Actual § 4.º)

§ 8.º (Actual § 5.º)

§ 9.º (Actual § 6.º)

Art. 123.º Nos feitos submetidos a julgamento não podem os tribunais aplicar normas que infringam o disposto nesta Constituição ou

ofendam os princípios nela consignados, cabendo-lhes, para o efeito, apreciar a existência da inconstitucionalidade, salvo se o seu conhecimento for da competência exclusiva da Assembleia Nacional, nos termos do § 2.º deste artigo.

§ 1.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 2.º A inconstitucionalidade orgânica ou formal da regra de direito constante de diplomas promulgados pelo Presidente da República ou de normas constantes de tratados ou outros actos internacionais só poderá ser apreciada pela Assembleia Nacional e por sua iniciativa ou do Governo determinando a mesma Assembleia os efeitos da inconstitucionalidade, sem ofensa, porém, das situações criadas pelos casos julgados.

§ 3.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 4.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 5.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 6.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 7.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 8.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 9.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 10.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 11.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 12.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 13.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 14.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 15.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 16.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 17.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 18.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 19.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 20.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 21.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 22.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 23.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 24.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 25.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 26.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 27.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 28.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 29.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 30.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 31.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 32.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 33.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 34.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 35.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 36.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 37.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 38.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 39.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 40.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 41.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 42.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 43.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 44.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 45.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 46.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 47.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 48.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 49.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 50.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 51.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 52.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 53.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 54.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 55.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 56.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 57.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 58.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 59.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 60.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 61.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 62.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 63.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 64.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

§ 65.º A lei poderá conter, em algum ou alguns tribunais a competência para a apreciação de inconstitucionalidade referida no corpo do artigo e conferir às decisões desses tribunais força obrigatória geral.

sa nem a integridade da soberania do Estado.

Para esse efeito compete aos órgãos da soberania da República:

a) Representar, interna e internacionalmente, toda a Nação, não podendo as províncias manter relações diplomáticas ou consulares com países estrangeiros, nem celebrar separadamente acordos ou convenções com esses países ou neles contrair empréstimos;

b) Legislar sobre as matérias de interesse comum, ou de interesse superior do Estado, conforme for especificado na lei a que se refere a alínea m) do artigo 93.º, e revogar ou anular os diplomas locais que contrariem tais interesses ou ofendam as normas constitucionais e as provenientes dos órgãos do Governo Central;

c) Designar o governador de cada província como representante do Governo Central e chefe dos órgãos executivos locais;

d) Assegurar a defesa nacional;

e) Superintender na administração das províncias, de harmonia com os interesses superiores do Estado;

f) Fiscalizar a sua gestão financeira, prestando-lhes a assistência indispensável, mediante as garantias adequadas, e proporcionando-lhes as operações de crédito que forem convenientes;

g) Assegurar a integração da economia de cada província na economia geral da Nação;

h) Proteger, quando necessário, as populações contra as ameaças à sua segurança e bem-estar que não possam ser remediados pelos meios locais;

i) Zelar pelo respeito dos direitos individuais nos termos da Constituição.

§ 1.º Os órgãos de soberania com atribuições legislativas relativamente às províncias ultramarinas são a Assembleia Nacional, nas matérias da sua exclusiva competência ou quando haja de legislar para todo o território nacional, e o Governo, por meio de decreto-lei, ou, nos casos em que os diplomas se destinem apenas às províncias, por meio de acto do ministro a quem a lei confira competência especial para o efeito.

§ 2.º Os actos legislativos do ministro com competência especial para o Ultramar revestirão a forma de decreto, promulgado e referendado nos termos constitucionais, podendo adoptar-se a de diploma legislativo ministerial quando o ministro estiver a exercer as suas funções em qualquer das províncias ultramarinas e a de portaria nos outros casos previstos na lei.

§ 3.º A competência legislativa ministerial para o Ultramar será exercida precedendo parecer de um órgão consultivo adequado, salvo nos casos de urgência, naqueles em que o ministro esteja a exercer as suas funções em qualquer das províncias ultramarinas e nos demais indicados na lei.

§ 4.º A vigência nas províncias ultramarinas de qualquer diploma publicado pelo Governo Central depende da menção de que devem ser publicados no *Boletim Oficial* da província ou províncias onde haja de executar-se.

Arts. 137.º a 143.º (Actual artigos 176.º a 181.º).

CARTAZ DOS CINEMAS



* SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Technicolor
Ela era uma mulher fiel...
mas a todos os homens
CIUME, CIUMES...
E CIUMENTOS
com Marcello Mastroianni
e Monica Vitti

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Technicolor
Ela era uma mulher fiel...
mas a todos os homens
CIUME, CIUMES...
E CIUMENTOS
com Marcello Mastroianni
e Monica Vitti

* MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O EXERCÍCIO DA SOMBRA
com Lino Ventura e Simone Signoret

QUINZENA CRIME USA
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
PÊNDULO, de George Shaefer
com
George Peppard e Jean Seberg
Próx. Quinzena:
O amor no cinema

* AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
A turbulência da juventude
17 ANOS CABELOS LOIROS
com Rick Shayne

* CHIADO TERRASSE

As 15 e 21 n. (M. 17 anos)
QUE HA DE NOVO GATINHA?
A FESTA

* IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 15933
As 21 horas
AMOR BRUXO
AS 4 CHAVES

Estreias de hoje

DOUTOR... CUIDADO COM ELAS — SÃO JORGE

PRVEM O SANGUE DE DRÁCULA — E D E N

* EDEN

(Adultos) Tel. 320768
ESTRELA HOJE, AS 21.45
Technicolor
Christopher Lee em
PROVEM O SANGUE DE DRÁCULA
As 18.30 — Adultos
Últimas exhibições
A FURIA DO CANGACEIRO

* CONDES

(M. 17 anos) Tel. 322523
As 14, 16.30, 19 e 21.45
A violência de um corpo-a-corpo... a ternura de dois corações
O PASSAGEIRO DA CHUVA
com Charles Bronson
e Marlene Jobert

* ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
UM FILME DE CHOQUE!
O PASSAGEIRO DA CHUVA
com Charles Bronson
e Marlene Jobert
EASTMANCOLOR

* ODEON

(M. 12 anos) Tel. 45053
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
A sensacional história de um novo herói-pistoleiro do Far-West
SUGAR COLT
com Sam Powers e Soledad Miranda
UM MISTÉRIO DESVEN-DADO COM AUDÁCIA
Technicolor — Tecniscópico

* LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795296
As 21.30
LUA, ZERO DOIS
NINGUÉM FOI TÃO VALENTE

* LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48500
As 21.30
O CRIADO
ANTES QUE CASES

* SÃO JORGE

(Adultos) Tel. 54153
AS 21.30 — ESTREIA
DOUTOR... CUIDADO COM ELAS!
As 18.45 — Última exibição
CHAMAM-ME MISTER TIBBS
(M. 17 anos)
Programa novo!
Bilhete 5900

* AMANHÃ, das 13 às 14.30

(M. 12 anos)
MÚSICA E CINEMA
Serviço especial de bar na hora de almoço a baixo preço

* BERNAL

(A Av. Marquês de Tomar)
(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA TRIUNFAL!
Alain Delon e Jean Paul Bel-mondo no extraordinário filme em Technicolor
de Jacques Deras
BORSALINO
A história de dois homens à conquista do Mundo!

* VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA DE SENSACÃO
Michel Duchoussey, Caroline Delier e Jean Yanne
Um dos mais extraordinários e emotivos filmes do ano!
REQUIEM PARA UM DESCONHEITO
Obra-prima em Eastmancolor de Claude Chabrol
AR CONDICIONADO
(à Av. Frei Miguel Contreiras)

* EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
DESTINO SUCESSO AEROPORTO
com Dean Martin, Burt Lancaster e Jean Seberg

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 48500
O maravilhoso filme que o público já mais esquecerá, uma reposição que se impunha
A PRINCESA
com Glynis Johns

* MUNDIAL

(Adultos) Tel. 536443
7.ª SEMANA DE EXITO
As 15.15, 18.30 e 21.45
Richard Burton e Genevieve Buoli num filme de apaixonante interesse
RAINHA POR MIL DIAS
Panavision - Technicolor

* ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
ORSON WELLS realizou
O PROCESSO
de Frank Kafka
com Anthony Perkins, Jeanne Moreau e Romy Schneider

* LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
Uma comédia vibrante e original!
DOZE MAIS UMA
com Vittorio Gassman
e Sharon Tate

* IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
James Stewart e Henry Fonda
UM CLUBE SÓ PARA CAVALHEIROS
...Em 1863 era uso chamar-lhe

* ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA
CINEMA NOVO CINEMA VERDADE O CERCO
de Antonio da Cunha Felles
com Maria Cabral e Rui de Carvalho

* CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 86546
O CRIADO
com Dirke Bogard

* ROYAL

(M. 17 anos) Tel. 86546
SARILHOS CONJUGAIS
A 6.ª TESTEMUNHA

* outros espectáculos

* LISBOA

TEATROS
COLISEU — As 21 e 30: Festival Mundial de Carca (6 anos)
A B C — As 20 e 45 e às 23: «Aito lá com elas» (17 anos)
CASCAIS — As 21 e 45: «Lar» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Pimenta na língua» (17 anos)
MONUMENTAL — As 21 e 45: «A casa das cabras» (17 anos)
JURA ALVES — As 21 e 45: «O Preço» (17 anos)
VILLARET — As 21 e às 23: «O Processo» (17 anos)
MARIA MAIOS — As 21 e 45: «O Inocente» (17 anos)
CINEMAS
OLIMPIA — As 9: «A lei de Zorro» (12 anos)
JARDIM — As 21: «Quatro brutos no Oeste» (12 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «O Anjinho» (12 anos)
IDEAL — As 21: «Viva Max» (12 anos)
SALÃO LISBOA — As 9: «A margem da lei» (12 anos)
PARIS — As 21: «Mais morto do que vivo» (17 anos)
MOSCAVIDE — As 21: «Passaporte para a morte» (17 anos)
CINEARTE — As 21: «O compromisso» (17 anos)
Linha de Sintra
DAMAIA — D. João V — As 21 e 30: «A minha tara é dinheiro» (17 anos)

VENDA NOVA — Cine-Portugal
— As 21 e 30: «Lord Jim» (12 anos)
AMADORA — Recreios Desportivos
— As 21 e 30: «A maku-guinha de Arraio» (17 anos)
QUELUZ — Queluz-Cine
— As 21 e 30: «O homem, o orgulho e o vingança» e «O 77 desafio os assassinos» (17 anos)
MEN MARTINS — Cine-Chaby
— As 21 e 30: «O Advogado» (17 anos)
Linha de Cascais
ALGÉS — Stadium
— As 21 e 30: «A furia de viver» (17 anos)
OEIRAS — Oeiras-Cine
— As 21 e 30: «O que há de novo gatinha» (17 anos)
ESTORIL — Casino
— As 17 e às 21 e 30: «O Criado» (17 anos)
Palácio — As 21 e 30: «Adoráveis conspiradores» (17 anos)
CASCAIS — S. José
— As 21 e 30: «Ladrões de jóias» (17 anos)
Outro Bando
ALMADA — Incrível
— As 21 e 30: «A mulher infiel» (17 anos)
LARANJEIRO — Instrução e Recreio
— As 21 e 30: «Duas vezes traidor» (12 anos)
PORTO
SÁ DA BANDEIRA
— As 21 e 45: «O vison voador» (17 anos)
CINEMAS
SÃO JOÃO
— As 21 e 30: «Anna Karenine» (17 anos)
COLISEU
— As 21 e 30: «Um Clube só para Homens» (17 anos)

TRINDADE
— As 21 e 30: «Saas acimais» (17 anos)
BATALHA
— As 21 e 30: «Chamam-me... Mister Tibbs» (17 anos)
ÁGUA D'OURO
— As 21 e 30: «Borsalino» (17 anos)
OLIMPIA
— As 21 e 30: «O Grande Silêncio» (12 anos)
CARLOS ALBERTO
— As 21: «Chego, veio e disparo» e «Sete Mulheres para os Macgregor» (12 anos)
JULIO DINIS
— As 21 e 30: «Mal d'África» (17 anos)
VALE FORMOSO
— As 21 e 30: «Aprendiz de Gangster» (17 anos)
RIVOLI
— As 21 e 30: «Um homem de quem eu gosto» (17 anos)
ESTÚDIO
— As 21 e 30: «O Cerco» (17 anos)
CINE-GAIA
— As 21 e 30: «O desejo perverso» (17 anos)
ODEON
— As 21 e 30: «O justiceiro de Rugova» (12 anos)

* COIMBRA

GIL VICENTE
— As 21 e 30: «Um Beate no Paraíso» (17 anos)
AVENIDA
— As 7 e 45 e às 21 e 30: «Como se eu fosse um espão» (17 anos)
TIVOL
— As 21 e 30: «Aeroporto» (17 anos)
SOUSA BASTO
— As 21 e 30: «A volta do mundo em 80 dias» (12 anos)

VIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIA

* LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Ld. Cal. da Tapada 83-A (634721)
ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antolin Lda, Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) * Mogalhões, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja 4-B-C (71681) * Marbel, Av. de Roma, 8-A (776235) * Celta Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça Águas Livres, 8-D (685151)
AREIRO — Lusitana, Av. de Roma 8-A (725443) * Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331)
ARROIOS — Fonecas, Rua Carvalho Araújo, 46-B-C (841708)
AVENIDAS NOVAS — Providência, Rua D. Filipe de Vithena 9-C (770324) * Sá de Abadeira, Rua Marquês da Bandeira, 36-42 (496154672) * Oliveira Viegas, R. Vinte e 29-A (48966-553601)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Z. Pr. das Casas Novas Lote 66 (30721)
BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 8 (30921) * Normal, Rua da Prata, 220 (32342-325553)
BENFICA — Bentiluz, Est. de Benfica, 44-A (Tel. 782606) * Progresso, Lda, Estrada A-da-Mo-a 64-C (702226) * Macedo, Est. do Poço do Chão 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Lisalida, R. Ferreira Borges 30, (660955) * Findex, Rua D. Maria Pia, 54 (681949)
CAMPOLIDE — Renil, Rod. da Fonseca, 53 (683438) * Zenel, R. A. 84 Barro da Liberdade (65840) * Neve, R. de Campolide, 297-C (687475)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Martires da Pátria, 117-118 (553308)
ESTEFANIA — Délio, Rua Agóres 34 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neve, Suc. R. da Bela Vista, a Lapa, 37 (66251)
GRACA — Higienica, Rua Heliodora Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — Patulela, Herdeiros, R. do Lumiar 22 e 24 (790332) * Deuro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)

OLIVAS — Simão, R. Cida-de de Coimbra, 6-A (73058)
PALHAYA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (178084)
PEDROUÇOS — Higiluz, R. de Pedrouços, 50-52 (160280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouz de Albuquerque 1-A (843571)
EUROPA — Av. General Rocaças 27-A-B (Tel. 843980)
PICHELEIRA — Mariz — Casa do Picheleira, 40-B (170703) e 128395)
PRÍNCIPE REAL — Gonçalves Lda, Rua da Rosa, 76-78 (352687)
SANTO AMARO — Betâmica, R. da Junqueira, 38-40 (66832)
S. BENTO — Micael, R. de S. Bento 380-38, (Tel. 66262) * Aporeana, Largo do Conde Barão, 2 (66330)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus R. da Margem, 5-B (382470) * Cruz de Malta, R. do Chatoz de Dentro, 36 (86626) * Zema, Rua General Justino de Paiva (a Calçada dos Barbadianos, 21) (832580)
S. Santa Luzia — Rua da Saudade 2-B (869831)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R. Francisco Marques Beato 45-A (Tel. 251234)

Linha de Cascais
ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 66 (Tel. 3953)
CAXIAS — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Tnadede Brás, «Lota Pinto» 86 (Tel. 2432034)
OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PARADE — Gruncho, Av. da República 87-A (Tel. 247204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J-A, 15 (Tel. 264100)
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078) * A. Costa, Rua Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)
Outro Bando
ALCOCHETE — Gemelra, L. António dos Santos Jor-de 5 Te. 23400)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA — Mogalhões, R. Capão Leito 8-A (Tel. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Estrada Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO — Central, Av. Alfredo da Silva 48 (Tel. 2273071)
COVA DA FIEDADE — Império, R. Cabo do Bo Espirango, 31-A (Telefone 274356)

MOITA — União, Molten-Te, 39025)
MONTIJO — Grelde, R. Almirante Reis 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Lopes, R. Cãda do dos Reis 67 (Tel. 229028)
SETUBAL — Lisboa, R. D. Paulo Borba (22248) * Setúbal, Av. Moreira 22109)
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 5 (Tel. 2218580)
Linha de Sintra
AMADORA — Melo, Pr. D. João I, Lote 46 — B, Janeiro (Tel. 932756) * Central, Av. Carlos Lopes, 25 (Tel. 932201) * Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) * Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (T. 938424)
DAMAIA — D. João V, Av. Gorgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 95071) * Simões Lopes — Av. Elias Garcia 5 (Tel. 95073)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 25 (Telefone 294004)
MÉM MARTINS — Quimio Est. Mem Martins, 285 (T. 491002)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (T. 980456)
SINTRA — Marrazas, L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 9801551)

COLARES — Colares, Ade-la (Tel. 299088)
PORTO
Alberto Ferreira, R. do Estação, 11 (Tel. 5302)
* Antunes, R. do Bonifácio, 48: 11 27926
* Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 28 (Tel. 62445) * Fátima, R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel. 65406) * Ferreira da Silva, R. Martires da Liberdade (Tel. 24023) * Marques de Mendonça, R. de Amea 25 (Tel. 4726) * Pereira, R. da Preciosa, 35 (Tel. 68027) * S. Jerónimo, R. de Santos Pousada 622 (Tel. 545261) * S. Lázaro, Av. Rod. de Fronteiras 29 (Tel. 27043) * Serabando, Largo dos Lóas, 36 (Tel. 27011) * Saúde, Av. dos Com. da Grande Guerra 689 (Tel. 405761) * Sousa Soares, R. de Santo Catarina, 4 (Tel. 2249) * Vitória, R. de S. R. do Loureiro 56 (Tel. 52225) * Gonderem, Rua de Gon-

* COIMBRA

S. Sebastião — Rua António Jardim (tel. 28802)
* Silcar — Rua Ferreira Borges (tel. 2923) * Paiva — Praça do Comércio (tel. 23231)

EM AVEIRO, DE 14 A 17 DE ABRIL

APROVADO O CONGRESSO DO ENSINO LICEAL

De vez em quando

Quem pense que vai encontrar hoje, nesta coluna, o tema que se impunha, perca as esperanças. Vamos falar de frio. Quem dá o que pode (ou lhe é possível dar) a mais não é obrigado. Portanto, vamos ao frio. Mas, que dizer? Haverá de se ter o maior cuidado, não vá o frio abespilhar-se e flagelar-nos ainda mais. Bom. Teremos pois de dizer uma verdade irrefutável: — está um frio de rachar!!!

V. D.

AVEIRO, 3 — Por despacho comunicado ao reitor do Liceu Nacional de Aveiro, dr. Orlando de Oliveira, o ministro da Educação Nacional aprovou a realização do 6.º Congresso do Ensino Liceal que decorrerá de 14 a 17 de Abril do próximo ano.

Segundo parecer da Comissão Executiva do Congresso, a que preside o dr. Orlando de Oliveira deverão ser observadas as seguintes normas: 1 — Podem inscrever-se como congressistas todos os professores ou pedagogos interessados pelo ensino liceal que, por sua vez, se podem fazer acompanhar por familiares. 2 — A inscrição deverá fazer-se por correio dirigido à Secretaria do Congresso, no Liceu Nacional de Aveiro, até 31 de Janeiro de 1971; 3 — O preço das inscrições é de 250\$00 para os congressistas participantes e de 150\$00 por cada um dos seus familiares, não tendo estes direito às publicações do Congresso havendo ainda uma inscrição

de 200\$00 para quem pretender receber as publicações, embora sem estar presente nas Sessões de trabalhos: 4 — Os apresentantes de trabalhos devem indicar o título e possível extensão até 15 de Dezembro de 1970; remeter resumos com o máximo de duas páginas dactilografadas a dois espaços, até 31 de Janeiro de 1971; e enviar o próprio trabalho, com o máximo de 20 páginas dactilografadas a dois espaços, até 15 de Março de 1971; 5 — Esses trabalhos serão escritos em papel próprio a fornecer aos autores pela Secretaria do Congresso, e serão acompanhados de uma cópia em papel vulgar de máquina.

No Congresso, poderão ser versados os seguintes temas: *Ensino liceal* — objectivo, organização e sua articulação com os restantes; *Instalações liceais* — dependências administrativas, salas de disciplinas, gabinetes e laboratórios, como os ginásios desportivos, salas de convívio e de exposições, refeitórios, etc.; *Professores liceais* — habilitações académicas, aperfeiçoamento profissional, valorização pessoal, classificação profissional, vencimentos e diuturnidades; *Inspecção do ensino oficial* e do ensino particular, tendente a uma mais perfeita

integração deste naquele e a uma mais vasta oficialização; *Execução do ensino* — plano de estudos, programas e didácticas; *Orientação escolar* — medicina escolar, medidas mentais e orientação profissional; *Exames*, *Actividades curriculares*, *Moral*, *educação musical*, *educação física* e *trabalhos femininos*; *Coordenação do ensino liceal em todo o território português*.

Seguiram para a Alemanha os restos mortais do embaixador e da esposa

As urnas com os restos mortais do embaixador alemão em Lisboa e de sua esposa foram transportadas, às 14 e 30, para a sala dos VIP do aeroporto da Portela, de onde seguiram, às 15 horas, num avião especial, com destino à Alemanha.

As urnas foram aguardadas, no aeroporto, por elementos do corpo diplomático e pelo embaixador José Luís Archer, secretário geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que representava o Governo português.

No avião que transportou as urnas com os restos mortais do casal Schmidt-Horx tomaram lugar os familiares dos falecidos, ontem chegados a Lisboa na companhia do conde Podewills, do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal.

QUARTA MANHÃ DE NEVOEIRO

A quarta manhã consecutiva de nevoeiro sobre Lisboa causou dificuldades de navegação e ao tráfego rodoviário e impediu totalmente o movimento no aeroporto de Lisboa, onde desde as 7 e 15 não sobre nem de nenhum avião. Entretanto, há aviões que já deviam ter aterrado ontem e que ainda hoje o não conseguiram fazer... Assim, o voo da «Canadian Pacific», cuja chegada estava prevista para as 10 da manhã de ontem, e que foi para Barcelona, dali para Madrid, onde ontem também houve mau tempo — e continua sem poder chegar a Lisboa.

Todos os aviões que deviam ter chegado até ao princípio da tarde ao aeroporto de Portela foram desviados para Madrid ou Barcelona. Ao Porto (Pedras Rubras) foi aterrado um DC-6 do Líbano, com carga.

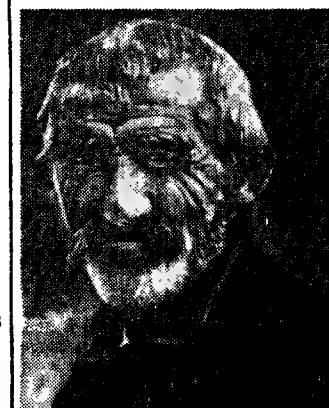
No Tejo também o tráfego sofreu atrasos e perturbações a partir das 10 da manhã. As 10 e 7, exactamente, deixou de haver carreiras do Cais do Sodré para Casilhas — as quais, ao princípio da tarde, ainda se mantinham suspensas. Os barcos saídos do Terreiro do Paço, equipados com radar, efectuaram normalmente, ou com pequenos atrasos, as suas carreiras.

Segundo o Serviço Meteorológico, nas próximas manhãs é natural que haja ainda nevoeiro.

PILULAS DE ALHO ROGOFF

EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE

CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.



A VENDA NAS FARMÁCIAS FRASCO COM 180 PILULAS

M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Occidental)

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL E ULTRAMAR:

CREFAR
RUA DA MADEIRA, 171-2.º
LISBOA

AS JOIAS, AS PRATAS DA

Ourivesaria da
GUIA
SÃO DIFERENTES!



Fundada em 1875

RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.
Tel. 65 45 31-2-3-4
Impressão e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Tel. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

Tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 4.º; Faro, 8.º; Funchal, 7.º; Lisboa, 4.º; Penhas Douradas, 5.º; Portalegre, 8.º; Porto, 5.º

TEMPERATURAS E EXTREMOS OBSERVADOS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 17.º; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, -3.º.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE: — Em Portugal continental, o vento era fraco e havia nevoeiro em várias regiões.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL: — Na atmosfera, 11.º; no água do mar: 15.º, 8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou tempo: vento fraco; condições favoráveis à ocorrência de nevoeiro.

Amanhã
Nascer às 8 e 38
Ocaso às 18 e 15

MARÉS:
PREIA-MAR: Hoje — 6 e 59 (3,9 m); 9 e 38 (3,5 m); Dia 4 — 7 e 56 (3,3 m); 20 e 40 (3,4 m); Dia 5 — 9 (3,7 m); 21 e 44 (3,4 m); BAIXA-MAR: Hoje — 0 e 9 (1,2 m); 2 e 53 (1,2 m); Dia 4 — 1 e 1 (1,4 m); 3 e 55 (1,3 m); Dia 5 — 2 e 2 (1,5 m); 5 e 08 (1,4 m).

CHAPÉU PALMARES



SPORTEX
O ÚLTIMO GRITO DA MODA!
LEVE E INDEFORMÁVEL
A venda nas boas chapelarias e na
PHOEBUS
Rua do Ouro, 287

Listas telefónicas das zonas de Oeiras Cascais e Sintra

Os primeiros exemplares das listas telefónicas das zonas de Oeiras, Cascais e Sintra, foram ontem entregues simbolicamente, durante uma reunião no Hotel Mundial. Estiveram presentes os srs. almirante Sarmiento Rodrigues, presidente do conselho de administração, eng.º Carlos Barradas da Silva, administrador-delegado, José Alberto Vale Guimarães, director-geral e funcionários superiores da Imprimarte. Publicações de Listas Telefónicas, assim como os srs. engs. Álvaro Roquete e Henrique Manuel Pereira, director-geral do Turismo e administrador-delegado dos T. L. P., respectivamente.

Subsecretário da Saúde no Porto

PORTO, 3 — Encontra-se nesta cidade, em visita a diversos estabelecimentos assistenciais, o subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, dr.ª Maria Teresa Lobo, que vem acompanhada da sua

secretária, dr.ª Maria Luísa de Castro, e drs. Carvalho da Fonseca e Rocha Melo, respectivamente, director-geral da Assistência e director do Instituto de Assistência aos Inválidos.

Lisandra ELECTRODOMESTICOS, LDA.

NÃO SOMOS A MELHOR CASA, MAS PROCURAMOS SER DAS MELHORES.

Pomos ao dispor dos nossos Ex.ºs Clientes os 25 anos de experiência dos sócios gerentes **JOÃO LOURENÇO e JOÃO PEIXOTO.**

SELECIONAMOS qualidade e continuidade.

RUA ANDRADE, 55 (Junto ao cinema Lis)

AV. DA REPUBLICA, 14 Telef. 53 37 33

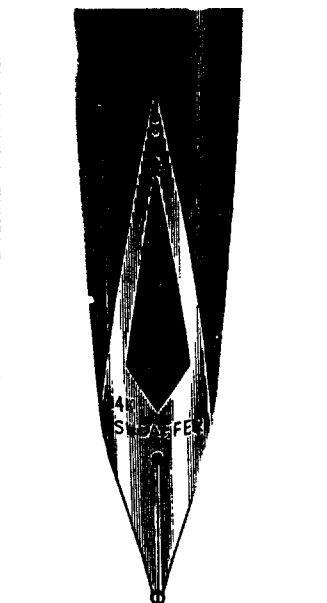
cial

CENTRO DE LINGUAS

VOCÊ É IMPORTADOR/EXPORTADOR?

LEIA O

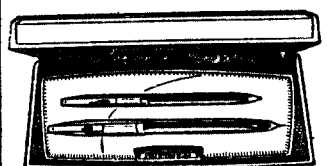
Edição Nacional **JORNAL DO BRASIL**



Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermeticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, em verde de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA-2
DEPOSITÁRIO NO PORTO: ELIO AMORIM

ANTIGA CASA

Jose Alexandre Lobo

Fundada em 1823
8-Rua Garrett-18
Tel. 326791
Lisboa

TEM EXPOSTA A SUA JA TRADICIONAL COLECÇÃO DE ARTIGOS DE NOVIDADE PARA PRESENTES DE NATAL

Nos seus salões do primeiro andar uma exposição de mesas decoradas
Diner's Credit Cards CARIÃO SOTIO MAIOR American Express Cards

No próximo dia 7,
lançamento de «Poesia IV»:
aos setenta anos
um grande poeta português
reincide
na «conspiração das palavras»...

SUPLEMENTO LITERÁRIO

640 ■ 3 DE DEZEMBRO ■ 1970

...E ASSIM NASCEU A «POESIA IV»

por José Gomes Ferreira

AGORA, nas vésperas de sair a minha **Poesia IV**, perguntam-me de vários lados (alguns bem imprevistos):

— Não se sente aflito por publicar um livro de poesia aos 70 anos?

Muitos até fazem voz doce de quem pretende ajudar um velhinho a atravessar o trânsito complicado das ruas de hoje, cheias de gente de trajes esquisitos, nas ideias e nos gostos literários, bem chocantes — julgam eles — para um homem da minha idade biológica.

Claro, a esta insinuação tácita apetece-me às vezes replicar, com o meu arreganho antigo de gritador de cafés, que estou a par das regras do trânsito actual; que cada escritor tem o seu tempo e deve mantê-lo contra tudo e contra todos com armas de nuvens; e que, finalmente, não me incomodam as modas modernas. O meu sonho — até já o escrevi não sei onde — era usar um par de calças de veludo vermelho como a rapaziada de agora. Só não às visto para não me chamarem demagogo da juventude — e demagogo de coisas fúteis que é o pior de todos.

Mas lá estou a desviar a conversa...

Voltemos à pergunta que tantos me fazem (ou serei eu apenas a interrogar-me?). Se me sinto aflito em publicar um livro de poesia aos 70 anos...

Poderia responder de várias maneiras. De olhos baixos, por modéstia tácita: «Oh não! Em **Poesia IV** continuo apenas o meu itinerário, com a simplicidade de quem galga estradas e tempo». Ou então, mais sincero, revelar que ando de facto assustado. Com o medo habitual nestes transe de livro novo. Não, claro, com aquele terror-pânico-confiante-desconfiado de 1948, quando Carlos de Oliveira e Joaquim Namorado editaram em Coimbra a **Poesia I**, depois do meu sono cataléptico de 30 anos. Pânico aliás compreensível porque nesse momento jogava tudo num único lance de dados.

Agora, o risco é menor. E posso



José Gomes Ferreira (foto Nuno Calvet): a par das regras do trânsito actual...

entregar-me à mentira de me fingir José-Sem-Medo.

Mas — dir-me-ão — nessa história da «Poesia de 70 anos» há um bocadinho de batota. Porque os versos de **Poesia IV** já são antigos, escritos de 1949 a 1956, num período dolorosamente fecundo da minha vida.

Pois sim. Mas não se esqueçam de que os desenterrei há pouco mais

de um ano e evidentemente não me limitei a copiá-los com a caneta da resignação passiva e burocrática dos poetas amanuenses. Cortei aqui, emendei acolá, reduzi poemas de três páginas para seis versos, substituí adjectivos, decepei imagens e metáforas, busquei ansiosamente o meu tempo pessoal naquele caos de palavras e, finalmente, depois dos «socos» do costume (quebra este

verso, amachuca os colarinhos engomados daquele soneto) escrevi as epígrafes, as famosas epígrafes que me desmascaram e ocultam... Mas tudo com cuidados extremos para não apagar as chamazinhas iniciais dos poemas, nem o que existe de mais autêntico e característico nas diversas épocas do meu itinerário.

E assim nasceu a **Poesia IV**, dividida cabalisticamente em 7 partes (cabalística involuntária, claro): **Encruzilhada** (em que conto em cifra o mito do Orfeu Assassino); **Elegia Fria com lírios inventados** (dedicada com cinismo de actor aos meus mortos); **Idílio de Recomeço** (em que o Orfeu volta dos Infernos para amar); **Sala de Concertos** (laboratório de poesia, onde trabalho os meus versos que pouco, ou nada, têm a ver com as peças musicais executadas); **Album**, (coleção de instantâneos de um menino nascido); **Elementos** (espécie de Grécia numa casa de banho em que canto a água, o fogo e o Ar); e **Combóio** — onde a minha voz protesta de novo, combativa e desalentada como sempre.

Este longo livro, como já disse, organizei-o no ano passado. Mas os 251 poemas que o constituem, não tinham dormido até então na paz poeirenta da gaveta.

Volta e meia ia mexer-lhes para verificar se respiravam. E depois juntar-lhes sucessivas estratificações de sombras, imagens e imprevistos, num constante esforço de conservar a verdade viva e atenta.

Que querem? É este o meu método, a minha técnica de fazer versos.

Poesia, para mim, é trabalho, uma forma superior de Trabalho, tão elevada que chega a parecer ócio e preguiça.

E já agora deixem-me confessar que ainda não foi desta vez que a gaveta se esvaziou. Ficaram lá os poemas suficientes para a **Poesia V**, que espero publicar dentro de um ou dois anos.

Felizmente, continuarei entregue à conspiração das palavras — em que ando envolvido numa tela terrível desde que me conheça.

Swift

«O inventor do gracejo feroz e fúnebre» (Breton),
«o maior de todos os ironistas» (Pessoa), ocupa
hoje, oportunamente, as nossas páginas centrais



ANA HATHERLY, NELSON DE MATOS E NÓS

De Ana Hatherly recebemos, para publicação, o seguinte texto:

ESCLARECIMENTOS

Ao sr. Nelson de Matos proporcionarei os seguintes esclarecimentos:

— O artigo que escrevi acerca do meu livro «Anagramático» não tinha o carácter duma resposta às suas considerações sobre o mesmo. Já noutras ocasiões, a propósito do meu trabalho publicável, inclusive neste Suplemento, textos semelhantes. Se o tomou como resposta, bem o poderá ter feito por julgar descobrir nele um pretexto suficiente para chamar a atenção sobre si próprio e merecer atingir o nível duma polémica comigo.

— Não tenho a mais pequena intenção de inflamar ou manter uma polémica consigo, pois des-

creio da eficácia dum método de discussão que, com frequência se verifica, utiliza predominantemente os processos da injúria e da galhofa, descurando observações mais profundas e originais.

— Não tenho de facto muita consideração pelas tribunas e ainda menos a tenho pelos tribunais.

— Penso que esta questão ultrapassa o âmbito duma divergência de opinião pessoal para surgir como um sintoma do desfazamento, do des-nível que existe com frequência entre críticos e criticados. Os autores estão sempre em desvantagem, pois quem ocupa a tribuna terá sempre a última palavra: assim a crítica assume o carácter duma actividade repressora e impune.

ANA HATHERLY

Portuguêsmente falando

DE REPENTE, no semanário «Vida Ribatejana», que se publica em Vila Franca de Xira, lemos uma prosa «portuguêsmente falando» — facto infelizmente raro, ou quase, na nossa imprensa regional. É seu autor Ricardo Gaiê e traz por título «O Mundo em que vivemos — os pontos nos 2 ou portuguêsmente falando». Transcrevemos com a devida vénia, por nos parecer digno de medição:

Não é meu costume de-clarar quando falo de história, mas creio que Portugal foi descoberto em 1498 pelo sr. Simeão de Sousa quando exclamou: aldrabões! E foi assim que tudo começou.

A minha primeira dificuldade ao ter que defender esta tese é pôr-vos de caras, os pontos nos 2. Por exemplo: convencionou-se que o romance português não é literatura. E os jovens literatos não os leem. Ignoram assim Conan Doyle, Edgar Allan Poe e depois Simenon, Raymond Chandler, Horace McCoy, etc., etc., etc. Mas suponhamos que assim: a Dolly, a Magal, a fotonovela, a subliteratura, fora! Certo. A cultura, a leitura, são coisas um fato: dão uma informação da classe social do indivíduo. A subliteratura é um facto. Mas quantos se atrevem a dizer do que não gostam porque não presta, de facto? Tenho uma grande simpatia humana pelas pessoas que só lêem romances policiais e juntam esses Dostoevsky, Balzac, Gorky, Tolstói, Tchekhov, etc. Lêem pelo lado de dentro, estão situados no osso da vida. E também vão descobrir gosto em ler Camilo e Eça. Mas menos Aquilino e aqui é que tudo recomeça. A nossa «tragédia moderna» (será?) começou quando um

dia um homem disse de Aquilino. É um inimigo do regime, mas é um grande escritor. Escrevia muito bem. Ora há muitos que escrevem muito bem. É o mal. Não incomodam ninguém, não dizem nada que não se saiba, não estorvam. E sim, pergunto agora: Quem tem medo de Raul Brandão? Quem tem medo de Pessoa? Quem tem medo de Manuel de Laranjeira? Quem tem medo dos cronistas?

Acontece que todos têm medo, porque não somos um país adulto para enfrentarmos as verdades de frente. Gostamos sim do Eça. De um certo Eça sobretudo. Sabe bem, tem graça e monóculo. E era aristocrata. E criticava à distância, o que dá azo a que ninguém se mate. E não mata. Daí o gosto do português por tudo o que lhe não diga respeito a sério. Basta ver a distância a que os jornais puseram Cesário e ainda põem outros. Deixemo-nos de histórias e vamos tentar pôr os pontos nos 2. Os nossos escritores precisam de comer e etc. É verdade e têm direito a isso. Mas os leitores não consomem quem lhes consome o juízo. Somos, tirando o alguns poetas, os cronistas, alguns prosadores e ensaístas, um povo que consome palavras, compra palavras, se oculta nas palavras e assim vai vivendo e dando a viver. Mais explicações? Seriam dolorosas no momento, mas estamos sempre a tempo. Só pergunto: Quem tem medo de dizer que nunca os conseguiu ler? A quem? — perguntam. A tantos e tantos escritores consagrados que besuntam de papel as nossas bibliotecas. Escrever é grave. Por mim, fora alguns casos e raríssimos, só vejo de facto escritores. E uma opinião a que tenho dito. A democracia é assim.

(in «Vida Ribatejana», de 14 de Novembro de 1970)

COMENTÁRIO

Que o texto de Ana Hatherly respondia à minha nota de crítica lê-se no seu último parágrafo. Que não utilizei quaisquer processos de «injúria ou galhofa» é também legível numa leitura não deturpada da minha resposta a esse texto.

Os «esclarecimentos» de Ana Hatherly acima publicados são, deste modo, uma forma pouco hábil de deturpar os acontecimentos. As suas respostas são uma não resposta. O que ela diz é a expressão de um autor ferido ao ver postos em causa os pressupostos fundadores de uma obra de que se sente o proprietário privado.

As questões que nos meus textos tentei levantar e discutir não se refere Ana Hatherly. Ilude-as, ignora-as ou tenta até encobri-las. O que ela lá viu foram ofensas pessoais, foram abusos do direito da crítica. Daí que ela possa afirmar que a crítica é uma actividade «repressora e impune».

Estes seus «esclarecimentos» foram para mim deveras surpreendentes. Não encontro neles quaisquer ideias que mereçam o menor comentário.

É um texto que caracteriza não só os esquemas deformados em

lo, fizera publicar neste Suplemento uma semana antes. Não nos parece, por tal facto, descabido que Nelson de Matos entendesse como «resposta» o referido texto — e decidisse em pleno direito, comentá-lo. Dados os termos em que surgiu formulado esse comentário (termos essencialmente críticos), não julgamos pertinente a observação de Ana Hatherly de que Nelson de Matos se serviu de um pretexto «para chamar a atenção sobre si próprio», isto no intuito de «merecer atingir o nível duma polémica» com a autora criticada. Há que não confundir, por sistema, a formulação crítica com o desejo de publicidade — como há que se não levantar questões de nível pessoal no que respeita à controvérsia das ideias: estas sim, revelam do nível. O resto é retórica impressiva, sempre desinteressante e improficua.

2 — Em razão, não descortinamos no comentário de Nelson de Matos ao texto-afinal-resposta de Ana Hatherly a utilização de «processos da injúria e da galhofa», processos que repudiamos e se colocam, aliás, sob a alçada da lei. Há que não tomar por injúria a contestação crítica — como há que não tomar por galhofa uma linguagem frontal que



que se alicerça o seu pensamento como também num âmbito mais largo, uma inequívoca posição de classe.

Quanto a mim, considero portanto mais do que encerrada esta questão.

NELSON DE MATOS

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

1 — Chama-se a atenção do leitor para a nota final do texto «Anagramático» — considerações necessárias, de Ana Hatherly, aqui publicado em 19 de Novembro: nela, e pelo menos (descontando pois as sugestões-com-enderço que se encontravam semeadas no texto propriamente dito), a autora se referia, textualmente, à crítica que Nelson de Ma-

não visa a pessoa moral do criticado, mas a sua representatividade artística e ideológica — representatividade susceptível sempre de aplauso ou desacordo.

3 — Das «tribunas» se diga que são, obviamente (e salvo o lugar-comum que leva a considerá-las privilégio de raros) ocupadas sempre por «tribuneiros». Sem, da nossa parte, qualquer sentido pejorativo, entendemos por «tribuneiros» quantos ocupam, com maior ou menor regularidade, as colunas deste Suplemento: para o caso (muito limitado, pois poderíamos torná-lo extensivo, talvez como em nenhum outro suplemento cultural publicado neste País, a um número significativo de colaboradores, conhecidos ou nem tanto), para o caso, pois, tanto Nelson de



Matos como Ana Hatherly, a quem jamais recusámos a publicação dos trabalhos que nos enviou — a quem, portanto, jamais negámos a «tribuna». De resto, a actividade tornada mais regular da crítica (e nem aqui se põe o problema do profissionalismo...) sempre acabará por conferir ao crítico o carácter de «tribuneiro» (ainda sem sentido pejorativo): na imprensa, todo o trabalho assíduo é em si mesmo uma «tribuna». Mas esta — atenção! — está sempre exposta publicamente, isto é, pode sempre ser ocupada (pelo menos aqui, neste jornal) por quem tenha o direito e a autoridade moral e intelectual de contestar o «tribuneiro» de serviço. Logo: a cada um a sua «tribuna»... se a souber merecer.

4 — Somos forçados a concordar com o «desfasamento» e com o «des-nível» que existe, frequentemente, entre críticos e criticados: basta, para tanto, ter seguido esta controvérsia entre Nelson de Matos e Ana Hatherly. Recusando a posição cómoda (e quase sempre hipócrita) da «imparcialidade», sempre diremos que esse «desfasamento» e esse «desnível» se processaram entre uma proposta de diálogo crítico, por parte de Nelson de Matos e a recusa pura e simples a tal diálogo. Nem julgamos das razões de Ana Hatherly limitarmos-nos a verificar o facto, lamentando-o. Por outro lado, não podemos concordar com a afirmação de Ana Hatherly de que «os autores estão sempre em desvantagem» (pois que têm a possibilidade — até legal — de não estarem para tanto usando do direito de resposta) e muito menos concordamos, quer com a dicotomia autor-crítico («o autor» não é «crítico», o «crítico» não é «autor»?) quer com o pare-

cer de que «a crítica» possa assumir «o carácter duma actividade repressora e impune». Nunca há impunidade para o erro intelectual. E a crítica, essa, longe de possuir o carácter duma actividade repressora (excepto no sentido em que deve reprimir erros e abusos), continua a ser «a razão da nossa permanência», na exacta dimensão que lhe deu o poeta António Maria Lisboa e que nós procuramos respeitar. Repressora, julgamos nós, a atitude que leva a calar o livre e generoso exercício do pensamento crítico. A mordada nunca tem razão, a mordada nunca tem futuro. E não é, não pode ser uma frase a destruir a marcha inelutável das ideias e das coisas.

5 — Para além do comentário de Nelson de Matos aos esclarecimentos de Ana Hatherly, pareceu-nos útil vir a público desfazer alguns equívocos e esclarecer os leitores quanto ao critério que seguimos relativamente à publicação de textos de teor circunstancialmente polémico. Se nem sempre nascemos a luz da discussão, nós tentamos na medida do possível, abrir as colunas aos contestadores da treva, sejam eles críticos ou criticados. E pois que repudiamos os processos de injúria e da galhofa típicos de uma polémica «à antiga portuguesa» que hoje mal sobrevive (excepto naqueles que por uma inversão demagógica levam a considerar toda a polémica como de mau designio e baixa terminologia), somos positivamente pela função e pela independência críticas, pelo direito de opinião e, já agora, pelo humor, despreconceituoso e interferente. Ou seja: pelas armas que lutam contra a barreira do silêncio e da obscuridade.

S. L.

COLABORADOR (A)

Precisa-se em «part-time» c/ bons conhecimentos de francês ou inglês, trabalho de equipa, edição de cadernos de actualidade cultural: sociologia, política, literatura, etc.

Resposta ao jornal, n.º 653.

EXPOSIÇÃO MOBIL

por Rocha de Sousa

DE NOVO uma grande Empresa aparece a promover um concurso de artes plásticas. Há pelo menos cinco exemplos do mesmo tipo desde 1967. Com maiores ou menores oscilações, tais iniciativas ficaram em geral a dever-se à modernização das técnicas de gestão e portanto à permeabilidade das Empresas a certos meios de publicidade que envolvem uma subtilidade mais complexa nas suas relações com o corpo social. Essas práticas foram já desenvolvidas em sociedades industrialmente evoluídas e contribuíram, em alguns casos, para a integração dos artistas num vasto conjunto de actividades de produção e consumo publicitando e absorvendo simultaneamente certos movimentos ditos de vanguarda.

Entre nós, a experiência não tem o mesmo tipo de projecção e as próprias empresas desenvolvem opções isoladas, sem verdadeira continuidade. Os sectores artísticos, de resto, têm-se mostrado reservados quanto à iniciativa das Empresas, absor-

vendo apenas os efeitos da euforia circunstancial e distanciando-se de qualquer compromisso a longo prazo. Paradoxalmente, deve-se à crítica uma colaboração mais sistemática junto desse mecenas ocasional, o que tem garantido, para além de

certos entusiasmos infundados, uma satisfatória disciplina das respectivas actividades, dentro de esquemas regulamentares modernos segundo exigências técnicas apropriadas. Por outro lado, e apesar de não haver ainda um correcto entendimento entre a crítica e os artistas, estes continuam a poder garantir a sua intervenção na fase de arranque dos salões colectivos e o seu julgamento (que corresponde a um tipo de leitura particular) deve considerar-se necessário, mesmo complementariamente, na perspectiva de gestão até aqui praticada.

FACTOS DO PRESENTE SALÃO

O concurso de artes plásticas agora promovido pela Mobil Oil Portuguesa, cujos resultados estão patentes no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, corresponde a um dos mais definidos na estrutura e nos objectivos. Para além da redacção do Regulamento, que teve o apoio técnico da A. I. C. A., e o reconhecimento da S. N. B. A., a Mobil propôs-se simultaneamente formular uma operação publicitária, assinalar a próxima inauguração da sua nova sede e adquirir obras de arte para essas instalações. Envolvendo uma verba substancial para esta iniciativa (quatrocentos contos só para o sector das aquisições), a Mobil procura situar os resultados no



Palolo: uma já conhecida figuração (em escala maior)

plano internacional, levando a sua exposição aos Estados Unidos da América e propondo assim a arte moderna portuguesa a um circuito que lhe tem sido tantas vezes negado.

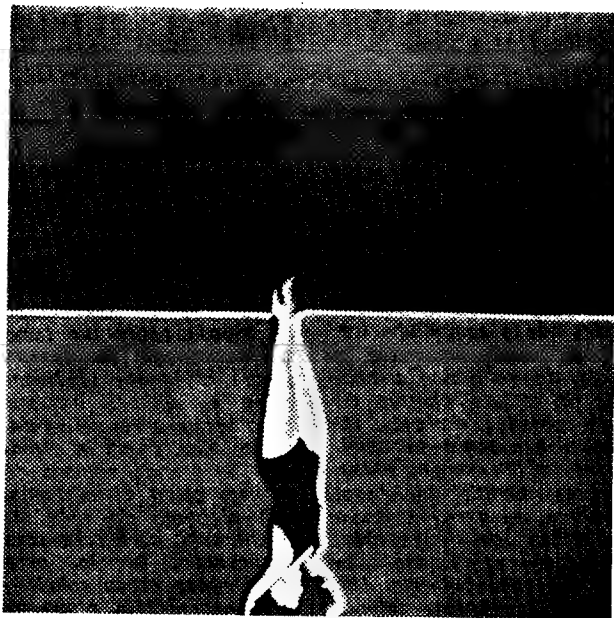
Se a exposição da Mobil, apesar das lacunas que apresenta e da sua relativa representatividade, se pode considerar um êxito, é evidente que ela só tem sentido por não se sobrepôr excessivamente a outras iniciativas semelhantes: a produção artística, apesar das inflações conhecidas, não pode cobrir em qualidade e assiduidade salões consecutivos de idêntica natureza. O exemplo do concurso da Guérin pode ser lembrado como argumento e é natural que outros resultados do mesmo tipo se estabeleçam num futuro próximo se as Empresas não diversificarem os seus projectos de acção neste domínio e a sua distribuição no tempo. Nesse aspecto, a Soquil fez uma opção muito inteligente com o seu prémio anual referido apenas a uma temporada de cada vez. De resto, mesmo no Salão agora realizado pela Mobil, verificam-se muitas ausências de autores significativos. Os artistas do Porto, embora esclarecidos quanto a novas condições de seguro, acabaram por não apresentar a sua candidatura. Outros artistas de Lisboa, como João Abel, Charrua, Velez, Conduto, Sá Nogueira, João Vieira, Menez, Jorge Vieira, Areal, Artur Rosa, Helena Almeida, etc., também não se mostraram interessados em concorrer. Entre os mais novos, muitos autores ficaram igualmente ausentes, embora a exposição nos surja animada e renovada nesse aspecto, apresentando alguns artistas cujo trabalho se pode considerar francamente esperançoso. Seja como for, todas as ausências somadas parecem-nos constituir um sintoma que se tem de ponderar. Ele talvez exprima um desinteresse dos artistas pelas formas de com-

petição ainda implícitas no regulamento destes salões. Com críticos ou sem críticos (ou até por isso) os júris pressupõem uma técnica antipática de julgamento, por muito correcta que se mostre. A realidade artística pode ser exposta e analisada (e até consumida) por outros processos — formação didáctica de grupos, prospecção de tendências, confronto de gerações, iniciativas simultaneas, etc.,

conjunto de relações mais dinâmicas, capazes de cobrir o que de facto se realiza e rompendo com a luta provinciana em favor de agrupamentos sem sentido e de valores mais do que relativos.

NOTAS SOBRE AS REPRESENTAÇÕES

No plano dos artistas mais «cotados», os quais a história local e a crítica



Jorge Martins: uma coisificação irónica

AUTORES HOJE

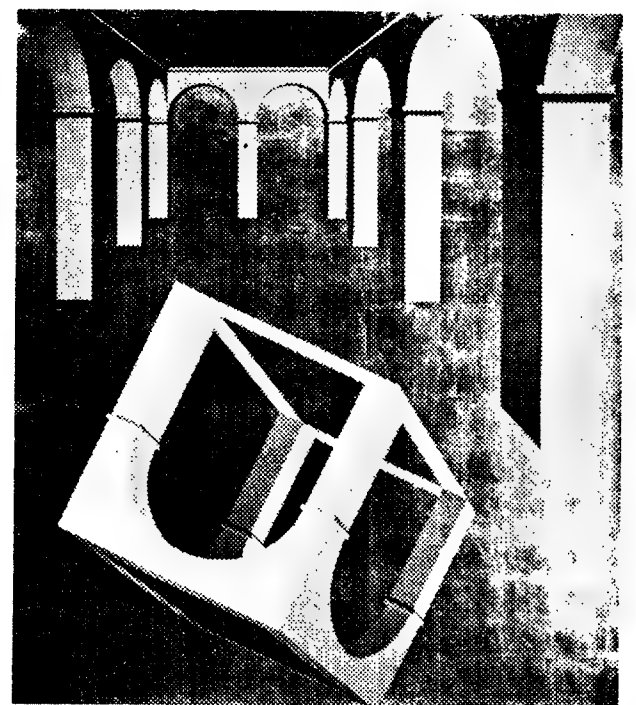
Fernando Conduto

Nasceu em Silves, em 1937. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio. Diplomado em escultura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Participou em diversas exposições colectivas, das quais se destacam: Exposições da E.S.B.A.L. (Lisboa, 1957 e Coimbra, 1958); Salão dos Independentes (Lisboa, 1959); Salão de Arte Moderna (Lisboa, 1959, 60, 61), Grupo dos Amigos de Lisboa (1959); Salão da Primavera (Lisboa, 1960, 61 e 62); Salões de Arte Moderna do Funchal; Galeria Diário de Notícias (1961 e 1962); Quinze Pintores Portugueses em Madrid (1962); II Exposição da Fundação Calouste Gulbenkian (1962); todas as exposições organizadas pela gravura desde 1959. Expôs individualmente, por duas vezes, na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A. e anteriormente na Galeria Divulgação (Lisboa). Tem participado em diferentes exposições colectivas organizadas pela Galeria Interior, a cujo elenco se encontra ligado. Tem trabalhado para diferentes edifícios.

A consciência dos materiais e da sua significação no espaço vivido pelo homem tem uma importância



relevante na obra de Fernando Conduto. Desde uma apropriação emocional da matéria, já sensível à captação do espaço e da luz, passando pela associação de expressões e dilacerada de destroços-desperdício de metal até à resolução de conjuntos estruturalmente geométricos e depurados. Atualmente tem utilizado os meios no seu máximo ponto de tensão, entre o que as formas exprimem e o espaço que as define.



Nery: da atmosfera de Chirico ao mistério de Magritte

partindo de organismos e comissões qualificadas, com a contribuição de artistas, de críticos e de historiadores no sentido de resolver uma visão plural, esclarecedora e profunda da arte portuguesa actual. É claro que salões como este da Mobil têm a sua importância, mas essa importância, em relação aos artistas, mede-se sobretudo em termos económicos e na possibilidade isolada de um confronto dentro ou fora do País. Nada disso é satisfatório (ainda que seja circunstancialmente melhor do que coisa nenhuma) perante a verdadeira necessidade de um vasto

já agruparam em certas definições de mérito, o Salão da Mobil animou-se com algumas presenças que nos deram conta da sua cautelosa renovação. Citamos Jorge Martins (com uma pintura figurativa rigorosa, poética, que atinge pelo sonho uma coisificação irónica e por vezes simbolista das imagens), Eduardo Nery (que vai buscar à sua experiência passada um «trompe l'oeil» inquietante, associando, pelo rigor extremo, a atmosfera de Chirico ao mistério de Magritte e à memória feiticista de uma religiosidade subjacente

Cont. na pág. 6

SWIFT: rir, rir quem lê

(ou de como a ironia se confunde com a moral...)

SURTIU há pouco nas livrarias a tradução portuguesa dos «Preceitos para uso do pessoal doméstico», de Jonathan Swift. Trata-se de uma mão-cheia de bons conselhos, dirigidos não apenas aos criados-em-geral, mordomos, cozinheiras, lacaios, cocheiros, moços de estrebaria, porteiros, camareiras, criadas de quarto, mulheres da limpeza, leiteiras, criadas dos meninos, amas, lavadeiras, governantas, perceptoras ou aias, mas igualmente a um jovem poeta (com «uma proposta para o encorajamento da poesia») e — **the last but not the least** — ao próprio país natal do autor, a bem-amada Irlanda, contemplada com uma «modesta proposta para obstar a que os filhos dos pobres constituam um encargo para os pais ou o País e para os tornar úteis ao público».

Tão excelentes conselhos, próprios de um espírito generoso, preocupado com o bem-estar do seu semelhante, e de robusta formação moral, foram (têm sido) no entanto mal compreendidos por certos críticos, que neles pretendem ver apenas uma sátira maldosa dirigida à boa sociedade do tempo, tão rica de bens e virtudes como todas as posteriores boas socie-

dades. Os referidos críticos vão mesmo mais longe: afirmam que Swift era um gozão, um cínico, um espírito quezilhento que usava a arma do humor (muito negro, ainda por cima) para agredir, vingativo, as pessoas bem instaladas na vida e os nobres, elevados, sedimentados conceitos que os informavam. Coisas dos críticos...

O leitor que julgue por si próprio. Graças à amável colaboração da «Estampa» (a casa editora que publicou os «Preceitos para uso do pessoal doméstico», na sua colecção «Clássicos de Bolso») podemos oferecer-lhe na versão portuguesa de João Fonseca Amaral, a apresentação de Swift escrita por André Breton para a «Anthologie de L'Humour Noir» (e incluída no volume talvez com o propósito, suspeito, de denegrir a já tão abalada reputação do inocente irlandês), bem como alguns excertos — quanto a nós, carregados de boa razão e evidente utilidade — dos famosos «Preceitos». Sirvam tais excertos para aguçar o apetite da leitura integral da obra. Vale a pena, fortalece o carácter e dinamiza a inteligência. Só que não tira a caspa.

Jonathan Swift (1665 – 1745)

por André Breton

EM MATÉRIA DE HUMOR negro, tudo o indica como o verdadeiro iniciador. É efectivamente impossível coordenar, antes dele, as manifestações accidentais de tal humor tanto, por exemplo, em Heraclito ou nos Cínicos, como na obra dos poetas dramáticos ingleses do ciclo isabelino. A incontestável originalidade de Swift, a unidade perfeita da sua produção, encarada do ponto de vista da emoção muito particular e quase sem precedentes que explode, o carácter inultrapassável, a este respeito, das suas mais diversas realizações, justificam historicamente a prioridade deste autor. É que, ao contrário da opinião de Voltaire, ele nada tem de «um Rabalais aperfeiçoado». De Rebelais, partilha tão pouco quanto possível o gosto pelo gracejo pesado e inocente e a constante boa disposição após as abundantes liba-

-se o inventor do gracejo feroz e fúnebre. A natureza profundamente singular do seu espírito inspirou-lhe uma sequência de apólogos e reflexões, do género da «Filosofia do vestuário» e da «Meditação sobre uma vassoura», que perturbantemente se inscrevem no mais moderno espírito, e por si só asseguram uma obra que o tempo não atingiu.

Os olhos de Swift eram, ao que parece, tão mudáveis que podiam passar do azul-claro ao negro, do cândido ao terrível. Esta variação concorda às mil maravilhas com o seu modo de sentir: «Sempre detestei, diz ele, todas as nações, credos ou comunidades, e só posso amar indivíduos. Abomino e odeio sobretudo o animal que tem o nome de homem, conquanto ame de todo o coração João, Pedro, Tomás, etc.». Ele, que mais do que ninguém despreza o género humano, acha-se, não em menor grau, possuído pela necessidade frenética de justiça. Erra entre os palácios de Dublin e o seu pequeno presbitério de Laracor, ansioso por saber se é feito para tratar dos seus salgueiros e passar o tempo com as suas trutas, ou para imiscuir-se nos assuntos do Estado. Como aliás e apesar de tudo se imiscui, por várias vezes, da maneira mais activa e eficaz. «Esté irlandês, que se considera exilado no seu próprio país, disse alguém, não consegue fixar residência fora dele; este irlandês, sempre pronto a maldizer da Irlanda, arrisca por ela a fortuna, a liberdade e a vida, e salva-a, por cerca de um século, da sujeição de que a ameaça a Inglaterra». Do mesmo modo, este misógino, o autor da «Carta a um jovem acerca do seu casamento», vê-se envolvido, na sua própria vida, nas piores complicações sentimentais: três mulheres — Varina, Stella e Vanessa — disputam entre si o amor de Swift e, se na verdade rompe com a primeira em termos insultuosos, é condenado a ver as outras duas dilacerarem-se mutuamente e morrerem sem lhe concederem o perdão final. É a este mesmo padre que uma delas escreve: «Se eu fosse crente, seria o Deus que adoraria». Em toda a sua existência, apenas a misantropia é a disposição que não encontra qualquer correctivo e que os factos não desmentem. Ele disse um dia, mostrando uma árvore fulminada por um raio: «Sou como esta árvore, morrerei pelo cima». Como por ter desejado alcançar «esse grau de felicidade sublime que se chama a faculdade de ser bem enganado, o estado plácido e sereno que consiste em ser louco entre patifes», socobra, em 1736, numa decadência intelectual de que, com atroz lucidez, poderá seguir os progressos durante dez anos. Deixa por testamento dez mil libras, destinadas à criação de um hospital de alienados.



(...) Se for preciso fazer qualquer pedido aos senhores do outro lado do mar para obter uma carta que autorize aqui o estabelecimento de um Banco, permito-me apresentar um requerimento para que a poesia participe desse privilégio, sendo um valor tão real e sólido como as acções da Bolsa (...).

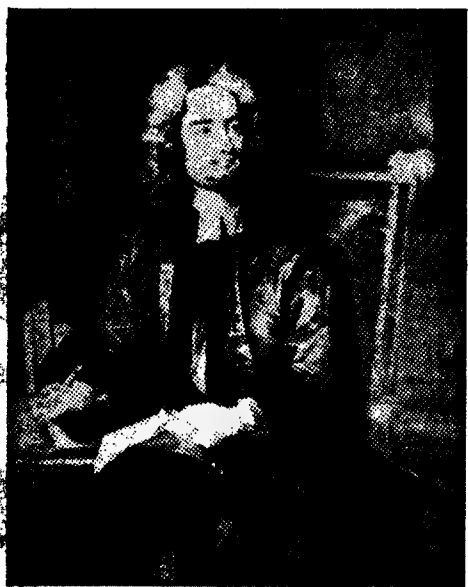
Swift para uma corporação de poetas

Creio, também, que seria conveniente criar uma corporação de poetas nesta cidade. Dei-me, nos meus tempos de desocupado, a contar o número de espíritos superiores existentes entre nós e somei uns trezentos poetas no activo, e mais, dentro e nos arredores da cidade, cheguei às seis vintenas de cem, levando em conta os semi, como se faz com as garrafas de medida, incluindo, também, as diversas denominações de imitadores, tradutores e escrevinhadores de epístolas, etc. Um destes ofereceu, ultimamente, à cidade um trecho

original que, se o ousar dizer, o defunto «British Spectator», no seu declínio, consideraria um «excelente modelo do autêntico sublime», um «nobre poema», ou uma «bela colectânea de versos sobre um tema originalíssimo» (o próprio autor), dando-lhe um lugar entre as últimas lucubrações a que a revisa se dedicou. Mas, como ia dizendo, tão grande número de poetas, estou certo, basta, sob o ponto de vista da quantidade, para criar uma corporação. Depois, para os diversos graus subalternos, necessários a um tal corpo, não nos faltariam os

Swift: guardas nós um tastro, de corcilo-poe talentos dade e dados é longe, s ro aos descans meu pr próprio posto por ver

S (...) do homem garanti que un e bem um anc mento tritivo e como g



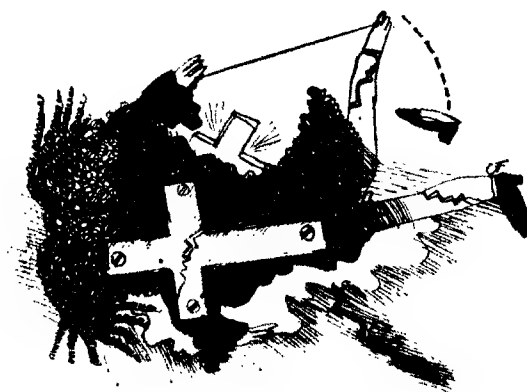
Swift, iniciador do humor negro

ções. Opõe-no a Voltaire, do mesmo modo, a forma de reagir ao espectáculo da vida, como tão categoricamente o testemunham os seus dois rostos: um, disposto à perpétua chacota, o de um homem que tornou as coisas pelo lado da razão, nunca pelo do sentimento, e que se encerrou no ceptismo; o outro, impassível glacial, o de um homem que as tomou de maneira inversa, e por isso se indignou com o mundo. Alguém observou que Swift «provoca o riso sem dele participar». Precisamente por este preço pode o humor, no sentido em que o entendemos, exteriorizar o elemento sublime que, segundo Freud, lhe é inerente, e transcender as formas do cómico. A este título ainda, tem Swift direito a considerar-

FOLHETINETA UM

por Alexandre O'Neill

Agradeço a Merche tudo o que fez por mim. Agradeço a perna bem gessada. Agradeço o gesso da perna na despedida autografada a primor: «Besos/Merche». Agradeço o conhaque (?) às escondidas. E o soro. E a mosca enxotada. E a dobra no lençol. E o termómetro sacudido, posto, tirado. E o branco, a pontual brancura engomada de Merche. Agradeço da cabeça aos pés o calor fraternal de Merche. E os seus queridos cílios ao meu ouvido. O derapapar das sapatilhas de Merche no ence-



rado. E o frio pela janela aberta, mente (hombr!) de par em par. dros para além da janela, os ere dos agoiros. Bendigo Merche, suas seu sorriso, seu olhar cativante Bendigo o desastre que me er àquele hospitalete sub, sub, sub (de provincias), àquele quarto cru àquela familiar varejeira na pulv bombilla, àquela Merche — à Merche. Spain is different! Spain vely castizo country! A fatal cur tana onde o destino estava como onde esbarrámos os ossos na dura BIENVENIDOS! — dum muro, pr va Merche na minha vida, na m viravolta de vida. Conceição e C estão na paz. Pobres! Que pos por eles? Encomendei-os! Do retr riem-me? Viro-os para a parede.

R. I. P.

MERCEDES SANTOS PADILLA S
Cádiz, 1 Out. 1944
Lisboa, 2 Fev. 1970

É o

FIM!

prontuário das letras

A. (Ruben), Abarbanel, Abelaira...

Esta semana que hoje finda (semana do Prontuário, evidentemente) tem direito a ser considerada como excepcional no nosso movimento de edições. Compreender-se-á que demos a primazia a uma obra como o «Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e da Teoria Literária», de que está finalmente publicado o primeiro fascículo. Dirigido por João José Cochofel para as Iniciativas Editoriais, o «Grande Dicionário» apresenta na sua lista de colaboradores nada menos de 163 nomes, entre os quais o dos jovens estudiosos (apostamos bastante nesta sua juventude) António Borges Coelho, Dieter Woll, Eduarda Dionísio, Eduardo Prado Coelho, Gastão Cruz, João Medina e Maria Manuela Gouveia Delille.

Aliás, é da autoria de Eduarda Dionísio uma das peças mais atraentes deste primeiro fascículo — o texto sobre Augusto Abelaira. Transcrevemos um apontamento relativo ao seu último romance: «O elemento escrita está presente na maneira de existir das personagens: algumas escrevem ou pretendem escrever. A construção de *Bolor* é baseada nas propriedades da escrita que não serão mais do que, em estado puro, as propriedades da História e da Vida: possibilidade de repetição e de modificação. O reflectir sobre a escrita, mais evidente neste último romance, talvez seja um dos elementos que mais o aproximam da produção romanesca actual, sobretudo francesa. Além disso, a confusão ou, pelo menos, a justaposição da Realidade e da realidade da escrita, ou seja da não-Realidade e o desenvolvimento do parêntese como processo, que corresponde a uma conquista de terreno por parte do não especificamente romanesco, contribuem igualmente para isso. Aliás, a marcha do romance de Abelaira talvez o fizesse prever. Ela fez-se, até agora, no sentido da restrição: restrição de tema (sociedade, casamento, indivíduo) e de personagens (grupo, par, personagem central), o que levará a perguntar se *Bolor* não terá fechado um ciclo.»

O deão irlandês

Muitos e bons livros estão desde há dias nos escaparates (e não só edições portuguesas: um salto às secções espanhola da Buchholz e americana da Bertrand vale bem a pena). A Estampa, por exemplo, fez um lançamento quadruplo: «Preceitos para uso do pessoal doméstico», de Jonathan Swift; «Cantares dos trovadores galego-portugueses», selecção, introdução, notas e adaptação de Natália Correia; «Viagem na Lapónia», de Regnard; e «O arranque-corações», de Boris Vian, em tradução de Luísa Neto Jorge.

Noutro local chamamos a atenção para o clássico (de humor negro) do deão irlandês Jonathan Swift, que inclui, de resto, outros textos de similar inventiva como a «Modesta proposta para obstar a que os filhos dos pobres constituam um encargo para os pais ou o país e para os tornar úteis ao público». Versão de João Fonseca Amaral. Um livro a não perder sob nenhum pretexto.

Outros lançamentos

Num registo forçosamente rápido temos a acrescentar ainda (por editoriais):

ARCÁDIA — «A segunda morte de Ramón Mercader», de Jorge Semprun (Prémio Femina).



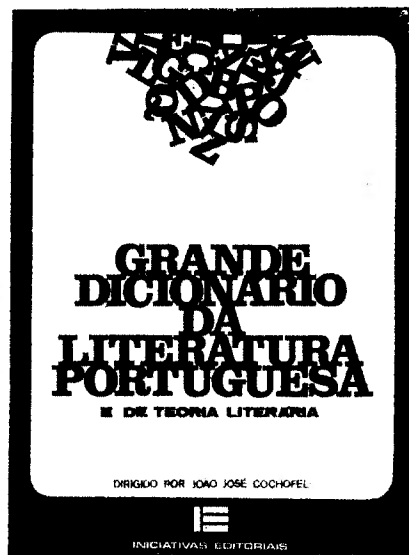
Semprun: um Prémio Femina em português

INOVA — «Fratria — diálogo com os católicos (ou talvez não)», do nosso malogrado colaborador Mário Sacramento.

EUROPA-AMÉRICA — Um estimulante William Sarrayan, «Rapazes e raparigas», e «A batalha do silêncio», de Vercors.

PRESENÇA — «Novas perspectivas da Ciência do Homem», com colaboração de Armando Castro, Barahona Fernandes, Joel Serrão, Jorge de Macedo e Nuno Portas, e «A História me absolverá», de Fidel Castro.

ESTÚDIOS COR — Uma nova colecção Filósofos de Todos os Tempos, de que salientamos «Jaspers», de Angèle Kremer-Marietti.



LIVROS DO BRASIL — O terceiro volume de «A procura do tempo perdido» («O caminho de Guermantes»), de Marcel Proust, e mais um políaco de Peter Cheyney, «Desculpe o incómodo».

MINERVA — «Um americano em Porto Rico», de Edwin Rosskam.

Poemas de Sophia

De entre os novos títulos da Don Quixote destaca-se um volume de poemas (aqui anunciado em tempo) de Sophia de Mello Breyner Andresen: «Grades». Mencionamos também «A cibernética e o homem», de Aurel David (colecção Universidade Moderna), «Suécia — mito ou realidade?», com textos de Susan Sontag, Stewart Oakley, Jean Parent e Stig Rammøll (Cadernos D. Quixote), «O conflito de gerações», da famosa antropóloga Margaret Mead, e «Chile — reformismo ou revolução?» (Documentos D. Quixote).

Fritz Von Unruh

Em Dietz-Lahn faleceu o escritor Fritz Von Unruh, figura importante da intelligentsia alemã anti-hitleriana e autor de «O oficial», «O sacrifício» e «Ainda não é o fim». Alguns fastos da sua vida: pacifista convicto, abandonou o exército quando era alferes; em 1932 fundou uma organização de resistência republicana; em 1933 exilou-se (Itália, França, Espanha, E. U. A.); voltou à Alemanha só em 1962, graças ao empenho de pacifistas como o pastor Martin Niemöller, recuperando então a cidadania alemã. Vale, claro, como fábula.

Swift

espécie, um quarto das quais do sexo masculino, o que é mais do que se costuma fazer com os carneiros, os bois e os porcos; a minha razão assenta em que tais crianças muito poucas vezes são filhas do matrimónio, circunstância a que os nossos selvagens prestam pouca atenção; eis porque um macho bastará para o serviço de quatro fêmeas; que as cem mil restantes possam, ao atingirem um ano de idade, ser oferecidas em venda às pessoas de qualidade e fortuna, por todo o Reino, avisando sempre as mães para as aleitarem com abundância, no último mês, de modo a torná-las tenras e gordinhas para uma boa mesa. (...) Estou de acordo em que este alimento será um tanto caro, e, por



consequência, só convirá aos grandes proprietários que, como já devoram a maior parte dos pais, pare-

Cont. na pág. 7

Swift um alimento delicioso

(...) Um jovem americano do meu conhecimento, homem muito entendido, garantiu-me, em Londres, que uma criança saudável e bem alimentada é, com um ano de idade, um alimento delicioso, muito nutritivo e são, tanto estufada como grelhada ou cozida, e

não há dúvidas de que ela se possa, igualmente, servir de fricassé ou guisada. Expondo, portanto, com toda a humildade, a consideração do público, que das cento e vinte mil crianças cujo cálculo se fez, vinte mil podem ser reservadas para a reprodução da

FERNANDO PESSOA: «O maior de todos os ironistas»

(...) A essência da ironia consiste em não se poder descobrir o segundo sentido do texto por nenhuma palavra dele, deduzindo-se, porém, esse segundo sentido do facto de ser impossível dever o texto dizer aquilo que diz. Assim, o maior de todos os ironistas, Swift, redigiu, durante uma das lomes na Irlanda, e como sátira brutal à Inglaterra, um breve escrito propondo uma solução para essa lome. Propõe que os Irlandeses comam os próprios filhos. Examina com grande seriedade o problema, e expõe com clareza e ciência a utilidade das crianças de menos de sete anos como bom alimento. Nenhuma palavra nessas páginas assombrosas quebra a absoluta gravidade da exposição; ninguém poderia concluir, do texto, que a proposta não fosse feita com absoluta seriedade, se não fosse a circunstância, exterior ao texto, de que uma proposta dessas não poderia ser feita a sério (...).

(In O Provincianismo Português,



JOSÉ DA CÂMARA LEME O HEROI

O mais recente romance do cronista da «REPORTER NO VIETNAME», onde se revela inesperada faceta de um estilo mordaz e poético

Colecção Autores Portugueses - 35 s
Livraria Bertrand
Apartado 37 Amadora

Swift: provocar o riso sem dele participar

guardas e bedéis, tendo nós uma multidão de poetas, poetinhas, poetas de cordel, poetas-macacos, filo-poetas e muitos outros talentos de inferior qualidade espiritual, mas muito dados às artes, que são, de longe, superiores em número aos demais. E não terei descanso enquanto este meu projecto (que a mim próprio agradeço) não for posto em prática. Anseio por ver o dia em que os

(De «Carta de avisos a um jovem poeta».)

berta matinal-
n par. E os ce-
os erectos lin-
e, suas rosetas,
ativante-cativo.
me endereçou
o, sub-regional
to crucificado,
a pulverulenta
— à minha
Spain is a lo-
al curva gadi-
como nunca,
a dura cal —
uro, prenuncia-
na minha re-
o e O FILHO
e posso fazer
o retrato sor-
rede.

LLA SIMÕES
944
970

Exposição Mobil

Cont. da pág. 3

ao espectáculo cénico), Manuel Baptista (incisivo e sensível nos seus relevos ligeiros, contraditariamente associados a um passado pictórico ao qual reconhece direitos de modernidade) e Noronha da Costa (suspensão da repetição de um mecanismo plástico muito belo e por

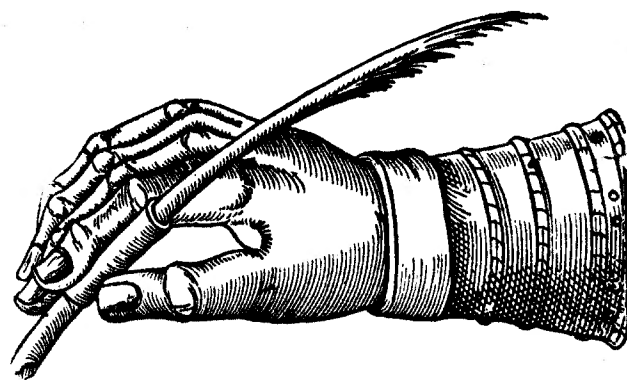
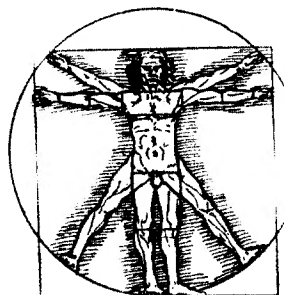
vezes enganador). As experiências de Dintel (que coisifica o instante com trapos que torna rígidos por intermédio de plástico líquido) e de Ana Vieira (que refaz e desdobra o espaço dos objectos pela intervenção de cortinas não opacas) devem ser assinaladas pela via da acção e invenção que pro-

põem e pela raridade po-lémica num salão afinal discreto. O exemplo de Cruz Filipe já foi suficientemente comentado quando da sua exposição na Galeria 111, com as suas telas capazes de receber a impressão fotográfica à qual junta um exercício pictórico de tipo tradicional. Palolo acertasse com uma escala maior, mas apenas procede a simples ampliações da sua já conhecida figuração.

A geração mais recente de pintores está representada por diversos nomes, dos quais destacamos António Mendes, Sobreiro, David Evans, Teresa Magalhães, Fátima Vaz e Graça Antunes. António Mendes continua a explorar exemplarmente a sua experiência gráfica na revelação de sinais e de memórias de espaço: Sobreiro aparece a desdobrar o plano segundo ritmos visuais que se acertam a uma particular penetração do real; David Evans reinventa ironicamente a presença do ob-

jecto no espaço-espectáculo da pintura; Teresa Magalhães evoca o recorte «pop» dos manequins do quotidiano; Fátima Vaz formula uma poética singularíssima por formas que associam o insólito ao mundo da infância, confundindo o reino vegetal e o animal numa recuperação que faz apelo ao maravilhoso; e Graça Antunes traz alguma coisa da cidade para uma pintura simultaneamente bidimensional e tridimensional, feita por um cenário que o movimento e o imaginário povoam.

ROCHA DE SOUSA



«AO KM ZERO»

O N.º 20 deste suplemento cultural publicado pelo jornal «Reconquista» de Castelo Branco inclui colaborações de Luís de Miranda Rocha («Beckett»: escrever para quê?...), Rocha de Sousa («Visão e Criação»), Carlos Porto («Antes dos Gregos», segundo artigo de «O Teatro no Tempo»), Edouard Roditi (crítica à exposição de Manuel Cargaleiro apresentada pela Gulbenkian em Paris), Ruy Belo

(«Dois poemas»), José Correia Tavares («Dois poemas») e Eduardo Olímpio («Bialzepão-25», poema).

Embora sem um espírito peculiar (ou seja: uma particular forma de intervenção) o suplemento «Ao Km Zero», que é coordenado por José Correia Tavares, reúne originais de suficiente qualidade literária e apresenta um vistoso aspecto gráfico.



Na intimidade da
melhor refeição...
vinhos de mesa das

**CAVES
IMPÉRIO**

LISBOA - SANGALHOS - PORTO



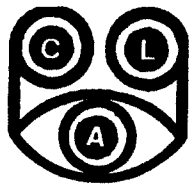
belarte

OLHE! ESCUTE! FALE!



Cursos rápidos de INGLÊS, FRANCÊS, ALEAO e PORTUGUÊS.

Inscrições agora. Vários níveis e especializações incluindo inglês para MÉDICOS, ENFERMEIROS, ENGENHEIROS, BANCÁRIOS e HOMENS DE NEGÓCIOS.



**CENTRO AUDIO-VISUAL
DE LÍNGUAS**

Esq

Tel. 3 49 88

EM CASCAIS MORADIAS COM ÓPTIMA VISTA DE MAR

Em local tranquilo e de grande valorização, com óptimos e originais acabamentos, isoladas ou geminadas

Desde: 450 contos

Proprietário: **J. Baraona**

«Edifício Cascais»

Av. Valbom, 28-1.º

Telef.: 28 23 45 — Cascais

TAP - um modo de viajar

diariamente...

AMÉRICA



**TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES**

DIARIAMENTE, sim, porque os negócios não podem esperar. Pois bem, pode partir já amanhã, porque a TAP voa diariamente para os Estados Unidos abrindo-lhe ao longo do ano, através de New York ou de Boston, esse mundo de negócios que é o MERCADO AMERICANO.

Todos os dias, sim, assegurando aos seus passageiros-homens-de-negócios uma assistência permanente: em terra, na origem e no destino — a ida e no regresso — graças a um serviço de bordo impecável de atenções. Acerte a sua hora pela hora da TAP.



Escritórios em: BOSTON - CHICAGO - LOS ANGELES - NEWARK - CLEVELAND - NEW YORK - FILADELFIA - S. FRANCISCO - WASHINGTON

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado.

MARCA 70

Swift

Cont. da pág. 5

cem ter mais direito sobre os filhos (...) Calculei já o custo da alimentação de um filho de mendigo (e faço entrar nesta lista os que possuem a sua casita no campo, os jornaleiros e 4 quintos dos lavradores) que é de dois xelins por ano, trapos incluídos, e creio que nenhum cavalheiro lamentará dar dez xelins pelo corpo de uma criança rechonchuda que, como já

dise, dará quatro pratos de carne excelente e nutritiva, desde que o dito senhor tenha apenas um amigo íntimo, ou a gente de casa a comer com ele. O senhor fidalgo aprenderá, assim, a ser um bom proprietário, tornando-se popular entre os seus rendeiros; a mãe receberá oito xelins de lucro líquido, e ficará em estado de trabalhar até produzir outro filho (...)

(De «Modesta proposta para obstar a que os filhos dos pobres constituam um encargo para os pais ou o País e para os tornar úteis ao público»).

Swift

resoluções para quando envelhecer

Não casar com mulher nova.

Não procurar a companhia da gente moça, a menos que ela o queira.

Não ser impaciente, nem rabugento, nem descontentado.

Não depreciar o presente, as suas concepções, modas, homens, guerras, etc.

Não ser doido por crianças, mas também não as repelir.

Não estar sempre a contar a mesma história às mesmas pessoas.

Não ser avaro.

Não negligenciar o decoro, ou o asseio, para não cair na sordidez.

Não ser demasiado severo para com a gente nova, mas ser tolerante para as suas loucuras e fraquezas.

Não ser influenciado, em dar ouvidos a ditos e mexericos de criados, ou seja de quem for.

Não estar sempre a dar conselhos, a menos que mos peçam.

Pedir a alguns bons amigos que me apontem, entre estas resoluções, aquelas que eu não tiver cumprido ou tiver negligenciado, e em que; e modificar-me de acordo com essas críticas.

Não falar de mais, sobretudo de mim.



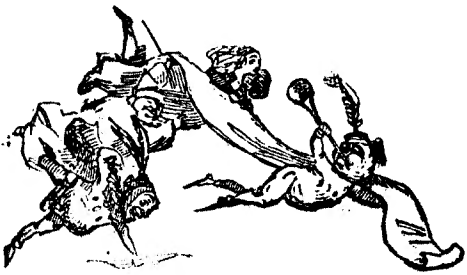
Não me gabar da minha beleza passada, da minha força, nem do meu valimento junto das damas, etc.

Não dar ouvidos à lisonja, nem pensar que posso ser amado por uma jovem, «et eos qui hoereditatem captant, odisse ac evltare».

Não ser categórico nas minhas afirmações, nem teimoso.

Não me dispor a cumprir todas estas regras, por receio de não observar nenhuma delas.

(Escrito em 1699)



Teixeira de Pascoaes com José Gomes Ferreira

TEIXEIRA DE PASCOAES

Obras completas

VI volume

Livraria Bertrand Lisboa, 1970

SOB A ORIENTAÇÃO do prof. Jacinto do Prado Coelho surgiu o sexto e último volume da obra poética de Teixeira de Pascoaes (1877-1952). De acordo com o critério cronológico que foi adoptado para todos os volumes este inclui, além de um índice geral dos anteriores, os poemas de:

Painel — 1935;
Versos Pobres — 1949;
Últimos Versos — 1953;
Dispersos — 1911 a 1954.

Um dos aspectos curiosos deste último volume dos poemas do «Mestre do Saudosismo» é ele incluir também, sob o título *Outros poetas falam de Pascoaes*, uma selecção de textos de Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, Sebastião da Gama, José Régio, Eugénio de Andrade e José Gomes Ferreira.

Por nos parecer interessante aqui deixamos registados alguns apontamentos desses textos:

Vitorino Nemésio

Mais importante do que estas dimensões da obra de Pascoaes é o seu lusismo lírico, a sua poderosa intuição das raízes da nossa etnia e dos temas centrais do sentir e do ser

portugueses. Essa orientação que levou o poeta, na sua maturidade da intelectual, à ruidosa chefia do movimento «saudosista» do Porto, que ousadamente aspirou à formulação de uma espécie de filosofia nacional messiânica (pág. 229).

José Gomes Ferreira

Depois do «Sempre» adquiri todos os livros que

POESIA & NÃO

me vieram às mãos no pó dos alfarrabistas, e devo-rei-os, como se devora naquelas idades: com os dentes da alma, com os olhos, com o coração, com a pele, até os versos se me dissolverem no sangue. E há trinta anos que os releio com o mesmo impeto de paixão. (pág. 275).

Sebastião da Gama

O rapazinho que foi da saudosa Arrábida ao trágico Marão levava dois livros do Mestre. Ia mostrar os problemas, perguntar se estavam certos. Lá ficou o Mestre com eles com a promessa de não dizer dele senão o que pensa. A um poeta não se mente. (pág. 249).

Jorge de Sena

(...) a obra sofrerá de uma desactualização que não possuía nem merece. (...) O caso de Teixeira de Pascoaes não anda longe disso. Mas, porque o poeta, para transcrição da sua personalidade original, da sua estranhíssima receptividade, das suas heréticas intuições, nem sempre buscou uma forma, uma temática e

uma imagística tão originais e estranhas como elas, resulta daí não ter, pelo próprio aspecto dos seus textos, repellido de si aquelas admirações frustres e elogios pedantes que embora indignos da alta mensagem do Poeta, puderam identificar-se com um parente sentimentalismo fácil e uma aparente vulgaridade (...) (pág. 239).

Eugénio de Andrade

— E Fernando Pessoa? — Era um grande crítico não há dúvida.

Eu permiti-me acrescentar:

— E um grande poeta, Pascoaes!

Ele não concordou (...).

(pág. 267).

Uma tarde (...) combinámos ouvir uns discos. O Pascoaes, por coincidência, não foi à praia. Chuviscava. Pusemos a Noite Transfigurada no pick-up. Passados minutos verificámos que o nosso poeta se tinha retirado. Vim encontrá-lo noutra sala a folhear um livro. Música — disse-me ele, só a das esteras e o fado cantado pelo Hilário (pág. 270).

A EMPRESA ACTUAL IMPÕE UMA CONTABILIDADE MODERNA

PLANEAMENTO DA CONTABILIDADE MODERNA

14 a 18 de Dezembro — curso de 30 horas

Este curso proporcionar-lhe-á a resolução de problemas e o seu confronto com outras experiências, beneficiando de ter sido TESTADO E MELHORADO NO DECURSO DE MAIS DE 30 ESTAGIOS. Poderá ainda tomar contacto com o Projecto de Plano de Contas Nacional, através da análise que será feita.

A orientação pertencerá ao Dr. António Pereira Silvão, economista, chefe do Departamento de Organização, Contabilidade e Finanças da NORMA.

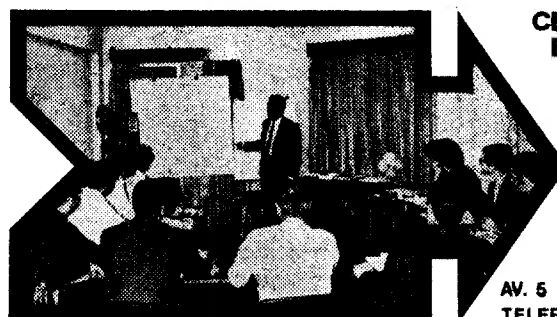
O ESTAGIO INTERESSA A:

- Directores Administrativos
- Chefes de Contabilidade
- Chefes de Controlo Orçamental
- Chefes de Custos
- Funcionários da Administração Fiscal
- Auditores

NORMA

CENTRO DE FORMAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO

INFORMAÇÕES
E INSCRIÇÕES:



AV. 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA
TELEFONES 767608-767711/12

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA

DAS MELHORES MARCAS
AUTOMÁTICAS

DESDE
4.750\$00

OFERTA DE DETERGENTES PARA UM ANO
E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA

Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telex 47769

Largo de D. Estefânia, 12-D — Telex 534536

CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

DE GERNESBACK À APOLO 11

por António Augusto Menano

1 — Ralph 124 C 41 + foi o primeiro livro onde apareceu o termo «science-fiction». Editado em 1911, era seu autor um americano, Hugh Gernesback, que os seus contemporâneos não levaram a sério. Estava-se no início de um século que desvendava já inúmeras possibilidades tecnológicas numa era industrial-capitalista, com todas as implicações sociológicas que iriam merecer a escritores como Sinclair Lewis, Ring Lardner e Damon Runyon uma análise cimentada num estilo jornalístico em oposição à fantasia de Gernesback, que acabou por ser considerado um autor de temas, quanto muito para adolescentes.

Evidentemente que ao pragmatismo então reinante nos Estados Unidos não era simpático um tipo de literatura que poderemos apontar a livros como «Les États Empires de la Lune et Les États de l'Empire du Soleil» que o genial Cyrano de Bergerac subordinou ao título «l'Autre

ceito Rosacruz do Cosmos» (1) designa por época Atlântica. Abro aqui um parêntese para referir o facto de ter sido, ao que parece, Fernando Pessoa um discípulo daquele conceito.

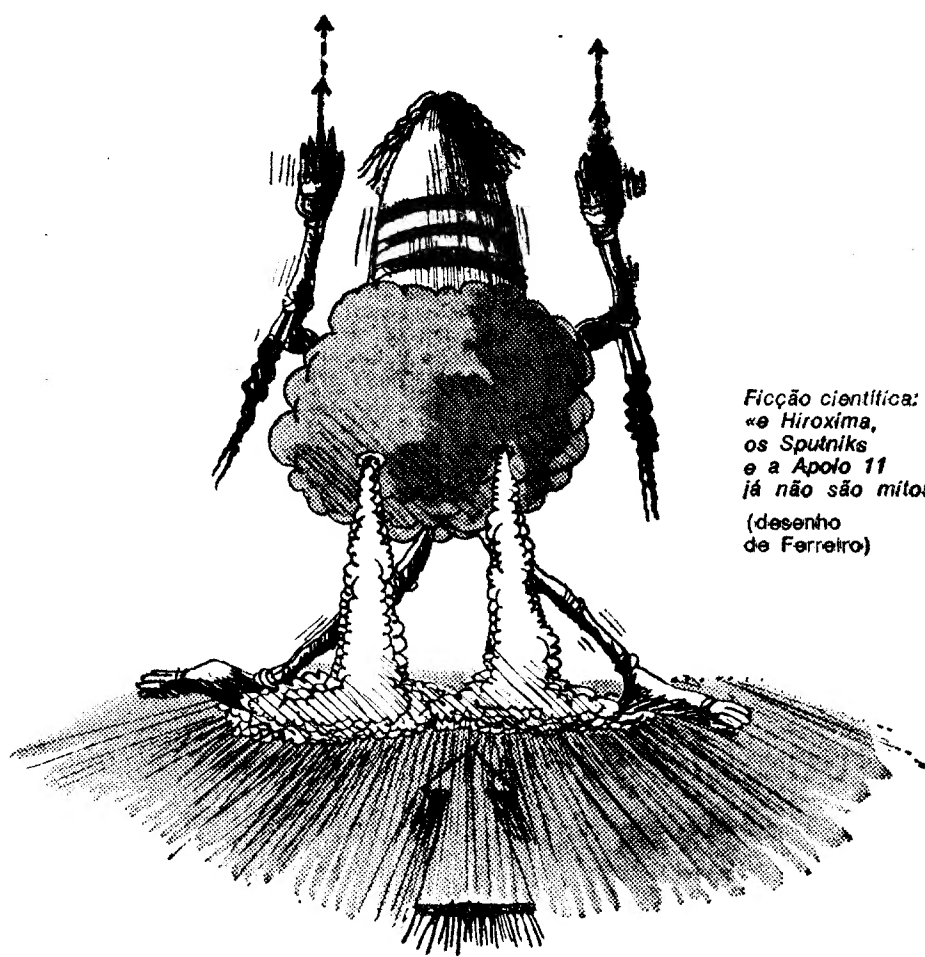
2 — Não se fica por aqui a ilustre árvore genealógica daqueles que se podem considerar precusores da ficção científica, aparentada com a literatura de imaginação que a tantos pensadores de índole sociológica ofereceu o veículo ideal para criticarem a sua época, utopias desmitificando a realidade pela sua mitificação crítica. Poderá parecer isto um contra-senso. Recordemo-nos, porém, da Cidade de Deus «de Santo Agostinho, da Nova Atlântida de Francis Bacon, da «Cidade do Sol» de Campanella e das «Viagens de Gulliver» de Swift (2).

Também autores como Alfred Jarry, em «Gestes et opinions du docteur Faustroll» e Karel Capek, com os seus já traduzidos entre nós «R. U. R.», e «A Guerra das Salamandras» (3)

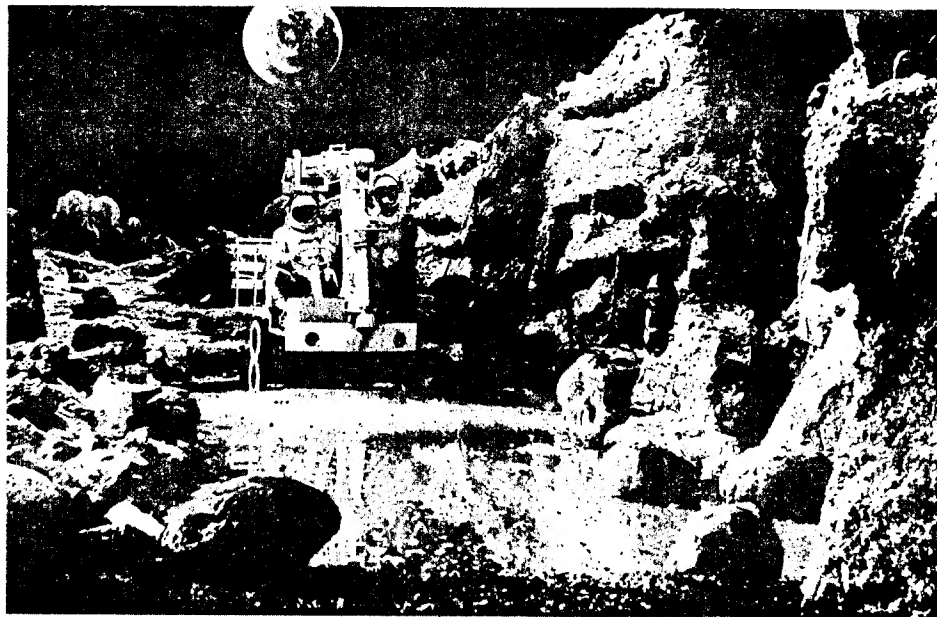
explosão gigantesca primordial, um big bang, mas por uma «impulsão», isto é, exactamente o contrário, uma violenta contracção cósmica ou de energia em suspenso no vazio universal, teoria que tem o mérito de corresponder à explicação do «Antigo Testamento» sobre a passagem da confusão primitiva para o mundo material (4). Igualmente os U. F. U. S. (usualmente designados por «discos voadores») dividem opiniões, evocando-se textos vedas ou pinturas medievais para os defender.

Daqui se conclui (evidentemente com uma dose mais ou menos de crítica) que há uma possibilidade de justificação para ecos míticos, farrapos enigmáticos de passado.

4 — Para já, o que me interessa é situar a f. c., como um género literário definindo-se em moldes próprios, embora utilizando caminhos já tentados pelo realismo fantástico, pela literatura de aventuras e mesmo pela literatura política. Parece-me, no entanto,



Ficção científica:
«e Hiroxima,
os Sputniks
e a Apolo 11
já não são mitos...»
(desenho
de Ferreira)



Uma «nova mitologia» que serve à nossa época...

Monde» Curiosamente, Cyrano viveu de 1619 a 1655, praticamente contemporâneo de Descartes, do racionalismo e do «método». Mas, os visionários sempre existiram. Já Platão no século V antes de Cristo «analizava» a Atlântida, continente desaparecido, mito fecundo que os discípulos de Heráclito retomaram e que Max Heinzel, fundador da «Fraternidade Rosacruz», autor do «Con-

praticam o género pelo menos tangencialmente.

3 — Hoje, já o homem poisou na Lua que alguns escritores científicos russos consideram poder ser uma gigantesca nave-cósmica saída da profundidade dos milénios. Mais ainda, recentemente na Assembleia da União Internacional de Astronomia, em Brighton, o professor norte-americano Harold Urey explicou «a criação do Mundo não por uma

to, que nestes dois últimos casos estaremos em presença do abastardamento de um género que a análise sociológica tem ido buscar as suas melhores vias.

Perfeitamente inteligível é ter a literatura de ficção científica uma linguagem própria. Não me refiro, evidentemente, a termos como «mutantes», «naves cósmicas», «guerras no tempo», «galáxias», «cérebros pel-

cotrónicos» «andróginos» e tantos outros empregados por vezes com uma desconcertante negligência. Quero considerar, sim, uma «linguagem» que apesar de seguir, aparentemente, caminhos opostos nas literaturas de f. c. americana e russa (falo desta com toda a pressa de quem apenas conhece muito poucos textos) se vem revelando «rigorosamente» deste nosso século.

5 — Literaturas refletindo as diferentes concepções da vida em sociedade, a capitalista e a socialista, preocupando-se ambas em colocar questões primordiais, como a que tipo de sociedade conduzirá o progresso tecnológico, em que medida o indivíduo não se sentirá «empenhado», ao atingir as estrelas em sentir-se «senhor» do universo (o que vem assumir aspectos «religiosos» e éticos impenhados); qual o papel da automação na anulação da liberdade de agir do homem (5); quais os caminhos da sociedade de consumo; como resistirá a família ao progresso; o problema racial (já não entre brancos e negros e amarelos, mas entre a raça humana e os outros seres (6) etc... Questões formais têm igualmente, brotado no género, como é o caso de «A Superfície do Planeta» (7), de Daniel Drode que foi comparado a Kafka. Curioso que a f. c. de extracção soviética assumia um carácter muito mais preocupado em ensinar. Uma nova via oficiososa de canalizar para o cidadão comum, mas «moderno», os ensinamentos da ciência. Permitto-me dizer: um folhetim capaz de ensinar, divertindo (8).

6 — Que esta «nova mitologia» serve à nossa época poderia ser provado, pelo argumento da autoridade, se nós aceitássemos que o facto de cientistas, como Fred Hoyle, Huxley e A. M. Loy (para só referir alguns traduzidos entre nós) terem escrito livros de f. c., explicaria alguma coisa. Na minha opinião, as obras usualmente designadas como pertencendo ao género caracterizam-se por uma visão «informática» (para utilizar um palavrão agora em voga) da realidade, seja ela sociológica, seja tecnológica, seja política, seja ética. Desconhecer autores como Bradbury, Asimov, Vonnegut Jr, Alfred Bester, Arthur C. Clark, John Wyndham e Leonid Onochko, é um erro. Tanto mais que Huxley, Orwell, H. G. Wells e Buzatti pertencem ao vocabulário do intelectual «descansado». O fundamental é escolher o

trigo do joio. Pois lá como cá mais fados há. E Hiroxima, os Sputniks e a Apolo 11 já não são mitos.

1) — Editado em S. Paulo em 1948.

2) — Editado em Portugal pela Editorial Presença na sua colecção «Clássicos».

3) — Editadas por «Livros do Brasil», na Colecção «Argonauta».

4) — In Suplemento «A Semana» de «A Capital» de 30-10-70.

5) — Ver «Utopia 14», n.º 158/9 da «Colecção Argonauta».

6) — Ler, entre outros, «Sangue da Terra», de Keith Laumer e Rosel Brown e «Guerra no Tempo», de Clifford D. Simak, n.º 160 e 34 da «Colecção Argonauta».

7) — N.º 61 da «Colecção Argonauta».

8) — «Operação Vénus», de Leonid Onochko, n.º 73 da «Colecção Argonauta».



SAM

COMO CRÍTICO LITERÁRIO:
O MEU DEVER É CRITICAR ESTE LIVRO.

VOU FAZER UMA AUTOCRÍTICA

INTELLECTUAL, OBJECTIVA E HONESTA.

COMEÇAREI POR ME INSULTAR...